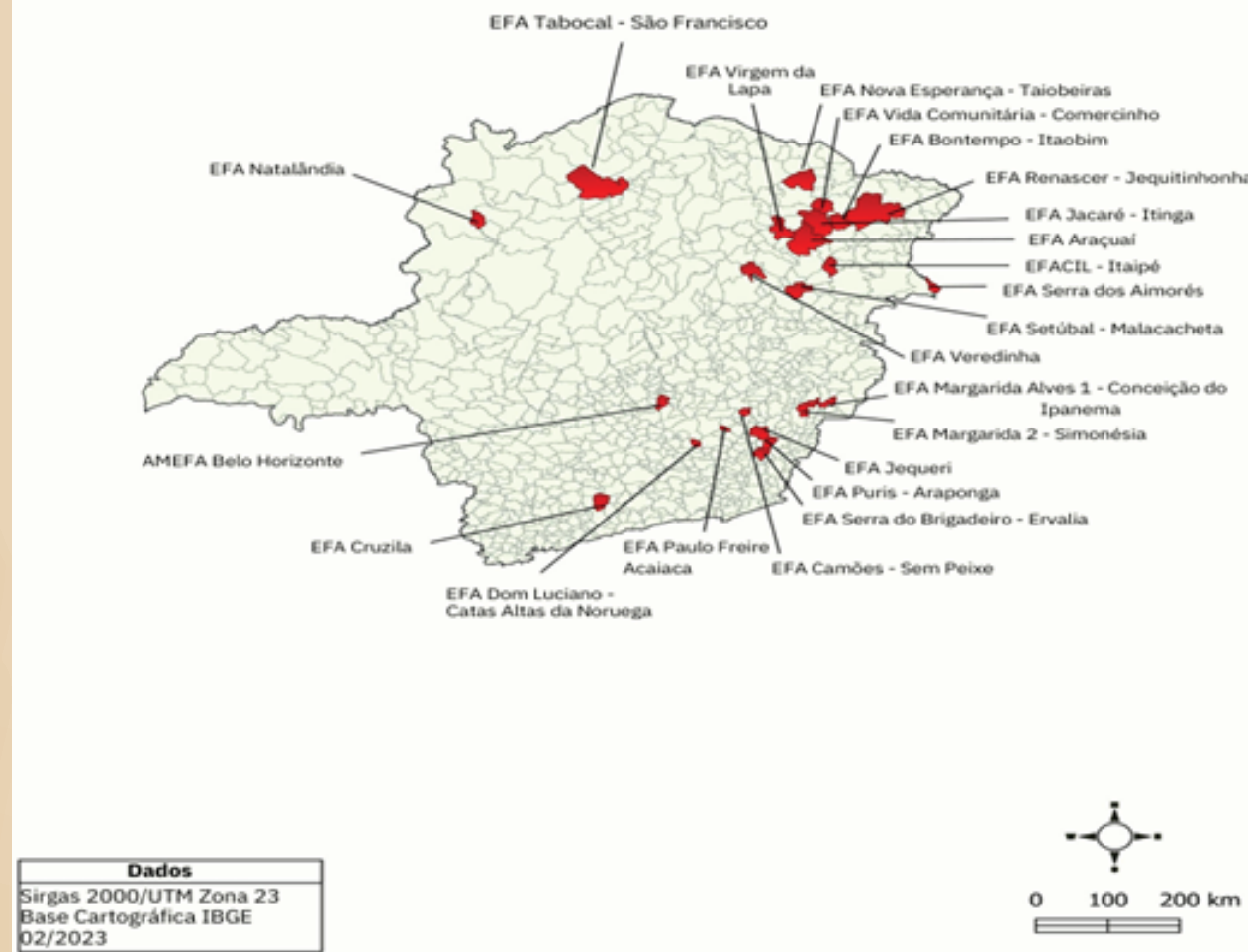


Ao constituir a parceria dos nossos projetos numa mesma sintonia de luta pelas causas da vida, temos a alegria de fazer parte da história das EFAs em Minas Gerais. Nesse material, são as famílias nosso pilar. São mais de 20 escolas em todo o estado, cerca de 3 mil jovens que têm na produção agroecológica, com perspectiva de renda e permanência no campo, como uma escolha diante de sua formação e consciência do mundo. Esse Plano de Formação das Famílias, organizado com experiências de formação contextualizada, não poderia deixar a principal força das nossas escolas, as famílias, fora dos seus objetivos. Essa parceria dos mandatos do Projeto Juntos para Servir, deputado federal Padre João e do deputado estadual Leleco Pimentel com a AMEFA, por meio de recursos para a elaboração, organização e publicação desse caderno é demonstração da responsabilidade e força dessa nossa histórica parceria de luta e caminhada.

João Carlos Siqueira

Escolas Famílias Agrícolas Presentes em Minas Gerais



A Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícolas (AMEFA) é filiada à União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (UNEFAB)



Apoio



PLANO DE FORMAÇÃO DAS FAMÍLIAS - AMEFA

FORMAÇÃO DAS FAMÍLIAS

Trabalho de Base permanente nas Escolas Famílias Agrícolas



Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícolas



Neste subsídio de formação, o percurso de leitura aborda temas centrais como as questões de gênero, o mundo do trabalho, as políticas públicas para a agricultura familiar, a organização produtiva e solidária, bem como os desafios da agroecologia em tempos de mudanças climáticas irreversíveis na vida do planeta. O projeto Juntos para Servir, deputados, Leleco Pimentel e Padre João, têm se dedicado em apresentar, seja na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, seja na Câmara dos Deputados, leis que ampliem os direitos e acesso das Escolas Famílias Agrícolas aos recursos e às políticas públicas de fortalecimento da agricultura e da agroecologia como ferramentas de segurança alimentar e perspectivas de dignidade da vida no campo. Mantemos firme essa parceria com as escolas, estudantes da educação básica e superior e famílias, fortalecendo uma educação crítica e libertadora.

Leleco Pimentel

FORMAÇÃO DAS FAMÍLIAS

Trabalho de Base permanente nas Escolas Famílias Agrícolas

(Orgs.)

João Batista Begnami – Amefa

Mônica Rodrigues Teixeira – Amefa

Revisão

Neltinha – EFA de Veredinha

Raíssa Pereira – EFA Vida Comunitária

Coordenação:

João Batista Begnami

Mônica Rodrigues Teixeira

Ricardo Ferreira Vital

Idalino Firmino dos Santos

Janecléide Lima de Matos

Associação Mineira das Escolas Família Agrícola – AMEFA

Belo Horizonte/MG, Brasil

2025



EPÍGRAFES

Analfabeto Político

*“O pior analfabeto é o analfabeto político.
Ele não ouve, não fala,
nem participa dos acontecimentos políticos.
Ele não sabe que o custo de vida,
o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio
dependem das decisões políticas.
O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo
que odeia a política.
Não sabe o imbecil que, da sua ignorância política,
nasce a prostituta, o menor abandonado,
e o pior de todos os bandidos que é o político vigarista, pilantra, o corrupto
e **lacaio** dos exploradores do povo [...].”*

Bertold Brecht.

Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/brechtantologia.htm>

“Conhecimento liberta”

José Martí

Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícolas - AMEFA

Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícolas

Rua Olívia Maria de Jesus, nº 1710, Bairro Floramar, CEP: 31742-036

Belo Horizonte – Minas Gerais - Tel.: (0xx31) 3434 -0003

E-mail: amefaefa@yahoo.com.br

Publicado por Pragma Livros

Organizadores: João Batista Begnami e Mônica Rodrigues Teixeira

Revisão: Elvys Milde da Silva

Capa: Nayandra Pinheiros Santos

Ilustração: Nayandra Pinheiros Santos

Editor: Breno Frossard

Projeto gráfico e diagramação: Elvys Milde da Silva

Nota:

Todos os textos, imagens, conteúdos e direitos autorais são de propriedade da Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícolas – AMEFA – e dos organizadores que elaboraram e cederam seus textos.

É permitido fazer cópia, impressão, distribuição desde que mantenha os créditos à AMEFA e seja para fins exclusivamente não comerciais.

Ficha catalográfica:

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Formação das famílias : trabalho de base
permanente nas escolas famílias agrícolas /
(orgs.) João Batista Begnami, Mônica
Rodrigues Teixeira. -- 1. ed. --
Belo Horizonte, MG : Editora Pragma, 2025.

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-84090-01-9

1. Agricultura familiar 2. Educação no campo
3. Família e escola I. Begnami, João Batista.
II. Teixeira, Mônica Rodrigues.

25-312200.0

CDD-370.1931

Índices para catálogo sistemático:

1. Família e escola : Educação 370.1931

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

DEDICAÇÃO

*Às famílias camponesas que lutam
pela Educação do Campo
e constroem o Movimento
das Escolas Famílias Agrícolas
e da Pedagogia da Alternância*

ASSUNTOS

DEZ DICAS PARA O USO DESTE MATERIAL	11
PRIMEIRAS PALAVRAS	13
CAPÍTULO 1: UMA VISÃO DA ABRANGÊNCIA DA FORMAÇÃO DAS FAMÍLIAS	17
1.1 <i>A Formação das Famílias na linha do tempo</i>	17
1.2 <i>Abrangência da formação das famílias</i>	18
1.3 <i>Por que é importante investir na formação das famílias?</i>	19
CAPÍTULO 2: TRABALHO DE BASE PERMANENTE NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA	21
2.1 <i>Introdução</i>	21
2.2 <i>Uma análise conjuntural da realidade brasileira e o processo de exclusão da participação social da classe trabalhadora na sociedade</i>	22
2.3 <i>Os objetivos do trabalho de base</i>	24
2.4 <i>Mas, afinal, o que que é Trabalho de Base?</i>	26
2.5 <i>O que é base?</i>	27
2.6 <i>Onde estão as forças do Trabalho de Base?</i>	29
2.7 <i>Qual é a eficiência e eficácia do Trabalho de Base?</i>	31
CAPÍTULO 3: PLANO DE FORMAÇÃO DAS FAMÍLIAS	35
3.1 <i>Eixos estruturantes</i>	35
3.2 <i>Os temas</i>	36
3.3 <i>Os Encontros</i>	37
3.4 <i>A duração da formação e a Carga Horária</i>	37
3.5 <i>Certificação</i>	38
3.6 <i>Matriz da formação das famílias</i>	39
3.7 <i>Temas que devem ser comuns para se garantir unidade na diversidade</i>	41
3.8 <i>Temas que podem ser flexibilizados</i>	41
CAPÍTULO 4: METODOLOGIA: PASSO A PASSO NA ORGANIZAÇÃO DOS ENCONTROS DE FORMAÇÃO	43
4.1 <i>Referência na metodologia da Pedagogia da Alternância</i>	43
4.2 <i>Temáticas agrupadas por encontros de formação no Ensino Médio e Técnico</i>	44
4.3 <i>Fichas de Planejamento de conteúdos e metodologia para os temas</i>	44
Ficha 1 - <i>Contrato de Formação - Ritual de entrada na Associação EFA</i>	46
Ficha 2 - <i>Mediações Didáticas da Pedagogia da Alternância</i>	47
Ficha 3 - <i>História e valores atuais da família e o seu papel na formação dos/as filhos/as.</i>	48
Ficha 4 - <i>História da nossa EFA</i>	49
Ficha 5 – <i>O trabalho o seu papel na formação humana</i>	50

<i>Ficha 6 - Agricultura Familiar Camponesa</i>	51
<i>Ficha 7 - As parcerias na formação por Alternância em nossa Associação EFA</i>	52
<i>Ficha 8 – Relação pais e filhos</i>	53
<i>Ficha 9 - Agroecologia e produção de alimentos saudáveis</i>	54
<i>Ficha 10 - O funcionamento da nossa Associação EFA</i>	55
<i>Ficha 11 – Projeto de Vida e Profissional do Jovem e o Projeto de Orientação Profissional</i>	56
<i>Ficha 12 - Relações de gênero no campo</i>	57
<i>Ficha 13 - A relação da nossa EFA com a Cultura Camponesa</i>	58
<i>Ficha 14 - Orientação vocacional e a escolha profissional dos/as jovens</i>	59
<i>Ficha 15 - Políticas públicas para a Agricultura Familiar</i>	60
<i>Ficha 16 - Organização produtiva solidária na Agricultura Familiar e acesso a mercados</i>	61
<i>4.4 Sugestão de Planejamento de um encontro</i>	62
CAPÍTULO 5: TEXTOS-BASE	65
Texto-base I – CONTRATO DE FORMAÇÃO: O RITUAL DE ENTRADA COMO SÓCIO/A NA ASSOCIAÇÃO EFA	66
Texto-base II – MEDIAÇÕES DIDÁTICAS DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA	69
Texto-base III - HISTÓRIA E VALORES ATUAIS DA FAMÍLIA E O SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DOS/AS FILHOS/AS	77
Texto-base IV - HISTÓRIA DA NOSSA EFA	79
Texto-base V - O TRABALHO E O SEU PAPEL NA FORMAÇÃO HUMANA	83
Texto-base VI – AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA	88
Texto-base VII - AS PARCERIAS EM NOSSA EFA	91
Texto-base VIII – RELAÇÃO PAIS E FILHOS	95
Texto-base IX – AGROECOLOGIA E ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL	98
Texto-base X - FUNCIONAMENTO DA NOSSA ASSOCIAÇÃO EFA	99
Texto-base XI - PROJETO DE VIDA E PROFISSIONAL DO JOVEM E O PROJETO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL	103
Texto-base XII - RELAÇÕES DE GÊNERO NO CAMPO	104
Texto-base XIII - RELAÇÕES DA NOSSA ASSOCIAÇÃO EFA COM A CULTURA CAMPONESA	108
Texto-base XIV – ORIENTAÇÃO VOCAIONAL E ESCOLHA PROFISSIONAL DO/A JOVEM	111
Texto-base XV - POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A AGRICULTURA FAMILIAR	117
Texto-base XVI - ORGANIZAÇÃO PRODUTIVA SOLIDÁRIA NA AGRICULTURA FAMILIAR E ACESSO A MERCADOS	118
REFERÊNCIAS	119
CANCIONEIRO	121

DEZ DICAS PARA O USO DESTES MATERIAIS

1º - Conhecer este material – Tarefa da equipe educativa da Escola Família Agrícola (EFA) e do Conselho de Administração da Associação Escola Família Agrícola (AEFA).

2º - Conscientizar-se da importância da formação das famílias como trabalho de base permanente de construção estratégica de novas lideranças, e maior envolvimento e responsabilidade das famílias na vida educativa da EFA e administrativa da Associação EFA.

3º - Constituir uma **Comissão de Formação das Famílias** na EFA, envolvendo educadores e membros do Conselho de Administração da AEFA e escolher o/a coordenador/a desta comissão. Ela deverá puxar o calendário de planejamento anual e as reuniões de preparação de cada encontro.

4º - Compreender a formação das famílias como um plano que busca dialogar com o plano de formação dos estudantes; por isso, os encontros devem ser com famílias de cada ano/série.

5º - Planejar o calendário anual dos Encontros das Famílias do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio, ou da 6ª, 7ª, 8ª e 9ª série do Ensino Fundamental II, logo ao final ou início do ano, para o ano todo. Ideal é inserir este planejamento no Calendário Escolar.

6º - Planejar os encontros com bastante antecedência, organizando a programação, o convite às famílias, os materiais e recursos didáticos necessários, as pessoas convidadas para colaborar, o ambiente, a forma de acolhida etc.

7º - Utilizar este Plano de Formação das Famílias como referência para o planejamento.

8º - Ter uma visão sobre o que é o trabalho de base na concepção deste material.

9º - Ter uma visão da abrangência da Formação das famílias e do plano aqui proposto.

10º – Observar as FICHAS de planejamento de conteúdo e metodologia e os Textos-Base relativos aos temas como ponto de partida dos processos de organização pedagógica dos encontros, mantendo foco na importância da formação como estratégia de formação e multiplicação de lideranças e mobilização da participação das famílias na vida educativa e associativa da EFA.

PRIMEIRAS PALAVRAS

Com grande alegria trazemos à luz o Plano de Formação das Famílias, principalmente aquelas associadas às associações gestoras das Escolas Famílias Agrícolas (AEFAs). Uma ferramenta de luta para mobilizar a participação efetiva e autônoma das famílias visando fortalecer as Escola Família Agrícola (EFAs) e suas associações.

Uma família que decide colocar os/as filhos/as para estudar numa EFA toma esta decisão por acreditar que a proposta formativa desenvolvida por este modelo educativo é diferenciada. Uma das diferenças está na organização dos tempos e espaços escolares em alternâncias entre a escola-família-comunidade. O tempo na escola, chamado de Sessão Escolar, fica na responsabilidade do olhar e acompanhamento dos/as monitores/as, mas o tempo na família-comunidade, chamado de Estadia no Meio Socioprofissional, deve ser acompanhado pela família.

Outra diferença importante é o caráter cooperativo, comunitário da EFA, pois não se trata de uma escola pública estatal nem privada, mas comunitária. A administração da EFA passa pela associação das famílias, e as famílias podem e devem permanecer participando desta organização por toda a vida, mesmo depois da formatura dos/as filhos/as.

Por isso, colocar filhos/as para estudar na EFA tem duas implicações importantes e fundamentais: a de se responsabilizar-se mais efetivamente pelo acompanhamento das atividades formativas dos/as filhos/as nas Estadias Socioprofissionais (tempo em que os estudantes passam em suas casas e comunidades) e a de atuar na vida associativa da EFA como sócio/a, podendo assumir cargos de dirigente e conselheiro, seja como presidente, secretário ou tesoureiro na diretoria executiva, ou membro do Conselho de Administração, ou do Conselho Fiscal.

Neste sentido, o planejamento de um processo de formação contínua das famílias, pessoas e entidades parceiras associadas a uma associação mantenedora da EFA, para a participação efetiva nas atividades associativas, visando às finalidades da autonomia e autodeterminação deste projeto, torna-se uma necessidade premente e permanente.

Os objetivos do Plano de Formação das Famílias das EFAs são:

Objetivo geral:

Ajudar as famílias a recuperarem o seu papel pedagógico, em vista de atingir o perfil da família preparada como parceira na formação por alternância e na gestão associativa da EFA.

Objetivos específicos:

- a) Promover a integração família-escola e escola-família-comunidade;
- b) Proporcionar à família a consciência de sócio nato a partir da matrícula dos/as filhos/as na EFA;
- c) Conscientizar a família sobre o princípio da autogestão da EFA pelos/as agricultores/as e a importância da sua participação na vida associativa do centro educativo;
- d) Contribuir para que a família compreenda o seu papel no processo pedagógico da formação dos/as filhos/as, na dinâmica das alternâncias, principalmente, no acompanhamento da Estadia Socioprofissional;
- e) Fortalecer a estrutura administrativa da EFA e suas relações internas;
- f) Distinguir a função de monitor, professor, educador e colaborar para que exerçam seus papéis e o trabalho pedagógico de forma colaborativa, em equipe, contando com a participação solidária das famílias;
- g) Compreender o funcionamento das mediações didáticas da Pedagogia da Alternância e os papéis de cada um/a na implementação e êxito dessas mediações;
- h) Potencializar a auto-organização dos estudantes, dos monitores e das famílias como uma das mediações didático-pedagógicas da alternância;
- i) Conceber e fortalecer o princípio pedagógico da pesquisa na Pedagogia da Alternância, por meio do Plano de Estudo como guia da dinâmica da Alternância;
- j) Conceber e fortalecer a realidade, o trabalho, a produção e a reprodução da vida, e a produção cultural como princípio e fim do processo educativo;
- k) Conceber e fortalecer o Projeto Profissional do Jovem ou o Projeto de Orientação Profissional como estratégia de intervenção na realidade, possibilidade de geração de trabalho e renda, e continuidade nos estudos;

- I) Formar novas lideranças.

A estruturação do documento

Por fim, este documento, organizado pela Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícolas (AMEFA), está estruturado em cinco capítulos:

O capítulo 1: Uma visão da abrangência da formação das famílias, aborda a história, a importância da formação como trabalho de base permanente e mobilização para a participação social, e uma visão geral sobre os meios estratégicos para o trabalho formativo com as famílias envolvidas na EFA.

O Capítulo 2: O Trabalho de Base permanente nas Escolas Famílias Agrícolas, aborda conceitos sobre o que é o trabalho de base, começando pelo conhecimento da realidade histórica que criou as desigualdades sociais pela exploração capitalista, e as suas finalidades em termos de libertação da classe trabalhadora. Com este capítulo, a AMEFA quer afirmar o lugar do Trabalho de Base como estratégia de mobilização permanente das famílias, comunidades e movimentos para a participação e gestão do projeto educativo autônomo da EFA.

O capítulo 3: “Plano de Formação das Famílias”, traz uma matriz curricular contendo os eixos estruturantes do Plano, duração, periodicidade dos módulos por ano/série, e as temáticas organizadas por eixos.

O capítulo 4: Metodologia – Passo a passo da organização dos módulos de formação.

O Capítulo 5: Textos-Base. Trata-se de uma lista de pequenos textos que podem servir de subsídio para o estudo nos encontros de formação.

Desde já, desejamos que este material sirva de apoio para que a formação das famílias aconteça de forma sistemática e qualificada, para fortalecer as Associações EFAs e suas finalidades formativas comprometidas com a emancipação da classe trabalhadora.

CAPÍTULO 1: UMA VISÃO DA ABRANGÊNCIA DA FORMAÇÃO DAS FAMÍLIAS

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.
(Paulo Freire - *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2000)

1.1 A Formação das Famílias na linha do tempo

Em 1997, a União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (UNEFAB), inaugurou a Equipe Pedagógica Nacional (EPN), e uma de suas primeiras tarefas foi a de dar os primeiros passos na elaboração de um Plano de Formação Inicial de Monitores e o Plano de Formação das Famílias, entendendo que estas iniciativas seriam estratégicas para a qualidade da execução do Plano de Formação dos/as estudantes nas EFAs. Um documento foi elaborado e disponibilizado para orientar as EFAs a promoverem esta inovação em suas bases (UNEFAB/EPN, 1997).

Em 2001, depois de uma avaliação feita pela EPN, a UNEFAB ficou responsável em articular a aplicação do Plano de Formação das Famílias, porém, isso não foi possível em todas as EFAs do Brasil.

Em 2006, outra avaliação é realizada no âmbito nacional. Utilizando-se o método ver, julgar e agir, esta avaliação apontou para a necessidade de uma revisão no plano inicial, reforçando a importância de uma matriz de formação estruturada com base nos setores organizativos da EFA: Associativo, Pedagógico e Socioprofissional. (UNEFAB/EPN, 2006).

Em 2023, o Plano de Formação das Famílias, revisado pela Regional Associação Mineira das Escolas Família Agrícola (AMEFA), adota os Quatro Pilares das EFAs e os temas geradores do Plano de Formação dos Estudantes como eixos estruturantes da sua matriz de formação. Assim, entende-se que as famílias, ao fazerem este percurso formativo, possam compreender melhor seus papéis no acompanhamento formativo dos/as filhos/as e na participação na gestão da EFA.

1.2 Abrangência da formação das famílias

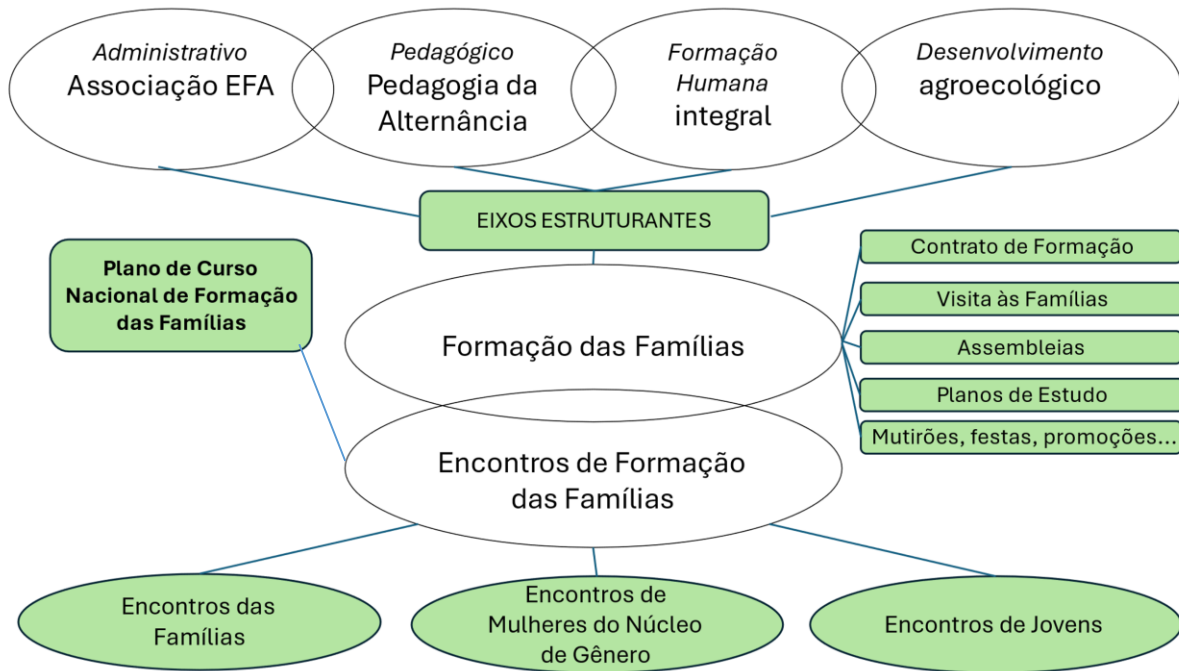
São vários os meios e fatores que podem possibilitar a formação das famílias no contexto da EFA:

- a) a leitura, o debate, aprofundamento e assinatura do Contrato de Formação na hora da matrícula do/a filho/a na EFA;
- b) as Visitas dos/as monitores/as às famílias;
- c) as Assembleias Gerais da Associação;
- d) os encontros de mulheres incentivados pelo Núcleo de Gênero da AMEFA;
- e) os encontros de jovens;
- f) a pesquisa do Plano de Estudo com as Atividades de Retorno, realizadas pelos jovens estudantes ao longo dos anos de formação;
- g) os mutirões mobilizados na propriedade da EFA;
- h) as atividades promocionais, festas etc.;
- i) a execução do Plano de Formação das famílias;
- j) Etc.

Assim, a formação das famílias ocorre por uma série de atividades desenvolvidas pela EFA e não se limita a este Plano de Formação, com seus encontros esporádicos e assuntos propostos para acontecerem a cada ano do ciclo da formação dos/as filhos/as.

A Figura 01, abaixo pode nos ajudar a melhor compreender essa abrangência da formação das famílias

FIGURA 01: Abrangência da Formação das Famílias



Fonte: AMEFA, adaptado da RACEFFAES, 2023.

1.3 Por que é importante investir na formação das famílias?

Historicamente, a EFA surge pela iniciativa de famílias camponesas, preocupadas em desenvolver uma escola diferente para atender as necessidades da classe camponesa. Assim, famílias do campo se unem em torno de um objetivo comum: criar e gerir uma escola comunitária, por meio de uma associação, com uma pedagogia diferenciada, - a alternância -, buscando ligar escola-família e família-escola, trabalho-estudo, teoria-prática, visando o desenvolvimento das pessoas e suas comunidades.

O Plano de Formação das Famílias (PFF) é uma das estratégias pedagógicas para mobilizar e contribuir na conscientização para a participação social das famílias na Associação EFA, visando garantir e fortalecer o princípio associativo e da partilha do poder educativo da EFA. A participação social não é algo nato nas pessoas; ela requer processos educativos permanentes. Assim, o PFF se coloca como uma

proposta de “pedagogia da participação”,¹ compreendida como um processo que deve ser permanente durante todos os ciclos formativos da EFA.

A formação das famílias é importante para a consciência sobre o pertencimento ao projeto educativo da EFA, a compreensão sobre os direitos e deveres como associado de uma associação, e para as responsabilidades em Grupos de Trabalho: Formativo/Pedagógico, Administrativo/Financeiro, Agropecuário, Juventude, Mulheres etc.

A função da integração nos setores e participar de grupos é uma das formas de diluir a situação de poder, muitas vezes centralizado na equipe de monitores/as e/ou na diretoria, ou apenas na figura do presidente e tesoureiro da Associação. A participação efetiva envolve compreensão e compromisso de fato com algo que possa fazer para colaborar no processo e compartilhar do poder educativo proposto pela EFA.

É por meio da formação das famílias que elas irão se dispor a se preparar e participar da vida da EFA como sua escola - a escola da família camponesa. Por isso, o Trabalho de Base se faz necessário de forma permanente.

¹ Ver DE BURGHGRAVE, Thierry. Pedagogia da Participação social.

CAPÍTULO 2: TRABALHO DE BASE² PERMANENTE NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA

Fé na vida, fé na gente, fé no que virá. Nós podemos tudo, nós podemos mais. Vamos lá fazer o que será.



2.1 Introdução

Para ajudar nesta reflexão, trazemos aqui um recorte com adaptações referenciadas no Caderno de Formação nº 38, denominado “Método de trabalho de base e organização popular”, uma publicação do Setor de Formação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. Este texto é escrito com base nos seguintes

² Texto adaptado. Referência acesso em:
<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/Caderno%20de%20Forma%C3%A7%C3%A3o%20-%20M%C3%A9todo%20de%20trabalho%20de%20base%2015out09.PDF>

pontos: I) uma análise conjuntural da realidade brasileira e o processo de exclusão da participação social da classe trabalhadora na sociedade; II) as finalidades do Trabalho de Base; III) o que é o Trabalho de Base; IV) as forças do Trabalho de Base; V) a eficiência e eficácia do Trabalho de Base e, por fim, VI) o trabalho de base não tem receita pronta.

Ter consciência de si, do seu lugar na sociedade como classe social; e ter uma visão histórica e política do funcionamento da sociedade e das causas das desigualdades sociais são, entre outros, elementos essenciais para o processo de indignação e engajamento consciente em movimentos de lutas pela transformação social e a formulação de sujeitos autodeterminados, construtores de um futuro mais justo, solidário, sem desigualdades sociais.

2.2 Uma análise conjuntural da realidade brasileira e o processo de exclusão da participação social da classe trabalhadora na sociedade

O Brasil nasceu como colônia dos países ricos. Reis e rainhas tornaram-se donos/as das terras, das riquezas e da vida das pessoas. Quem resistiu foi perseguido (a) e, muitas vezes, destruído (a). Essa dominação gerou uma cultura autoritária e, no povo, a mentalidade de escravo, onde as pessoas se tornam passivas, sempre esperando ordens, de cima e de fora. A resistência popular foi a resposta dos povos indígenas, dos quilombolas, do campesinato e do operariado pela sobrevivência. A ditadura de Vargas, de 1933 a 1945, para não mudar a cultura autoritária, inventou o populismo. O povo foi ensinado a puxar o saco e a mendigar favores de chefes, em todos os lugares, em vez de lutar por direitos. Aprendeu a ser cliente, a encostar-se numa árvore que lhe dê sombra, ao invés de se organizar e de andar com os próprios pés.

A resistência popular significou luta e organização para reivindicar direitos. Nos anos de 1960, mais gente descobriu que podia ser dona do seu nariz e participar. Não aceitava ser coisa, nem ser usada como massa de manobra. Quiseram ter voz ativa e, no seu destino mandar. A cultura popular, a participação popular levando à consciência de ser sujeito, fez os trabalhadores pensarem também no poder popular.

Aí, veio a ditadura militar de 1964, prendendo, torturando e matando. Mas o sonho de ser livre e feliz coletivamente continuou nos bastidores. Durante muitos anos, num paciente trabalho de base, a luta se multiplicou e criou raízes em muitos espaços. Foi exatamente nesta década do século passado, e em plena ditadura militar, que nasceu o movimento das Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) no Brasil, demonstrando que o povo é capaz de lutar em torno de objetivos comuns e de resistir às tiranias da ditadura.

No final dos anos de 1970, o fogo que queimava por baixo explodiu em movimentos nos quatro cantos do País. Nesses anos de chumbo, muita gente, no campo e na cidade, foi atingida pelo trabalho dedicado de milhares de militantes. Esse esforço teceu uma imensa rede de resistência e de esperança contra a dominação e pelo direito de ter vez e voz, e contribuiu para o fim da ditadura militar.

Nos anos de 1980, o campo popular reconstruiu suas ferramentas de luta (sindicatos, partidos, associações) e até inventou novas formas de juntar e canalizar a indignação e anseios da classe trabalhadora (movimentos, fóruns, entidades). Esse processo de luta e organização conseguiu recuperar e conquistar muitos direitos. No campo eleitoral, as forças populares disputam espaços no legislativo e administração pública e, quase elegeu seu candidato à presidência do Brasil.

Os anos 1990 trouxeram grandes mudanças na economia, na política e na disputa das ideias em todo o mundo. A queda do muro representou a nova ofensiva do capitalismo e revelou muitas fragilidades na prática socialista. O ideal da competição individual, a qualquer preço, desafiou o projeto e iniciativas de solidariedade. Para o campo popular foi um tempo de derrotas, de sofrimento e de baixas: teve militante que desanimou, que passou para o outro lado, que perdeu a credibilidade e que ficou sem saber o que fazer.

A virada do milênio poderia representar uma oportunidade para a construção do projeto popular. Mas, prometendo o primeiro mundo, a elite entregou o país à ganância internacional do capital e à falência. O Estado abandonou sua função social (educação, saúde, segurança) para servir aos interesses das grandes empresas. O resultado foi uma maior concentração das riquezas, desemprego em massa, violência e miséria da população, exclusão econômica, política e social.

Em 2002, num acordo silencioso, a população esgotada pelas políticas neoliberais, a esquerda propondo um grande arco de alianças eleitoral e a direita

feliz porque mantinha o controle da situação, elegeram Lula para presidente, depois da quarta tentativa. No início, houve euforia porque a esperança teria vencido o medo, e um operário na presidência brilhava como um sinal de que o povo deve e pode desejar o poder. Mas, sabendo que numa sociedade dominada pelo sistema capitalista poucas manobras podem ser feitas para de fato atender as reais necessidades do povo, descobre-se que ganha o governo, mas não o poder. Este continua nas mãos do sistema mundo capitalista, neoliberal, dominado pelas grandes corporações empresariais, sobretudo, do campo financeiro.

Diante disso, a militância, os movimentos sociais com redobrado vigor, deveria alimentar-se da convicção que a solução para a nação não pode ser o conserto do sistema capitalista, mas a construção do projeto alternativo e popular. E que para o avanço desse processo de luta e organização popular é urgente a Retomada do Trabalho de Base Permanente.

“Gente, não é boi de carro, pro carro de boi puxar; gente tem mente que gira, mente que pode girar; gira a mente do carreiro e a canga pode quebrar”.

2.3 Os objetivos do trabalho de base

1º objetivo: Mobilizar a participação massiva dos/as trabalhadores/as – A classe dominante não tem medo de lideranças que se destacam. Lideranças são fáceis de cooptar e comprar. Agora, multiplicar militantes e ações é o que mete medo em todos aqueles que se acostumaram com a prática da dominação. Por isso, multiplicar lideranças combativas deve ser uma das metas do trabalho de base. O trabalho de base é a condição e sustento do trabalho de massa; o trabalho de massa é a expressão e a consequência do trabalho de base.

Sem o trabalho de base, os/as agricultores/as não vão perceber sua importância e relevância na luta pela educação diferenciada e de qualidade para seus filhos e filhas. Sem o trabalho de base, as famílias camponesas, os/as trabalhadores/as rurais não vão se engajar na Associação, espaço de pensar e agir sobre os rumos educativos da EFA por uma outra sociedade possível.

2º Objetivo: Democratizar o poder e construir a participação popular - Participar do poder é ser capaz de fazer propostas, de tomar decisões e de repartir responsabilidades para concretizar o sonho da classe oprimida. O trabalho de base, enquanto experiência de nova convivência entre pessoas, pode ser escola de participação política. O ato de falar e ouvir, de propor e negociar, de ganhar e perder, de disputar e decidir, de comandar e de obedecer, de responsabilizar-se e de cobrar estimula a ambição de ser gente e de ter o poder coletivamente.

A EFA tem por pressuposto a Associação. Este é um espaço de participação das famílias camponesas em torno do poder educativo. A Associação representa não apenas um lugar de gestão administrativa do funcionamento escolar, mas de formação e participação no projeto educativo, visando garantir suas finalidades, vinculando a escola a um projeto alternativo de escola, de campo e sociedade. Participar do processo de autogestão da EFA é se colocar em uma escola de participação política mais ampla na construção de uma nova sociedade.

3º Objetivo: Construir uma sociedade solidária, com mais justiça e sem desigualdades sociais. Poderemos chamar do que quisermos esta nova sociedade, mas ela precisa se opor ao sistema do capital que devora agressivamente pessoas e o planeta em função do lucro e da superconcentração das riquezas. Então, a finalidade da luta é a de realizar o sonho do mundo novo, livre de todas as formas de opressão e com a possibilidade real de satisfazer os anseios materiais e espirituais das pessoas. Isto será possível quando a produção, distribuição e consumo forem feitos de forma solidária. Este projeto implica, desde agora, em uma nova relação entre os homens e mulheres, e entre os seres humanos e a natureza, sem dominação, sem competição, sem preconceitos e sem destruição.

Assim, a finalidade do trabalho de base deve ser uma prática multiplicadora que pode se dar nas favelas e nas ocupações de terra, nas fábricas e nas igrejas, nos espaços estatais e fóruns nacionais e internacionais. Ela se sustenta quando mantém os pés no chão e a cabeça nos sonhos. Consegue vitórias quando articula as lutas econômicas com a luta política, social e cultural. Perdura, em qualquer conjuntura, quando combina ações de rebeldia com as disputas na legalidade.

As EFAs, por meio de suas associações constituídas de famílias camponesas, podem transformar-se em espaços privilegiados de trabalho de base permanente, se somando aos trabalhos de base de tantos outros espaços, focados na perspectiva da construção da hegemonia do poder popular, visando outro projeto de sociedade.

Em resumo, quais são as finalidades do trabalho de base?

- ✓ Anunciar a convivência solidária como alternativa à ganância, à competição e à dominação. Quanto maior a opressão e a crise, maior a razão para propagar o sonho da sociedade sem classes.
- ✓ Despertar a dignidade das pessoas e a confiança nos seus valores e no seu potencial. A pessoa se torna feliz e poderosa quando começa a ser protagonista e andar com os próprios pés, pensando com a própria cabeça.
- ✓ Canalizar a rebeldia popular contra a injustiça e construir, desde já, a sociedade de homens novos e mulheres novas onde a produção, distribuição e consumo sejam orientados pela lógica da solidariedade.
- ✓ Transformar a realidade e conseguir vitórias em todos os campos e as dimensões para satisfazer os justos anseios da população

Na EFA o Trabalho de Base tem por finalidade:

Ajudar as famílias a recuperarem o seu papel pedagógico em vista de atingir o perfil da família preparada como parceira na formação por alternância e na gestão associativa da EFA.

2.4 Mas afinal, o que que é Trabalho de Base?

Paulo Freire, em seu livro “Pedagogia do Oprimido” nos ensina que a classe dominante não é a promotora da libertação dos oprimidos. Quem liberta os oprimidos da opressão, e quem liberta os opressores como opressores, são os oprimidos. Afinal, é bom que se saiba que a classe dominante não quer mudanças, transformações. Ela quer manter a sociedade como está. Assim fica bem para ela. No máximo, o que ela

faz diante das mazelas sociais, é assistencialismo, regado pelo paternalismo. O acesso aos bens vem como caridade e não como direito humano.

Sendo assim, a nova sociedade só vira da base, unida em torno de um projeto coletivo, na convicção de que: “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, as pessoas se libertam em comunhão.” (FREIRE, 1983). Não há salvadores da pátria.

A garantia de um projeto que nos leve à nova sociedade depende do trabalho que lhe dê sustentação. Isso vale para tudo o que formos fazer. Vale para futebol, campanha eleitoral, trabalho pastoral e para a organização popular.

Na EFA não pode, nem deve ser diferente. Mas, será que o pensamento ou o objetivo é o mesmo na cabeça do técnico de futebol, do candidato, do agente religioso e da liderança popular, do presidente, do monitor, das famílias, dos estudantes e demais envolvidos nas EFAs?

2.5 O que é base?

A base quer dizer fundamento, alicerce, sustentação, início, parte indispensável. Na origem da palavra “base”, o significado é andar sobre os próprios pés. Na história do Movimento Popular, a palavra base foi juntando vários significados, um completando o outro. “Base da pirâmide” nasce de uma análise da sociedade capitalista, dividida em classes, onde a classe trabalhadora produz as riquezas e a classe proprietária (das terras, fábricas, bancos...) se apodera dos frutos do trabalho. Nesse modo de ver, quem trabalha é a base do mundo. Ao descobrir a força que têm, pode derrubar a velha pirâmide e organizar uma sociedade sem opressão.

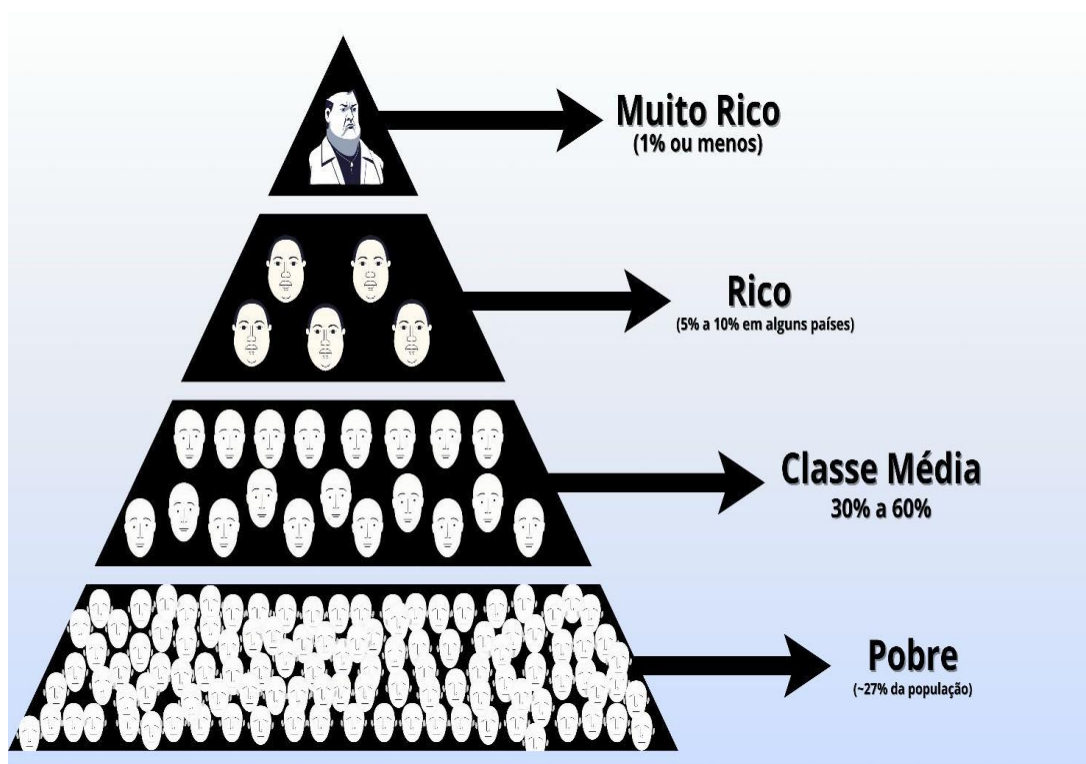
No campo pastoral, religioso, temos a presença histórica das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que levou os cristãos católicos ao compromisso social, na luta por luz, água, asfalto, saúde, escola etc. nos bairros, favelas e comunidades rurais. Neste sentido, a base representa as comunidades que se organizam em torno da fé e da luta por melhores condições de vida.

No campo do trabalho, entre os operários nas fábricas e os trabalhadores no campo, surge a luta em torno da categoria profissional, fortalecendo sindicatos. A

luta pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais, no meio rural, é uma dessas batalhas. Assim, na reconstrução das organizações populares, sobretudo os sindicatos, a palavra base passou a significar o conjunto de pessoas que têm a mesma profissão e os mesmos interesses econômicos, mesmo que não sejam filiados, nem se mobilizem.

O crescimento da luta popular mostrou que não basta a pessoa trabalhar ou ser explorada para ser militante da transformação social. Base, então, passou a significar a parte do povo que toma consciência da opressão e se engaja num processo de construção de uma sociedade solidária.

Qualquer pessoa, não importa a origem, pode ser base desse projeto político alternativo ao capitalismo. Base, é o povo que produz riquezas e é explorado e manipulado pelas elites dominantes, em todos os espaços. Significa começo, sustentação, algo indispensável que não pode faltar. Mas é, sobretudo, aquela parte da classe oprimida que se dispõe e dá sustentação a um processo de mudança, sempre.



2.6 Onde estão as forças do Trabalho de Base?

A força está na sustentação de base - tem raízes plantadas na alma da população, que é a base da sociedade. Por causa desse alicerce, sempre renasce e se reproduz. Não é um movimento para a classe oprimida. Ao contrário ela precisa ser parte e companheira dessa construção superando o vício da dependência e contribuindo com sua disposição, ideias e recursos financeiros.

A EFA sem as famílias interessadas, não é uma EFA!

A força está na crença no povo - A razão do trabalho de base é ajudar o povo a entender e se comprometer com a vida feliz e solidária. Parte da certeza que o povo já luta porque precisa sobreviver e reage contra a exploração, mesmo quando não fala a linguagem da militância ou entra em becos que são armadilhas. A história mostra que, apesar de toda miséria e toda contradição, o povo foi a sementeira permanente de novas formas de luta, resistência e engajamento militante. Há clareza de que a organização popular, sendo uma parte, deve ser uma parte para incluir o todo. As direções, os técnicos ajudam o povo a entender a realidade e organizar os esforços, no rumo da transformação.

Os/as monitores/as podem e devem ser vistos como intelectuais orgânicos às lutas das famílias e comunidades, por um projeto educativo diferenciado, de qualidade e transformador da realidade, comprometido com finalidades educativas vinculadas a um projeto novo de campo e sociedade. Ou a EFA trabalha para formar pessoas alienadas, que comungam com o que está aí, ou para formar cidadãos livres, que se indignam e partem para a luta em defesa de outro mundo possível.

A força está no processo - o povo deve assumir-se como sujeito de sua história.

A força está na coerência entre o rumo e o caminho - no trabalho de base, não se pode ter essa de fazer a cabeça. A pessoa abraça a causa porque se convence que ela é justa. Então, o jeito de tratar as pessoas deve combinar com a

finalidade que queremos atingir. Quer dizer, o método que se pratica deve ser coerente com os objetivos que se prega. Coerência entre o que se fala e o que se faz.

*A força está na **metodologia multiplicadora*** - cada pessoa convencida compromete-se em mobilizar um novo time de militantes que, por sua vez, vai repartir os esclarecimentos e experiências com outras pessoas, em muitos espaços de luta, de vida e de trabalho.

*A força está no **planejamento das ações*** - na luta popular, como no futebol, o objetivo não é só chutar a bola. É preciso avançar e se defender organizadamente, na hora certa e com a pessoa certa. Por isso, marcam-se pontos e prazos de chegada; faz-se uma caprichada preparação dos militantes; escolhem-se responsáveis pelas atividades; realiza-se um balanço dos resultados, em cada etapa da luta.

*A força está no **amor pelo povo e pela vida***. o trabalho de base é um trabalho profissional, mas tem um segredo que anima a esperança da militância e que a alimenta até a doação da própria vida. A vida, a dignidade, a liberdade das pessoas e a fraternidade universal formam a base dessa paixão que invade sua alma e dá sentido à sua e dedicação. Tal convicção se traduz no respeito ao povo, no carinho aos iniciantes, no cumprimento dos acordos coletivos, na capacidade de tomar iniciativas, na coragem de encarar os desafios e nos gestos de indignação, entusiasmo e celebração. Mas, se expressa, de maneira plena, nas manifestações individuais e coletivas de companheirismo.

*A força está na **disciplina*** – é preciso ter disciplina, organização, seguir o planejamento feito, respeitar as decisões coletivas, saber trabalhar em grupo e observar as orientações oriundas dos estudos realizados.

*A força está no **estudo***. A disciplina envolve estudo permanente, busca pela compreensão dos fatos, entender as teorias como possibilidade de iluminação das práticas e avaliar as práticas como possibilidade de revisão das teorias e construção de novas compreensões.

2.7 Qual é a eficiência e eficácia do Trabalho de Base?

Uma atividade eficiente, bem realizada, pode até gerar a euforia do participativo, mas, seria uma prática tão autoritária quanto à imposição. Mas, só se torna eficaz e útil, se for capaz de ajudar às pessoas e grupos a serem protagonistas na transformação da realidade.

Uma experiência popular é eficaz quando anima e apaixona as pessoas, resgatando sua identidade e dignidade (autoestima) e a postura de protagonistas, gente capaz de andar com os próprios pés. Quando mobiliza porque rompe a situação de dormência, fatalismo e a sensação de impotência gerada pela dominação. Quando aumenta o grau de consciência e de apropriação dos conteúdos e do método. Quando capacita, política e tecnicamente, a militância para atuar sobre realidade através da experimentação direta e permanente.

Uma experiência popular é eficaz quando qualifica militantes e educadores/as a uma reprodução criativa, que se assumem como parte e se tornam multiplicadores/as. Quando canaliza as lutas de emancipação para um projeto, alternativo à inclusão capitalista.

Tem uma receita pronta para o Trabalho de Base?

Não existe uma receita pronta para o trabalho de base. Quando ele começa, onde ele inicia e quem começa depende muito das condições sociais, políticas, econômicas, e culturais de cada lugar e, sobretudo, da sensibilidade das pessoas da classe oprimida frente às situações de opressão e a indignação vivida.

1º - **Quem e quando começa** o trabalho de base? - Qualquer pessoa que desperta começa a ficar insatisfeita com a exploração. Essa revolta logo descobre que não basta se queixar das injustiças e que não é possível sozinho, acabar com a opressão. A luta começa com as pessoas que se dispõem a entrar num processo coletivo de luta pela transformação. Para isso, elas precisam ter a convicção que toda pessoa tem o dom de ser capaz, que desenvolvem talentos diferentes, podem trocar saberes, mas só a classe oprimida é capaz de libertar-se e adota a postura de respeito - sempre com, nunca para ou sobre as pessoas.

2º - **Onde começar** um trabalho de base? A luta acontece lá onde está a classe oprimida: na fábrica, bairro, escola, município, nos movimentos. Pode ser um grupo de mulheres, adolescentes, de cultura.... Qualquer lugar, na cidade ou no campo; até a prisão já foi lugar onde a militância fez seu posto de luta. O melhor é escolher o grupo ou lugar com condições de espalhar e influenciar outros grupos e lugares. A militância começa o trabalho conforme a realidade permite: às vezes faz um longo caminho de conhecimento e organização, outras vezes começa a partir de um processo de formação, e às vezes já entra numa luta concreta. A única atitude imperdoável é não achar o caminho de se fazer parte.

3º - Qual é o grupo de **militantes** que se forma para mobilizar o trabalho de base? - Uma primeira tarefa do Trabalho de Base que não pode faltar é a formação de um time de pessoas com um mínimo de compreensão e disposição para entrar num processo. É bom ter no meio, gente nova de idade e de mentalidade. Pessoas novas estão mais abertas e livres para encarar uma caminhada. A escolha cautelosa é baseada na confiança. Precisa ter algumas qualidades fundamentais: pessoas que não aceitam ser manobradas, que vão além do seu interesse individual, que são discretas (não falam dos assuntos para quem não está interessado ou é contra). É esse grupo que deve fazer uma preparação caprichada: pensar o plano de trabalho, os primeiros contatos, os recursos necessários, a escolha do lugar, o tempo de começar, o jeito de aproximação.... É também o coletivo que vai avaliar permanentemente a coerência entre o que foi dito e o que está sendo feito, para retificar o dito ou o feito a partir do objetivo central.

4º - O **conhecimento da realidade** é um dos pressupostos para desenvolver um bom trabalho de base - As informações nascem da observação, conversas, visitas, pesquisas. Conhecer e ser conhecido exige o aprendizado da língua do grupo para favorecer a integração e a troca. A condição é ter a confiança, é se dar com a população, não ser um estranho. Entre as Informações que não podem faltar estão: as que tratam da quantidade de pessoas, volume da produção, renda, grupos que oprimem a população ou que estão a seu favor; as carências e o potencial da população - as riquezas e valores econômicos, artísticos e culturais, bem como suas necessidades que revelam os desejos, fantasias e projetos das pessoas.

Em geral, os sentimentos movem as pessoas: sentindo-se reconhecidas, também se dispõem a participar; as histórias de resistência - o ser humano protesta de forma individual ou grupal, escondida ou aberta, espontânea ou organizada,

pacífica ou violenta. Talvez o trabalho seja apenas reforçar uma luta já existente. Pois, a militância não inventa a luta, ela descobre pessoas e sinais da luta e ajuda para que se ampliem, se organizem e obtenham vitórias econômicas, políticas, sociais, culturais e ambientais.

Dialogando sobre o texto

1. Por que é importante fazer o Trabalho de Base permanente na EFA?
2. Quais estratégias devemos adotar para uma mobilização do Trabalho de Base permanente?

CAPÍTULO 3: PLANO DE FORMAÇÃO DAS FAMÍLIAS

*“Meu povo foi destruído por falta de conhecimento.”
Oséias, 4,6.*

Neste capítulo, apresentamos as características e a estrutura proposta para um Plano de Formação das Famílias associadas à Associação EFA. Este plano quer se colocar como uma metodologia para mobilizar a participação social nas Associações EFAs e nas Comunidades. A possibilidade de futuro do Projeto EFA pode estar na retomada do trabalho de base por meio de uma formação contínua.

“O conhecimento liberta”, nos disse José Martí. “O conhecimento é, em si mesmo, um poder”, frase dita por Francis Bacon (1561-1626), entre os séculos XVI e XVII, pela qual ele pretendia fortalecer a importância da ciência. Na Bíblia, o profeta Oseias alerta para o problema da destruição de um povo por falta de conhecimento. Neste sentido, o Plano de Formação das Famílias, que participam da vida associativa da EFA, é uma das estratégias para a mobilização dessas famílias em vista do conhecimento sobre o Projeto Educativo da EFA, suas finalidades e funcionamento que envolve a participação das famílias na sua gestão. Ele vai além, dessa motivação interna da gestão: abrange a formação para o acompanhamento da formação dos filhos e filhas, bem como temáticas ligadas à formação humana mais ampla e os projetos de desenvolvimento sustentável baseado na Agroecologia, em disputa com o agronegócio.

Eis as suas características:

3.1 Eixos estruturantes

O Plano de Formação das Famílias tem os Quatro Pilares da EFA como eixos estruturantes. Espera-se que cada encontro formativo contenha elementos dos quatro pilares, transversalizando o conteúdo a ser trabalhado, perpassando pelos pilares meios: Associação das famílias e Pedagogia da Alternância e os pilares fins: a formação humana, integral e o desenvolvimento sustentável e solidário, baseado na Agroecologia.

Os eixos geradores dos Planos de Formação dos estudantes, tanto do Ensino Fundamental II, quanto do Ensino Médio e Técnico, também são elementos estruturantes da matriz formativa. Assim, as famílias dos alternantes acompanham o percurso formativo dos seus filhos e filhas ao engajarem-se no processo formativo acompanhando este Plano de Formação.

3.2 Os temas

O Plano de Formação das Famílias, proposto pela AMEFA, apresenta uma lista com 16 temas, sendo 4 temas para o pilar Associação, 3 temas para o pilar Pedagogia da Alternância, 5 temas para formação humana integral e 4 temas para o pilar desenvolvimento sustentável, solidário, agroecológico, conforme a seguir:

Pilar	Temas
Associação	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Contrato de Formação - Ritual de entrada na Associação EFA ✓ História da nossa EFA ✓ Funcionamento da nossa Associação EFA ✓ Relações da nossa Associação EFA com a Cultura Camponesa
Pedagogia da Alternância	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Mediações Didáticas da Pedagogia da Alternância ✓ As parcerias na formação por alternância em nossa EFA. ✓ Projeto de Vida e Profissional do Jovem e o Projeto de Orientação Profissional
Formação humana integral	<ul style="list-style-type: none"> ✓ História e valores atuais da família e o seu papel na formação dos/as filhos/as ✓ Relações pais e filhos ✓ O trabalho e o seu papel na formação humana ✓ Relações de gênero no campo ✓ Orientação vocacional e escolha profissional dos/as jovens
Desenvolvimento Sustentável, solidário e agroecológico	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Agricultura Familiar e Camponesa ✓ Agroecologia e produção de alimentos saudáveis ✓ Políticas públicas para a agricultura familiar ✓ Organização produtiva solidária na Agricultura Familiar e acesso a mercados

Os temas estão distribuídos em seis encontros no Ensino Médio e no Ensino Fundamental II. Vejam que eles, na medida do possível, conectam com os eixos geradores do Plano de Formação dos/as estudantes do ensino médio.

Importante destacar que os temas não estão fechados. Cada EFA poderá substituir temas, adicionando outros, conforme a necessidade do momento.

O importante é que se faça a formação para que se atinja os objetivos propostos neste plano, em vista do fortalecimento da participação social e do movimento da Educação do Campo pela Escola Família Agrícola com a Pedagogia da Alternância.

3.3 Os Encontros

Os encontros deverão ser distribuídos ao longo do percurso dos três anos do ensino médio e técnico e/ou os quatro anos do Fundamental II. O quantitativo de encontros é flexível, podendo realizar mais ou menos, de acordo com as condicionantes de cada EFA. Segue uma sugestão de distribuição dos módulos por ano/série e nível de ensino.

Ensino Fundamental II	Ensino Médio e Profissional	Encontro
6ª série	1º ano	I e II
7ª série	2º ano	III e IV
8ª série	3º Ano	V e VI

Observação: A EFA poderá prever encontro para a 9ª série

3.4 A duração da formação e a Carga Horária

Este plano está estruturado para funcionar em quatro anos, com base no ciclo do Ensino Fundamental II e três anos com base no ciclo do ensino médio e técnico.

Os temas estão distribuídos, no caso do Ensino Médio, em dois encontros por ano. Para o Ensino Fundamental II, são dois encontros da 6ª à 8ª série, mas a EFA poderá rever e redistribuir estes encontros, abrangendo, pelo menos um encontro na 9ª série.

A depender de cada temática e da importância que a equipe pedagógica atribui a cada uma delas, a previsão é de aproximadamente 2 e 3 horas. Essa carga horária por tema dependerá do agrupamento de temas que a EFA fizer e do tempo disponível do grupo para participar de um encontro. Neste caso, estamos propondo encontros de 6 a 8 horas, com dois a três temas por encontro. O conjunto dos temas e dos encontros deverá perfazer um total, em média, de 40 horas.

A depender da disponibilidade e engajamento efetivo das famílias, na participação nos encontros, deseja-se que esta carga horária seja ampliada.

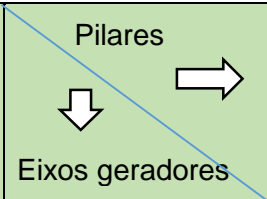
3.5 Certificação

A Certificação deverá ser realizada pela Associação local e assinada pelo/a Presidente da AEFA e o/a Diretor/a ou Coordenador/a Pedagógico/a. O Certificado deverá conter a logo da EFA e da AMEFA. O texto do Certificado poderá seguir um padrão, Exemplo de um modelo, a seguir:

CERTIFICADO	
Certificamos que portador do CPF, participou do módulo com os temas:; do Curso de Formação das Famílias, conforme o Plano de Formação das Famílias das Escolas Famílias Agrícolas de Minas Gerais, com carga horária de horas	
Local: Data:	
Assinatura: _____ Nome: Presidente	Assinatura: _____ Nome: Diretor ou Coordenador/a Pedagógico/a

Fica a cargo da EFA emitir um Certificado por encontro/módulo, ou uma declaração para cada encontro/módulo. Na conclusão dos módulos e temas poderá haver uma emissão de um Certificado final com a carga horária total e no verso, a lista dos temas com suas respectivas cargas horárias e a carga horária total ofertada pela AEFA.

3.6 Matriz da formação das famílias

Turma	Encontro	Pilares  Eixos geradores	Associação	Pedagogia da Alternância	Formação humana integral	Desenvolvimento Sustentável e solidário Agroecológico
1º ano e/ou 6ª série	1º Encontro	Família, Comunidade, Identidade camponesa, Trabalho e o território	Contrato de Formação - Ritual de entrada na Associação EFA	Mediações Didáticas da Pedagogia da Alternância	História e valores atuais da família e o seu papel na formação dos/as filhos/as.	---
	2º Encontro		História da nossa EFA	---	O trabalho e o seu papel na formação humana	Agricultura Familiar Camponesa
2º ano e/ou 7ª série	3º Encontro	Sociobiodiversidade, meios de Produção e reprodução sustentável da vida Agroecologia	---	As parcerias na formação por alternância em nossa EFA	Relações pais e filhos	Agroecologia e produção de alimentos saudáveis
	4º Encontro		Funcionamento da nossa Associação EFA	Projeto de Vida e Profissional do Jovem e o Projeto de Orientação Profissional	Relações de Gênero no campo	---

3º ano e/ou 8ª série	5º Encontro	Mundo do Trabalho e a Inserção social e profissional do/a Jovem	A relação da nossa EFA com a Cultura Camponesa	---	Orientação vocacional e a escolha profissional do/a jovem	---
	6º Encontro		---	---	---	Políticas públicas para a Agricultura Familiar Organização produtiva solidária na Agricultura Familiar e acesso a mercados

Observação: Apresentamos a matriz do Ensino Médio/Técnico, podendo ser replicada para o Fundamental II. Neste caso, o 9º ano ficaria sem encontros. Caberá a cada EFA que possui este nível de ensino, se achar conveniente, adaptar esta matriz, redistribuindo os temas, acrescentado mais encontros, abrangendo o 9º ano do curso.

A matriz do Plano de Formação das Famílias é uma referência para que cada EFA possa se inspirar.

A EFA tem liberdade de definir, de forma participativa com o Conselho de Administração e a Diretoria Executiva da Associação, o seu planejamento apropriado à sua realidade.

Tanto os encontros, as temáticas, a carga horária, são passíveis de ajustes locais.

Importante que se siga um mínimo de temas que ajudam no fortalecimento institucional do movimento das EFAs e da Pedagogia da Alternância.

3.7 Temas que devem ser comuns para se garantir unidade na diversidade

Os quatro eixos estruturantes são fundamentais para se garantir os princípios e a identidade das EFAs como movimento organizado. A força deste movimento está na sua identidade e filosofia comprometidas com os princípios da Pedagogia da Alternância e o vínculo com as causas da classe camponesa.

Reitera-se que os temas ligados à base associativa e a Pedagogia da Alternância devem ter maior atenção. Pode-se mudar os temas, aprofundar mais uns em detrimento de outros, mas o funcionamento da Associação EFA e da Pedagogia da Alternância merecem destaques e maior atenção.

3.8 Temas que podem ser flexibilizados

A formação humana integral e o desenvolvimento sustentável em bases agroecológicas são eixos mais flexíveis em que se pode pensar em outros temas mais pertinentes, de acordo com as necessidades locais e regionais.

Porém, temas mais voltados para capacitação na área técnica podem representar um atrativo maior e devem ser incluídos substituindo aquelas propostas no eixo Desenvolvimento. Assim como outras temáticas relacionadas com a formação integral também podem ser incluídas, substituindo aquelas que estão nesta matriz. Como trabalhar os temas e organizar os encontros vem no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 4: METODOLOGIA: PASSO A PASSO NA ORGANIZAÇÃO DOS ENCONTROS DE FORMAÇÃO

4.1 Referência na metodologia da Pedagogia da Alternância

A organização dos módulos de formação deve basear-se no método: VER-REFLETIR-AGIR, que constitui historicamente uma das referências para a Pedagogia da Alternância.

VER	REFLETIR	AGIR
<p>Levantar a realidade nas suas dimensões: econômicas, sociais, culturais, políticas e ambientais.</p> <p>No Ver temos três partes:</p> <p>I) Os fatos: assunto, tema, situação ou aspecto da realidade a ser trabalhado.</p> <p>- Relacionar os fatos: onde ocorre, quando ocorre, como ocorre, com quem ocorre...</p> <p>II) Causas: Ver o porquê dos fatos, conhecer mais a fundo para descobrir as consequências.</p> <p>III) Consequências: nos mostram onde elas nos levam.</p> <p>Temos uma visão global do problema.</p>	<p>O refletir é o olhar diferente, de um anglo novo sobre os fatos.</p> <p>Não é um julgamento pessoal, mas sim um confronto com uma teoria, baseada na Ciência sistematizada.</p> <p>A teoria é a luz para buscar interpretar a realidade e explicar os fatos.</p>	<p>É esboçar um plano para tentar mudar o quadro da realidade, superar as consequências negativas e preservar as positivas.</p> <p>Neste plano não podemos estabelecer metas simples demais, nem impossível precisa ser uma alternativa das possibilidades concretas de serem realizadas.</p> <p><i>Não basta levantar os fatos, conhecer suas causas e consequências e interpretá-los criticamente à luz das ciências, é preciso comprometer-se em mudar, transformar a realidade.</i></p>

4.2 Temáticas agrupadas por encontros de formação no Ensino Médio e Técnico

As temáticas são agrupadas por encontros de formação. Sendo a previsão de 2 horas por tema e 2, 3 a 4 temas por encontro, a depender do nível de ensino.

Encontros	Temáticas
1º Encontro	Contrato de Formação - Ritual de entrada na Associação EFA
	Mediações Didáticas da Pedagogia da Alternância
	História e valores atuais da família e o seu papel na formação dos/as filhos/as
2º Encontro	História da nossa EFA
	O trabalho e o seu papel na formação humana
	Agricultura Familiar Camponesa
3º Encontro	As parcerias na formação por Alternância em nossa EFA
	Relações pais e filhos
	Agroecologia e produção de alimentos saudáveis
4º Encontro	Funcionamento da nossa Associação EFA
	Projeto de Vida e Profissional do Jovem e o Projeto de Orientação Profissional
	Relações de Gênero no Campo
5º Encontro	A relação da nossa EFA com a cultura camponesa
	Orientação vocacional e a escolha profissional do/a Jovem
6º Encontro	Políticas públicas para a Agricultura Familiar
	Organização produtiva no campo e acesso a mercados

Estas temáticas relacionam-se com os eixos geradores de cada ano do Ensino Médio/Técnico. Por isso esta sugestão de agrupamento. Não significa que elas possam ser agrupadas de outra maneira, atendendo melhor às necessidades e o contexto da EFA.

No caso do Ensino Fundamental, este quadro muda um pouco, redistribuindo os temas para quatro anos e sete encontros de formação, conforme a matriz da formação das famílias, apresentada acima.

4.3 Fichas de Planejamento de conteúdos e metodologia para os temas³

Na sequência, será apresentado uma proposta de conteúdo programático e metodologia para subsidiar o planejamento didático e pedagógico de cada tema de

³ As fichas de planejamento foram adaptadas a partir do Plano de Formação das Famílias da Rede das Associações dos Centros Familiares de Formação por Alternância – RACEFFAES.

estudo. Neste ponto os temas foram agrupados pelos pilares: Associação, Pedagogia da Alternância, Formação Humana, integral e Desenvolvimento Sustentável, solidário e agroecológico, conforme já mencionado.

Temos uma planilha para cada tema. Nas planilhas temos a primeira coluna com o tema, a segunda coluna com o ENFOQUE e a terceira coluna, MÉTODO, subdividida em três colunas: VER - REFLETIR - AGIR.

O ENFOQUE está estruturado em três aspectos: CONTEÚDO, MOTIVAÇÃO E HIPÓTESE. O CONTEÚDO representa a ementa proposta para abordar o tema. A MOTIVAÇÃO é uma introdução ao tema. Uma estratégia de envolvimento dos sujeitos no debate. A HIPÓTESE é uma afirmação que problematiza o tema. No processo de aprofundamento do tema, o grupo poderá confirmar e levantar novas hipóteses, novas questões para novos debates.

Cabe destacar que estas planificações sugerem uma metodologia de desenvolvimento dos temas. Ao planejar cada encontro, a equipe responsável poderá reportar a estas planilhas e tomá-las como referência para programar o desenvolvimento do tema. Caso haja necessidade de inclusão de um novo tema, este recurso de planejamento com enfoques e metodologia poderá ajudar na sua elaboração.

Ficha 1 - Contrato de Formação - Ritual de entrada na Associação EFA

TEMA	ENFOQUE	MÉTODO		
		1º Momento: VER	2º Momento REFLETIR	3º Momento: AGIR
Ritual de entrada na Associação EFA	<p>CONTEÚDO: Texto do Contrato de Formação Papeis de cada sujeito na EFA: Família, Estudante, Monitor, Associação.</p> <p>MOTIVAÇÃO A importância da consciência e do pertencimento como sócio da Associação gestora e mantenedora da EFA, bem como dos princípios políticos do Projeto EFA.</p> <p>HIPÓTESE Sem uma formação inicial as famílias não conhecem o Projeto EFA e nem se comprometem com seus papeis e responsabilidades como protagonistas na formação de seus filhos e filhas e na gestão da Associação EFA.</p>	<p>Trabalho em grupo: 1. Qual é a principal função da Associação EFA? 2. Quem é sócio da Associação EFA? 3. Quais os tipos de sócios existentes na Associação EFA? 4. Como é que se faz para ser associado da Associação EFA? 5. Quais são os direitos e deveres do/as sócios/as da Associação EFA?</p> <p>Socialização das respostas e conclusões</p>	<p>Estudo do texto-base I – “Contrato de Formação”</p> <p>Papeis e responsabilidades das famílias, dos estudantes, do Professores-monitores, Associação e parceiros</p> <p>Leitura do capítulo que trata dos sócios no Estatuto da Associação.</p> <p>Referências: - Texto Base I – “Contrato de Formação”. - Estatuto da Associação EFA</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Assinar o livro de associado da AEFA 2. Assinar o Contrato de Formação 3. Assinar a Ficha de Matrícula 4. Entregar uma cópia do Estatuto da AEFA para cada família 5. Encaminhar o cartão de associado 6. Encaminhar ficha de controle da Cota Social definida em Assembleia Geral

Ficha 2 - Mediações Didáticas da Pedagogia da Alternância

TEMA	ENFOQUE	MÉTODO		
		1º Momento: VER	2º Momento REFLETIR	3º Momento: AGIR
Introdução às Mediações Didáticas da Pedagogia da Alternância	<p>CONTEÚDO: Apresentação do conjunto das Mediações didáticas da Pedagogia da Alternância.</p> <p>MOTIVAÇÃO: Compreender o funcionamento das Mediações para acompanhar de forma efetiva o processo de formação dos filhos e das filhas na EFA.</p> <p>HIPÓTESE: Conhecendo as Mediações da PA as famílias engajam mais na vida da EFA, no acompanhamento dos estudos dos/as filhos/as e fortalecem a relação escola-família-comunidade.</p>	<p>Trabalho em Grupos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Por que escolhemos a EFA para nossos/as filhos/as? 2. O que os/as filhos/as levam para fazer em casa, na Estadia socioprofissional? 3. Quais são as responsabilidades das famílias no acompanhamento dos estudos dos/as filhos/as quando estão em casa e na EFA? <p>Socialização das respostas e conclusões</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Elaborar um cartaz com todas as mediações didáticas, destacando em cor diferente as que vamos estudar neste encontro. 2. Apresentação de cada Mediação a ser estudada neste encontro por meio do Texto-Base e/ou Power Point contendo conceitos e funcionamento. <p>Referências:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Texto-base II – “Mediações Didáticas da Pedagogia da Alternância”. - Caderno de Acompanhamento da Alternância. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como fazer para orientar melhor os/as filhos/as para que realizem o Plano de estudo, façam as atividades de retorno etc.? 2. Como orientar e preencher o Caderno de Acompanhamento da Alternância (Neste momento, o Caderno dos/as filhos/as deveria ser distribuído aos pais para uma orientação mais concreta sobre ele) 3. Como acompanhar o Caderno da Realidade? 4. Quais familiares poderiam receber visitas de estudo? 5. Quais familiares poderiam vir fazer uma Intervenção Externa na EFA?

Ficha 3 - História e valores atuais da família e o seu papel na formação dos/as filhos/as.

TEMA	ENFOQUE	MÉTODO		
		1º Momento: VER	2º Momento REFLETIR	3º Momento: AGIR
História e valores atuais da família e o seu papel na formação dos/as filhos/as.	<p>CONTEÚDO: A função histórica da família. Fatores que influenciam a formação de contratos de formação.</p> <p>MOTIVAÇÃO: A importância da família compreender o seu papel na formação do/a jovem.</p> <p>HIPÓTESE: A família quando assume o seu papel educador facilita a formação integral, qualifica e fortalece a formação por alternância na EFA.</p>	<p>Trabalho em grupos:</p> <p>1. Quem é responsável em educar?</p> <p>2. Quem educa mais a vida ou a escola?</p> <p>3. Qual a função da família na educação dos/as filhos/as?</p> <p>Socialização das respostas e conclusões</p>	<p>- Leitura do texto-base III - E/ou convidar uma/a profissional para falar do tema - Incrementar com uso de vídeo documentário, filme etc.</p> <p>Referências: - Texto-base III - “História e valores atuais da família e o seu papel na formação dos/as filhos/as” - Vídeo - Convidado para palestrar</p>	<p>1. O que fazer para recuperar as funções que perdemos?</p> <p>2. Como nos tornar famílias no sentido de ser um núcleo de afeto, carinho, compreensão, respeito com autoridade sem autoritarismo e liberdade com responsabilidade?</p>

Ficha 4 - História da nossa EFA

TEMA	ENFOQUE	MÉTODO		
		1º Momento: VER	2º Momento REFLETIR	3º Momento: AGIR
História da nossa EFA	<p>CONTEÚDO: História da EFA desde sua origem, no Brasil, no Estado e no nosso território.</p> <p>MOTIVAÇÃO: A importância de entender a EFA como uma criação da família camponesa.</p> <p>HIPÓTESE: Sem a memória histórica dificulta a família inserir na luta atual da EFA. E sem a família camponesa participando ativamente no projeto educativo da EFA, na sua concepção, gestão e avaliação não podemos dizer que há uma EFA e que exista princípios da Educação do Campo.</p>	<p>Sugestão de um teatro com os estudantes seguindo este roteiro:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Como a EFA chegou em nosso lugar? 2. O que sabemos da sua origem e evolução? 3. Quem foram os promotores iniciais, os/as sócios fundadores? - Quando? - Como? 4. Quais os sujeitos coletivos são parceiros ou integram ao nosso sujeito coletivo: Associação EFA? 5. O que sabemos sobre a história das EFAs em Minas, no Brasil e no mundo? 	<p>- Palestra: Relato da origem e desenvolvimento da gestação e implantação da EFA. (esquema / cartaz e texto). Através de fotos relacionando os símbolos aos acontecimentos no seu entorno. - Leitura do texto-base IV – na parte que fala da história das EFAs em Minas, Brasil e o mundo.</p> <p>Referências: - Texto-base IV – “História da nossa EFA”. - História da EFA presente nos documentos escolares: Regimento, Projeto Político Pedagógico. Convidado.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como ficar mais por dentro da história da nossa EFA? 2. Como divulgar mais a nossa EFA? 3. Produzir um material de divulgação da nossa EFA podendo entre outros, ser um Documentário, Folheto, Site, Redes sociais. 4. Organizar ou ampliar a Comissão de Comunicação da EFA.

Ficha 5 – O trabalho o seu papel na formação humana

TEMA	ENFOQUE	MÉTODO		
		1º Momento: VER	2º Momento REFLETIR	3º Momento: AGIR
A divisão social do trabalho no campo e o seu papel na formação humana	<p>CONTEÚDO: A relação da evolução do trabalho com a evolução cultural. Trabalho emancipatório, trabalho alienado e trabalho associado.</p> <p>MOTIVAÇÃO: A importância do trabalho na formação, na constituição da autoestima e na emancipação humana.</p> <p>HIPÓTESE: A dicotomia (separação) entre trabalho manual e trabalho intelectual, reflete na divisão social do trabalho, na hierarquização das relações sociais, na divisão de classes sociais antagônicas e na alienação das pessoas em termos sociais, políticos e económicos.</p>	<p>Trabalho em grupos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O que os/as jovens dizem sobre o trabalho doméstico e o trabalho no campo? 2. E nós, o que dizemos sobre o trabalho doméstico e o trabalho no campo? 3. As crianças aprendem a trabalhar brincando, e os adolescentes e jovens? 4. Os que não trabalham se comportam diferente dos que trabalham? 5. Conhecemos algum ditado popular que fala sobre o trabalho? - O que eles querem dizer? 6. Estudar é trabalhar? <p>Socialização das respostas e conclusões</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Palestra com convidado orientado por esta ficha - Estudo do texto-base. - O papel do trabalho no desenvolvimento humano. - O trabalho como elemento fundante do ser humano. - A pedagogia das famílias na introdução dos/as filhos/as no mundo do trabalho – mandar trabalhar? Criar senso de responsabilidade? - O trabalho manual e intelectual, alienado, emancipado e associado. <p>Referências:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Texto-base V – “O trabalho e o seu papel na formação humana”. - Convidado. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como utilizar o trabalho da família na formação dos/as filhos/as? 2. Como mudar a visão de que trabalho intelectual, o estudo, a pesquisa, a leitura, os deveres, exercícios escolares também são trabalhos? 3. Como ajudar os/as filhos/as a planearem o trabalho manual integrando com as atividades de trabalho intelectual solicitados pelo planeamento da EFA? 4. Como trabalhar a visão da EFA para fortalecer as finalidades educativas na perspectiva da formação integral para o trabalho emancipado e o Trabalho associado?

Ficha 6 - Agricultura Familiar Camponesa

TEMA	ENFOQUE	MÉTODO		
		1º Momento: VER	2º Momento REFLETIR	3º Momento: AGIR
Agricultura Familiar Camponesa	<p>CONTEÚDO:</p> <p>Tipos de agricultura. Papel da agricultura camponesa.</p> <p>MOTIVAÇÃO:</p> <p>A atual luta em função da agricultura camponesa.</p> <p>HIPÓTESE:</p> <p>A influência do agronegócio provoca o desenraizamento da família camponesa, esvaziamento do campo e perda dos ecossistemas.</p>	<p>Trabalho em grupos:</p> <p>1. Quais modelos de agricultura conhecemos?</p> <p>2. Quais as diferenças da agricultura camponesa para os outros modelos?</p> <p>3. Qual tipo de agricultura estamos praticando em nossas propriedades e comunidades?</p> <p>Socialização das respostas e conclusões</p>	<p>- Leitura do texto base VI ou uma apresentação em Power Point a partir dele.</p> <p>- E/ou palestra com convidado.</p> <p>- Os tipos de produtores rurais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Agricultura primitiva; - Agricultura de mercado; - Agronegócio; - A agricultura camponesa (breve descrição histórica). - Características e valores históricos da agricultura camponesa - As ameaças e resistência. <p>Referências:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Texto-base VI - “Agricultura Familiar Camponesa” - Convidado 	<p>1. Devemos resistir e entrar na luta pela agricultura camponesa?</p> <p>2. O que podemos fazer para resistir ao agronegócio?</p> <p>3. O ensino sobre o movimento camponês e suas lutas, resistências na história estão presentes no Plano de Formação da nossa EFA? Se não, que vamos fazer para incluir?</p>

Ficha 7 - As parcerias na formação por Alternância em nossa Associação EFA

TEMA	ENFOQUE	MÉTODO		
		1º Momento: VER	2º Momento REFLETIR	3º Momento: AGIR
As parcerias na formação por Alternância em nossa Associação EFA	<p>CONTEÚDO:</p> <p>Os parceiros na formação por alternância: jovens, educadores, famílias, mestres de estágios, lideranças e profissionais do meio.</p> <p>MOTIVAÇÃO:</p> <p>Importância de cada parceiro saber do seu papel e se disponibilizar para cooperar nos processos da formação por alternância.</p> <p>HIPÓTESE:</p> <p>A parceria e a cooperação, princípios da formação por alternância, dependem de uma boa gestão, coordenação e formação pedagógica, envolvendo a equipe educativa da EFA na articulação e catalização dos parceiros.</p>	<p>Propor um teatro com estudantes, seguindo o roteiro das perguntas ou trabalho em grupos.</p> <p>1. Quais são os parceiros na nossa EFA?</p> <p>2. Distinguir quais os parceiros financeiros e quais os parceiros na formação por alternância em nossa EFA?</p> <p>3. Como está funcionando as parcerias na formação em nossa EFA?</p> <p>4. Quais os maiores desafios e as perspectivas?</p> <p>Debate após o teatro ou Socialização das respostas e conclusões dos grupos</p>	<p>- Leitura do texto-base VII "Compreensão sobre o que é parceria. Aprofundamento sobre a importância da cooperação para o êxito da Pedagogia da Alternância. Aprofundamento e maior conscientização dos papéis de cada parceiro na formação por alternância".</p> <p>Referências:</p> <p>Texto-base VII – As parcerias na formação por alternância</p>	<p>1. Propor ações estratégicas para fortalecer as parcerias existentes e ampliar novas parcerias para melhorar a qualidade educativa na EFA.</p> <p>2. Como que cada família pode se comprometer em mobilizar novos parceiros para melhorar a formação dos/as filhos/as e dos/as demais estudantes na EFA?</p> <p>3. Fazer um exercício de preenchimento do quadro dos parceiros – "O que cada um espera do outro" – no final do texto-base VI</p>

Ficha 8 – Relação pais e filhos

TEMA	ENFOQUE	MÉTODO		
		1º Momento: VER	2º Momento REFLETIR	3º Momento: AGIR
Relação pais e filhos	<p>CONTEÚDO:</p> <p>Fases de desenvolvimento.</p> <p>MOTIVAÇÃO:</p> <p>Importância do conhecimento da psicologia da adolescência e juventude para favorecer a relação geracional, jovens e adultos.</p> <p>HIPÓTESE:</p> <p>Dificuldade no entendimento e atendimento às fases do desenvolvimento</p>	<p>Uma roda de conversa com todos/as presentes:</p> <p>1. A experiência com os filhos mostra regularidade nas fases?</p> <p>2. Diferenças no envolvimento e comportamento.</p> <p>3. Dificuldades encontradas e as superações.</p> <p>Sistematizar as falas e algumas conclusões</p>	<p>- Convidar profissional da Psicologia, por exemplo, para vir palestrar.</p> <p>Desenvolvimento mental e afetivo com ênfase na adolescência. Como abordar e mediar os conflitos geracionais.</p> <p>- Ler o texto-base VIII.</p> <p>Referências:</p> <p>- Texto-base VIII – “Relações pais e filhos” - Convidado/a.</p>	<p>1. Quais meios podemos recorrer para melhorar nossas relações com os/as filhos/as?</p> <p>2. Em que aspectos a convivência na vida coletiva do internato na EFA pode ajudar o/a jovem a superar seus conflitos com os familiares?</p> <p>3. Ler mais para entender sobre as fases do desenvolvimento humano, principalmente na adolescência e juventude.</p>

Ficha 9 - Agroecologia e produção de alimentos saudáveis

TEMA	ENFOQUE	MÉTODO		
		1º Momento: VER	2º Momento REFLETIR	3º Momento: AGIR
Agroecologia e produção de alimentos saudáveis	<p>CONTEÚDO:</p> <p>Sistemas de produção. -Característica da agricultura agroecológica – da filosofia da agroecologia, das técnicas agroecológicas, bem como das formas de comercialização.</p> <p>MOTIVAÇÃO:</p> <p>O papel da agricultura agroecológica na resistência da vida camponesa.</p> <p>HIPÓTESE:</p> <p>A agricultura convencional prejudica a autonomia do camponês. A agroecologia é a única saída para o enfrentamento das mudanças climáticas e contribuir para o futuro da vida no planeta.</p>	<p>Trabalho em grupo ou no grupão:</p> <p>1. Como é o nosso jeito de relacionar trabalhar a terra?</p> <p>2. Como conseguimos as sementes e raças de animais?</p> <p>3. Como tratamos os animais?</p> <p>4. O que fazemos da nossa produção?</p> <p>5. Qual é o nosso jeito de relacionar com a natureza e com as pessoas?</p> <p>6. Participamos de algum movimento ligado com a agroecologia?</p> <p>Socialização das respostas e conclusões</p>	<p>- Neste encontro sugerimos convidar alguém para palestrar e ver um vídeo documentário sobre Agroecologia.</p> <p>- Centrar a reflexão sobre os modelos de produção agrícola hoje em disputa em nossa sociedade: Agroecologia x agronegócio.</p> <p>- Metodologias para uma transição agroecológica. Movimentos agroecológicos.</p> <p>- Políticas públicas para a agroecologia e produção orgânica.</p> <p>- Desenvolver uma prática agroecológica.</p> <p>Referências:</p> <p>- Convidado externo ou alguém da própria equipe educativa da EFA.</p> <p>- Vídeo documentário.</p>	<p>1. Como melhorar o que já temos em nossas propriedades?</p> <p>2. Por onde podemos avançar?</p> <p>3. Como a EFA pode melhorar as suas unidades didáticas, se tornando exemplo de sistemas sustentáveis de produção vegetal e animal?</p> <p>4. Prática agroecológica no dia do encontro.</p>

Ficha 10 - O funcionamento da nossa Associação EFA

TEMA	ENFOQUE	MÉTODO		
		1º Momento: VER	2º Momento REFLETIR	3º Momento: AGIR
O funcionamento da nossa Associação EFA	<p>CONTEÚDO:</p> <p>Tipos de associação. Estrutura da associação EFA local e articulação Regional e Nacional.</p> <p>MOTIVAÇÃO:</p> <p>Importância da escola autogerida pelas famílias, comunidades e movimentos sociais.</p> <p>HIPÓTESE:</p> <p>A dimensão comunitária da EFA, sua gestão feita pelas famílias por meio de uma associação garante autonomia administrativa e pedagógica e o protagonismo dos sujeitos, mas a pouca tradição organizativa de base traz desafios e coloca em risco a filosofia da EFA.</p>	<p>Trabalho em grupos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Quais os tipos de associação existentes em nossa sociedade? 2. Em nossa região, quais os tipos de associações mais comuns? 3. Entre os tipos de associações, onde se encaixa a associação EFA? 4. Qual o valor da associação para o funcionamento da EFA? 5. Tipos de relações da Associação EFA com outras associações e movimentos sociais. <p>Socialização das respostas e conclusões</p>	<p>Ler e aprofundar sobre o Texto-base X.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Diferenciar os vários tipos de associação. - Estrutura e função dos órgãos da associação EFA. - Papel político da associação e o princípio da gerência da família camponesa. <p>Referências:</p> <p>Texto-base X – O Funcionamento das nossa Associação EFA.</p> <p>Estatuto da Associação EFA</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Quais meios a associação precisa para garantir a participação de todas as famílias? 2. Estratégias para angariar sócios colabores entre pessoas, entidades, Sindicatos de Trabalhadores Rurais, cooperativas... 3. Planejamento para promover a continuidade da participação entre sócios natos cujos filhos e/ou filhas se tornaram egressos 4. Discutir a participação da EFA na colaboração para implantação de novas EFAs.

Ficha 11 – Projeto de Vida e Profissional do Jovem e o Projeto de Orientação Profissional

TEMA	ENFOQUE	MÉTODO		
		1º Momento: VER	2º Momento REFLETIR	3º Momento: AGIR
Projeto de Vida e Profissional do Jovem e o Projeto de Orientação Profissional	<p>CONTEÚDO:</p> <p>Plano de orientação do PPJ e/ou do POP na EFA</p> <p>MOTIVAÇÃO:</p> <p>A importância do apoio da família na escolha do tema e elaboração do PPJ e o POP</p> <p>HIPÓTESE:</p> <p>A participação da família contribui com a elaboração do PPJ e/ou o POP e potencializa sua implementação.</p>	<p>A equipe de monitores organiza cartazes e apresenta para as famílias:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Quantos PPJs implantados a EFA contabiliza na região? 2. Tipos de projetos implantados. 3. Maiores desafios na escolha do tema e implantação do PPJ. 4. Qual a importância do Projeto de Orientação Profissional (POP) proposto para o Ensino Fundamental? <p>Ao final da apresentação abre-se para um debate buscando a visão das famílias sobre o assunto.</p>	<p>Convidar uma/a jovem para falar sobre seu projeto profissional em elaboração.</p> <p>Convidar uma/a jovem para vir dar um testemunho da sua experiência de implementação do PPJ.</p> <p>Promover uma reflexão com as famílias sobre a importância do PPJ ou do POP para o desenvolvimento vocacional e profissional dos/as jovens, a sucessão rural.</p> <p>Referências:</p> <p>Projeto em elaboração de jovens estudantes</p> <p>Projetos implantados de jovens egressos.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Buscar estratégias para animar os/as jovens a elaborarem seus projetos. 2. Organizar um banco de PPJ e/ou POP para expor como vitrine da EFA em assembleias e momentos da formação. 3. Montar um painel de fotos de PPJ implantados. 4. Disponibilizar para as famílias o Plano Pedagógico da EFA que orienta o processo de elaboração do PPJ e/ou POP.

Ficha 12 - Relações de gênero no campo

TEMA	ENFOQUE	MÉTODO		
		1º Momento: VER	2º Momento REFLETIR	3º Momento: AGIR
Relações de Gênero no campo	<p>CONTEÚDO:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Equidade de gênero – papéis sociais, representações e identidades construídas socialmente. - Lutas feministas. - Organizações de mulheres. - Políticas públicas para mulheres. <p>MOTIVAÇÃO:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O processo educativo na EFA precisa trabalhar as relações de gênero para evitar o reforço da reprodução do machismo e construir uma sociedade mais justa entre homens e mulheres. Homens e mulheres devem engajar de forma solidária nesta luta. <p>HIPÓTESE: A equidade de gênero reforça a construção de uma sociedade mais justa e fraterna entre homens e mulheres.</p>	<p>Trabalho em grupos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Qual a nossa opinião sobre o discurso “ideologia de gênero”? - Ajuda ou atrapalha a luta pela libertação das mulheres contra o machismo? 2. Como é a divisão do trabalho entre homens e mulheres em nossa família e na EFA? 3. O que é mesmo gênero, equidade de gênero e igualdade de direitos entre homens e mulheres? 4. Temos notícias de violências contra as mulheres em nossas comunidades? 5. Conhecemos políticas públicas para as mulheres? <p>Socialização das respostas e conclusões</p>	<p>Aprofundar no texto-base os conceitos sobre gênero, ideologia de gênero, divisão social do trabalho, relações cultura e natureza, representações sociais, identidades, organizações de mulheres e políticas públicas para mulheres.</p> <p>Referências:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Texto-base XII – “Relações de Gênero no campo”. <p>NÚCLEO DE GÊNERO DA AMEFA. E a mulherada falou. Belo Horizonte, O Lutador, 2009.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Encaminhar outros momentos para aprofundar o tema gênero na EFA, envolvendo estudantes, monitores/as e as famílias, viabilizando esta iniciativa por meio de um projeto que poderia ser desenvolvido dentro do Serão. 2. Reforçar o funcionamento do Núcleo de Gênero da EFA e da AMEFA. 3. Estimular a participação de estudantes e familiares em grupos organizados de mulheres na região.

Ficha 13 - A relação da nossa EFA com a Cultura Camponesa

TEMA	ENFOQUE	MÉTODO		
		1º Momento: VER	2º Momento REFLETIR	3º Momento: AGIR
A relação da nossa EFA com a cultura camponesa	<p>CONTEÚDO:</p> <p>Tipos de relações sociais da EFA e da AEFA com os movimentos e eventos culturais existentes na comunidade, na cidade e na região.</p> <p>MOTIVAÇÃO:</p> <p>Importância das parcerias e participação da nossa EFA com os movimentos e eventos culturais, principalmente ligados ao campo.</p> <p>HIPÓTESE</p> <p>Relações sociais culturais bem estabelecidas, fortalecem politicamente a Associação, as parcerias na formação por Alternância e a identidade camponesa.</p>	<p>Trabalho em grupos:</p> <p>1. Quais os costumes ligados a comportamentos mais comuns em nossas famílias e comunidades?</p> <p>2. Quais as tradições culturais mais importantes que se perderam e as que ainda são mantidas no campo social e religioso, em nossas comunidades, município e região?</p> <p>3. O que é importante resgatar, preservar ou mudar nos costumes e tradições existentes?</p> <p>4. Existem conflitos relacionados com a cultura entre campo e cidade, entre jovens – adultos e idosos?</p> <p>5. O que é cultura?</p> <p>6. A cultura é um tema valorizado no processo educativo da nossa EFA? Como?</p> <p>Socialização das respostas e conclusões.</p>	<p>Aprofundar sobre o texto-base 13</p> <p>- “Identificação de grupos, movimentos culturais e concepção de cultura popular”.</p> <p>- Aprofundar sobre a importância da educação cultural na EFA, as parcerias com grupos e movimentos culturais, a participação institucional da EFA em eventos e movimentos culturais.</p> <p>- Compreender a cultura como elemento de coesão identitária e fortalecimento da classe camponesa.</p> <p>Referenciais:</p> <p>- Texto-base XIII – “A Relação da nossa EFA com a cultura camponesa”.</p>	<p>1. Elaborar um mapa da teia de relações da EFA e AEFA identificando as relações próximas, medianas, distantes e a serem estabelecidas com movimentos culturais do território.</p> <p>2. Propor ações concretas para melhorar, ampliar e fortalecer práticas culturais e artísticas na EFA.</p>

Ficha 14 - Orientação vocacional e a escolha profissional dos/as jovens

TEMA	ENFOQUE	MÉTODO		
		1º Momento: VER	2º Momento REFLETIR	3º Momento: AGIR
Orientação vocacional e a escolha profissional dos/as jovens	<p>CONTEÚDO:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A adolescência, juventude e a complexidade da escolha profissional. - A compreensão dos múltiplos fatores que condicionam as escolhas e trajetórias profissionais. - O Projeto Profissional do Jovem e sua contribuição para o projeto de vida. <p>MOTIVAÇÃO:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Importância da compreensão dos pais e educadores sobre a complexidade da orientação vocacional e da escolha profissional pelo jovem. - Importância do PPJ na orientação vocacional. <p>HIPÓTESE:</p> <ul style="list-style-type: none"> - As influências dificultadoras da falta de diálogo, das condições econômicas e do meio social em geral na orientação vocacional e escolha profissional dos/as jovens. 	<p>Trabalho em grupos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O que os/as filhos/as manifestam querer ser ou fazer quando adultos? 2. O que mais tem provocado influência nessa vontade dos/as jovens? 3. Como lidamos com a orientação profissional de nossos/as filhos/as? 4. Como que o PPJ pode contribuir para a orientação vocacional e a escolha profissional do jovem? <p>Socialização das respostas e conclusões.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Uma palestra de com convidado, se possível. - Aprofundar sobre o texto-base XIV. - Como orientar no acompanhamento dos jovens sobre suas escolhas profissionais. - Aprofundamento sobre a proposta de orientação do PPJ na EFA. <p>Referências:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Texto-base XIV – “Orientação vocacional e escolha profissional dos/as jovens”. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como interferir para promover a afetividade e segurança nas relações pais e filhos, na fase da escolha profissional. 2. Promover capacitação da equipe pedagógica sobre orientação vocacional com apoio de profissionais competentes na área e subsídios de textos sobre o assunto. 3. Passar a proposta de orientação metodológica sobre o PPJ para as famílias.

Ficha 15 - Políticas públicas para a Agricultura Familiar

TEMA	ENFOQUE	MÉTODO		
		1º Momento: VER	2º Momento REFLETIR	3º Momento: AGIR
Políticas públicas para a Agricultura Familiar	<p>CONTEÚDO:</p> <p>Reforçar a história e identidade camponesa Agricultura familiar e camponesa Organizações da Agricultura Familiar Políticas Públicas para a Agricultura Familiar.</p> <p>MOTIVAÇÃO:</p> <p>Importância da Agricultura Familiar para a produção de alimentos saudáveis, a sucessão rural e a proteção e preservação ambiental e enfrentamento às mudanças climáticas, agricultura de baixo carbono.</p> <p>HIPÓTESE</p> <p>A agricultura familiar camponesa, democratiza o acesso à terra e a produção da riqueza, produz alimentos mais saudáveis para o mercado interno, gera mais empregos no campo e respeita mais o meio ambiente.</p>	<p>Trabalho em grupos:</p> <p>1. Quais as políticas públicas para a agricultura familiar que mais conhecemos? - Elas chegam? - Maiores conquistas. - Maiores dificuldades</p> <p>2. Temos famílias sem-terra em nossas comunidades? - A reforma agrária seria uma solução? Por quê?</p> <p>Socialização das respostas e conclusões.</p>	<p>- Palestra com um convidado. - Aprofundar o conceito de políticas públicas, que faz, quais são elas e como elas chegam. - Debater a importância do acesso à terra, das políticas públicas, da sucessão da juventude camponesa e da participação da mulher e dos jovens nas decisões na propriedade familiar.</p> <p>Referências: - Convidado - Vídeo - documentário sobre o tema</p>	<p>1. Discutir estratégias de apoio da família aos projetos dos jovens como alternativa de renda e possibilidade de sucessão rural.</p> <p>2. Como participar das políticas públicas para a agricultura familiar: Assistência Técnica e Extensão Rural – ATER PRONAF, PAA, PNAE, Crédito Fundiário etc.</p>

Ficha 16 - Organização produtiva solidária na Agricultura Familiar e acesso a mercados

TEMA	ENFOQUE	MÉTODO		
		1º Momento: VER	2º Momento REFLETIR	3º Momento: AGIR
Organização produtiva solidária na Agricultura Familiar e acesso a mercados	<p>CONTEÚDO:</p> <p>A produção associada em cooperativas e associações de produtores Princípios da economia popular solidária.</p> <p>Comercio justo. Acesso a mercados</p> <p>MOTIVAÇÃO: Relevância das lutas atuais por organização da produção em cooperativas e associações e acesso a mercados.</p> <p>HIPÓTESE</p> <p>O individualismo, valor central difundido pelo sistema capitalista, dificulta os processos de trabalho e produção em grupo e a cooperação na agricultura familiar camponesa.</p>	<p>Trabalho em grupos:</p> <p>1. Identificar quem e quantas famílias tem acessado aos mercados governamentais (PAA, PNAE) em nossa comunidade?</p> <p>2. O que facilita o que dificulta o acesso às políticas públicas de apoio às compras governamentais (PAA e PNAE)?</p> <p>3. Conhecemos e/ou participamos de alguma cooperativa ou associação que organiza a produção e facilita o acesso a mercados em nossa região?</p> <p>Socialização das respostas e conclusões.</p>	<p>- Palestra com convidado.</p> <p>- Vídeo documentário.</p> <p>Aprofundamento sobre o trabalho associado, organizado em associações e/ou cooperativas.</p> <p>Apresentação da legislação sobre o PAA, o PNAE, entre outras.</p> <p>Referências:</p> <p>- Um Vídeo.</p> <p>- Um convidado externo para dar um testemunho de experiência concreta sobre organização produtiva e acesso a mercados públicos institucionais e privado.</p> <p>AMEFA. Economia Lilás: Organização produtiva de mulheres rurais. BH: Amefa, 2015.</p>	<p>1. Promover uma viagem de estudo com um grupo de famílias que passaram pelo ciclo desta formação numa região fora do território da EFA para conhecer experiências de organização produtiva, agroecologia, acesso as políticas públicas de compras da agricultura familiar.</p> <p>2. Discutir a possibilidade de implementar uma cooperativa na EFA com a participação de estudantes, pais e parceiros ou reforçar a participação e parcerias com uma cooperativa regional ou estadual existente.</p>

4.4 Sugestão de planejamento de um encontro

Local	EFA:
Dia:	
Hora	08 às 17h00 (sugestão)
Temas	1. ...
	2. ...
	3. ...
PROGRAMAÇÃO	
HORA	ATIVIDADES
08h00	Acolhida – apresentação dos/as participantes, programação, objetivos...
08h15	Mística
08h30	1º Tema: - Dinâmica - 1º Momento: VER (verificar a ficha de Planejamento de conteúdo e metodologia relativa ao tema)
09h00	2º Momento: REFLETIR (verificar a ficha de Planejamento de conteúdo e metodologia relativa ao tema e o texto-base relativo ao tema ou outra sugestão que substitua ao texto-base, um vídeo documentário, uma palestra, um testemunho, ou outro texto)
10h00	Parada para lanche
10h15	3º Momento: (verificar a ficha de Planejamento de conteúdo e metodologia relativa ao tema)
11h00	2º Tema – Dinâmica: 1º Momento: VER (verificar a ficha de Planejamento de conteúdo e metodologia relativa ao tema)
	Almoço
13h00	2º Momento: REFLETIR (verificar a ficha de Planejamento de conteúdo e metodologia relativa ao tema e o texto-base relativo ao tema ou outra

	sugestão que substitua ao texto-base, um vídeo documentário, uma palestra, um testemunho, ou outro texto)
14h00	3º Momento: (verificar a ficha de Planejamento de conteúdo e metodologia relativa ao tema)
14h30	3º Tema - Dinâmica - 1º Momento: VER (verificar a ficha de Planejamento de conteúdo e metodologia relativa ao tema)
14h30	2º Momento: REFLETIR (verificar a ficha de Planejamento de conteúdo e metodologia relativa ao tema e o texto-base relativo ao tema ou outra sugestão que substitua ao texto-base, um vídeo documentário, uma palestra, um testemunho, ou outro texto)
16h00	3º Momento: (verificar a ficha de Planejamento de conteúdo e metodologia relativa ao tema)
16h30	Avaliação
17h00	Encerramento

CAPÍTULO 5: TEXTOS-BASE

O Texto-Base é um material didático referência para apoiar cada tema proposto no Plano Geral de Formação das Famílias.

A metodologia de trabalho com o uso dos textos-base pode ser variada, conforme o tempo e a disponibilidade das famílias.

A leitura do texto em grupos pode ser uma sugestão.

As atividades propostas podem ser realizadas e socializadas logo em seguida ao estudo nos grupos.

A depender do tempo, a equipe responsável poderá fazer uma apresentação do texto de forma resumida utilizando do recurso de multimídias.

O texto-base pode ser substituído por vídeo, documentário, ou outro texto mais atual, de acordo com a necessidade do momento e a criatividade da equipe que organiza e anima os encontros das formações.

Texto-base I – CONTRATO DE FORMAÇÃO: O RITUAL DE ENTRADA COMO SÓCIO/A NA ASSOCIAÇÃO EFA

*“Não vou sair do campo pra poder ir pra escola
Educação do campo, é direito e não esmola.”
(Gilvan Santos)*

O texto que segue trata-se de um contrato de formação. Para assiná-lo é importante primeiro lê-lo e estudá-lo mais a fundo para compreender melhor como funciona a EFA. Quais são as responsabilidades da família e dos demais sujeitos parceiros que colaboram nas alternâncias: escola-família-comunidade-território. Quais são esses sujeitos colaboradores? Além de um requisito para a matrícula, a assinatura do Contrato de Formação inscreve a família na Associação EFA como novo membro associado.

QUAIS SÃO OS SUJEITOS QUE DEVEM ATUAR NA FORMAÇÃO POR ALTERNÂNCIA?

- Professores/monitores
- Famílias dos estudantes
- Jovens estudantes
- Associação EFA
- Mestres de estágio
- Comunidades (movimentos sociais)

O QUE COMPETE A CADA UM DESSES SUJEITOS?

Compete às famílias:

1. Responsabilizar-se efetivamente pela formação e educação dos filhos e das filhas, acompanhando os estudos, respondendo os Planos de estudo em casa, bem como acompanhar e apoiar os trabalhos propostos para serem feitos em casa ou na comunidade: as atividades de retorno, estágios, leituras, exercícios, pesquisas em geral;
2. Dar visto no Caderno de Acompanhamento da Alternância;
3. Apoiar e motivar a realização de estágios profissionais, bem como receber jovens estagiários em sua propriedade e predispor-se para acompanhá-los e motivá-los;
4. Incentivar os miniprojetos dos filhos em casa ou na comunidade;
5. Acompanhar o processo de construção do PPJ;
6. Visitar regularmente a EFA;
7. Colaborar com o acompanhamento do internato, dormindo de vez em quando na EFA, a partir de um cronograma onde todos possam participar;
8. Participar das atividades da Associação EFA: assembleias, reuniões, festas e campanhas promocionais, mutirões na propriedade da EFA, trabalhos em comissões específicas, entre outros;
9. Contribuir para ajudar na manutenção da Associação, conforme decisão em assembleias gerais que define a COTA SOCIAL;
10. Participar dos cursos de formação das famílias;
11. Divulgar a EFA....

Compete aos estudantes

1. Preencher o Caderno de Acompanhamento da Alternância;
2. Realizar todas as tarefas propostas pela EFA, a serem realizadas na Estadia socioprofissional: Leituras, exercícios, pesquisas relacionadas às disciplinas; Pesquisas do Plano de Estudo, organização do Caderno da Realidade, Realização de Atividades de Retorno na família e comunidade, experiências, cursinhos, dias de campo, palestras etc.;
3. Ajudar elaborar e respeitar as normas de vida de grupo no internato – OS ACORDOS DE CONVIVÊNCIA;
4. Participar de todas as atividades programadas durante a Sessão Escolar: Serões de Estudo, Grupos de Trabalho para os autosserviços: trabalhos domésticos, manutenção das atividades produtivas, limpeza dos banheiros, dormitórios, refeitórios etc.
5. Defender e divulgar a EFA;
6. Demonstrar gosto pelas atividades sociais, culturais e profissionais do campo e buscar soluções para desenvolvê-las;
7. Colaborar para criar um ambiente propício para uma convivência saudável e favorável para as aprendizagens;
8. Engajar em movimentos sociais, pastorais, desportivos, sindicais e/ou outros;
9. Elaborar e implementar o PPJ...

Compete aos professores-monitores:

1. Aceitar e defender a Pedagogia da Alternância com suas Mediações Didáticas específicas, os instrumentos pedagógicos;
2. Fazer a Formação Inicial em Pedagogia da Alternância – qualificar-se para atuar na EFA;
3. Atualizar-se permanentemente por meio da participação de cursos, seminários, congressos, palestras, organizados pela Regional AMEFA, nacional e outros, bem como fazer leituras, pesquisas etc.;
4. Acatar e colaborar para aprimorar o que propõe o Regimento da EFA a respeito de suas competências na EFA;
5. Cumprir suas tarefas individuais de preparar aulas e ensinar e ser capaz de trabalhar em equipe;
6. Orientar o funcionamento da alternância e a vida de grupo no INTERNATO;
7. Atender e orientar os educandos individualmente por meio das TUTORIAS;
8. Motivar a elaboração dos Planos de Estudo junto aos educandos;
9. Coordenar Colocações em Comum das pesquisas dos Planos de Estudo;
10. Orientar os trabalhos de estudo e aprofundamento dos conhecimentos teóricos, partindo sempre da experiência dos educandos, valorizando o conhecimento popular das famílias e comunidades;
11. Conhecer a realidade cultural e social onde vive o educando e sua família;
12. Incentivar os educandos a desenvolverem miniprojetos e estágios na perspectiva da formação profissional e social;
13. Orientar o Projeto de Vida e Profissional dos jovens;
14. Participar do plano de Visita às Famílias e comunidades;
15. Incentivar a auto-organização dos educandos na EFA;
16. Motivar os educandos para o engajamento social e político na comunidade;
17. Ser um/a educador social, comprometido com a Agricultura Familiar Camponesa e suas causas.

18. Compreender-se como um agente promotor do desenvolvimento sustentável e solidário do campo...
19. Acreditar nos jovens, suas famílias e comunidades e promover valores da empatia, solidariedade, do respeito, da justiça....

Compete à Associação EFA

1. Representar a EFA perante os poderes públicos e a sociedade civil;
2. Fazer a gestão dos recursos financeiros;
3. Contratar e avaliar a equipe educativa e funcionários da EFA;
4. Buscar parcerias para apoiar a formação e o financiamento da EFA;
5. Buscar estratégias para fortalecer a associação do ponto de vista financeiro e da participação efetiva das famílias;
6. Ampliar o quadro de sócios colaboradores (egressos, pessoas, entidades, cooperativas, sindicatos etc.);
7. Cuidar de toda a vida da EFA;
8. Fazer prestação de contas;
9. Aprovar o Plano orçamentário;
10. Aprovar o Plano de formação dos estudantes, o Calendário Escolar, o Projeto Político Pedagógico, o Regimento Escolar;
11. Cuidar da formação dos associados;
12. Criar estratégias de mobilização das famílias para participarem da vida associativa e se responsabilizarem pelo acompanhamento da formação dos/as filhos/as.

Compete aos mestres de estágios:

1. Assinar contratos de Estágio com a EFA;
2. Receber estudantes para fazer estágio;
3. Acompanhar o processo de estágio;
4. Estimular o estagiário para que cumpra bem com os objetivos do estágio;
5. Avaliar o estagiário;
6. Assinar o relatório de estágio.

Compete aos movimentos sociais, pessoas entidades locais parceiros da EFA:

1. Conseguir novos mestres de estágio;
2. Realizar Intervenções Externas na EFA;
3. Receber Visitas de Estudo da EFA;
4. Receber estudantes para fazer estágio social e/ou técnico;
5. Colaborar com a EFA.

ATIVIDADE A SER REALIZADA EM CASA

Incentivar as famílias a lerem o Estatuto da Associação EFA

A EFA deverá disponibilizar uma cópia do Estatuto para todas as famílias de cada 1º ano, no ato da assinatura do Contrato de Formação.

Texto-base II – MEDIAÇÕES DIDÁTICAS DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

*“Essa semente plantada
Na Agricultura Familiar
Faz nascer nova esperança
Escola comunitária
Nova semente a brotar
Educação libertária
O lema é participar.
Escola Família
A escola que todos desejam
Que a gente almeja pra ser
cidadão
Escola Família
Um jeito novo de aprender
De poder viver nova educação.”
(Antônio Baiano)*

Este texto fala sobre o que é uma EFA, seus pilares fundamentais com suas finalidades educativas e os instrumentos necessários, ou seja, os meios para unir escola e família/comunidade, articular os tempos na escola e na família, integrar as alternâncias e promover a educação contextualizada à realidade do território onde vivem as famílias; unir saberes acadêmicos e populares e a teoria com a prática.

O que é a EFA, a Pedagogia da Alternância e as Mediações Didática ou Instrumentos Pedagógicos?

Quem não conhece deve se perguntar: o que vem a ser Escola Família Agrícola (EFA)? Como funciona esta Pedagogia da Alternância? O que são e como funcionam os tais instrumentos pedagógicos, hoje conhecidos também como Mediações Didáticas da Pedagogia da Alternância? Tentaremos, de forma bem simples, responder a estas questões, a fim de lhe permitir uma melhor compreensão do sistema da alternância, onde a organização escolar integra um tempo na escola e outro na família e comunidade. O espaço e tempo na escola chamamos de Sessão Escolar (SE) e o espaço e tempo na família-comunidade chamamos de Estadia Socioprofissional (ESP). Esses tempos e espaços: escola-família-comunidade formam uma sequência, um ciclo de Alternância Integrativa, formam uma unidade onde tanto a escola, quanto a família, a comunidade e o trabalho são educativos.

Mas, o que é uma EFA? É um modelo de escola que se sustenta por quatro pilares fundamentais, ou seja, a exemplo dos pilares de uma construção, os pilares da EFA precisam ser construídos antes da própria EFA. Estes pilares, aos quais chamamos de princípios maiores do Sistema EFA, estão divididos em duas categorias: pilares meios e pilares fins.

a) Os Pilares meios são:

1) Uma associação formada de famílias, entidades, movimentos sociais, lideranças, comunidade etc. Esta associação se responsabiliza pela gestão e administração da EFA, bem como pelo projeto educativo em alternância.

2) A Pedagogia da Alternância, um sistema educativo que contextualiza o processo de ensino e aprendizagem. A realidade, o contexto da comunidade, o trabalho e a cultura constituem princípio e fim do processo educativo. As mediações didáticas (instrumentos pedagógicos) são utilizados como meios de integração entre os vários contextos formativos.

b) Os Pilares fins:

3) um plano que garanta uma formação integral e emancipatória dos sujeitos. Este deve ser concebido a partir de um diagnóstico participativo e de uma concepção coletiva da educação necessária para as juventudes do campo.

4). Um plano de ação que seja sustentável às famílias e ao meio. É óbvio que para se construir este plano de ação sustentável se faz necessário um somatório de esforços e planejamento entre as diversas forças sociais e políticas da localidade e região, cada um com seu papel e sua especificidade. A EFA, portanto, é um projeto social que, integrada a outros parceiros, com sua metodologia apropriada, cria meios para promover um processo educativo comprometido com o desenvolvimento sustentável e solidário, baseado em princípios da agroecologia.

PRINCÍPIOS QUE IDENTIFICAM A EFA: OS 4 PILARES



Begnami, 2019, p. 119, adaptado de Puig-Calvó, 2010.

*Em síntese, a Escola Família Agrícola é uma **Associação** de Famílias, Comunidades, Movimentos Sociais e Sindicais do campo, que funciona por meio da **Pedagogia da Alternância**, promove uma **formação integral e emancipatória**, articulada à **produção sustentável da vida**, com finalidades educativas comprometidas com um **novo projeto de campo e sociedade**, baseado em princípios da **Agroecologia**.*

Cida: Penso como a Divina, a cultura é um aprendizado e faz parte da história de cada povo, por isso, dentro do princípio da diversidade e do respeito humano, a gente deveria falar em culturas diferentes e não cultura superior ou inferior.



Davi: Para responder a essa pergunta é necessário entender por que ela surgiu.

Luana: E como ela surgiu?

Jonas: A história nos diz que no interior da França um adolescente não se adaptando à escola da cidade disse ao seu pai que não pretendia mais estudar e que gostaria de tocar sua vida plantando uva. Essa decisão preocupou o pai que conversando com outras famílias percebeu que seus filhos viviam a mesma situação. Resolveram procurar o vigário que, sensibilizado com a situação resolveu ajudar.



Tomé: O padre se prontificou em hospedar os adolescentes por uma semana em sua casa, alternada por outras duas semanas em suas famílias. Ao voltar para casa os adolescentes eram orientados pelo sacerdote a fazer pesquisas sobre a realidade de suas propriedades: quantos pés de uva, qual a área plantada, qual a largura das covas, quanto gastavam de insumos etc. Estes jovens anotavam todas as informações e ao voltarem para a casa paroquial, socializavam os dados coletados em casa, com os outros colegas (eles eram em número de quatro adolescentes). Das apresentações todas, orientadas pelo padre, construíam um relatório síntese da realidade de todos. Identificavam as principais “situações-problemas” que haviam encontrado em suas propriedades.

Mariana: Pois é, com estas informações organizadas e debatidas, o padre organizava uma visita numa localidade onde alguém já tivesse enfrentado aquele tipo de problema, para que os jovens pudessem entender como o havia solucionado. Lá os adolescentes podiam comparar o que viam com a sua realidade de casa, da família, faziam perguntas etc. anotavam o que viam com o intuito de, ao retornar para sua casa apresentar para seus familiares o que haviam aprendido e, quem sabe aplicar tais experiências na resolução de seus problemas.

Cida: Assim, o estudo das diversas disciplinas durante a semana de aulas na casa paroquial era baseado na síntese que os alunos tinham feito junto com o padre. Este tinha o cuidado de colocar as disciplinas a serviço das situações-problema que os adolescentes traziam. Desta forma, eles viam aplicabilidade nos temas estudados em sala de aula e mantinham maior interesse nos estudos.

Divina: Importante observar que para evitar a ociosidade e a conseqüente saudade da família, e com o intuito de fortalecer as raízes culturais dos adolescentes, momentos recreativos recheados de atividades artísticas e culturais eram propiciados aos adolescentes durante a semana que permaneciam juntos na casa paroquial, principalmente à noite.

Davi: Sabe-se que todas as tarefas do dia a dia, como a arrumação e limpeza do espaço onde viviam, o cuidado com o jardim e as plantas eram feitos pelos estudantes, organizados num esquema de rodízio, onde todos passavam por todas as atividades.



Luana: Depois de toda essa vivência na “casa/escola”, os adolescentes eram orientados e preparados para as duas semanas que iriam passar em casa e na comunidade. A intenção era tirar o máximo de proveito daqueles dias, tanto no sentido de darem um retorno para suas famílias, seus vizinhos, do que aprenderam, quanto também de fazerem novas pesquisas e novas anotações para repassarem aos seus colegas e para buscar respostas às questões levantadas naquele período.

Divina: E assim, sucessivamente aqueles adolescentes se alternavam entre a casa paroquial e as casas dos seus pais, aprendiam os conteúdos gerais a partir das problemáticas encontradas no cotidiano familiar. Para não ficar na informalidade, a princípio, estes adolescentes foram matriculados num sistema avaliativo daquele país que correspondia ao supletivo aqui no Brasil e ao final do ano iam lá prestar exame avaliativo, o que despertou a curiosidade das pessoas e estudiosos envolvidos, pois aqueles adolescentes se sobressaíam nos resultados...



Davi: Como podemos perceber, desta experiência iniciada em 1935, na França surge, então, a Maison Familiale Rurale (Casa Familiar Rural) que no final da década de 1960, do século passado, chega ao Brasil com o nome de Escola Família Agrícola – EFA, no Estado do Espírito Santo. Em 1983 chega a Minas Gerais, onde hoje somos 22 EFAs que se associam à Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícolas (AMEFA).

Mariana: Na história contada acima está a essência de como funciona a Pedagogia da Alternância.

Cida: **Afinal, o que são e como funcionam as mediações didáticas da Pedagogia da Alternância?**

Jonas: Vamos com calma e por parte. Existem várias mediações didáticas na Pedagogia da Alternância. Poderemos aprofundar sobre todas ao longo dos nossos encontros, mas neste encontro daremos destaque para as seguintes:

1. Plano de Formação
2. Plano de Estudo
3. Tutoria
4. Colocação em Comum
5. Visitas/viagens de Estudo
6. Intervenção Externa
7. Atividade de Retorno
8. Caderno de Acompanhamento da Alternância
9. Caderno da Realidade
10. A Visita às Famílias
11. O de Vida e Projeto Profissional do Jovem



Tomé: O **Plano de Formação** dos estudantes é o currículo da EFA. Ele é estruturado em três partes: 1) Conteúdos vivenciais 2) Conteúdos gerais, também chamados de BNCC - Base Nacional Comum Curricular; 3) Conteúdos da parte diversificada e Profissionalizante.

Divina: A parte dos conteúdos vivenciais englobam os Planos de Estudo, a Colocação em Comum, as Visitas/Viagens de Estudo, Intervenções Externas, Atividades de Retorno.



Jonas. Importante lembrar que esta parte dos conteúdos vivenciais é elaborada a partir de consultas às famílias. Todo ano espera-se que haja um espaço de avaliação para que o Plano de Formação seja atualizado para o ano seguinte.

Luana: O **Plano de Estudo** é um tema ligado com a realidade de origem dos estudantes. Por meio do Plano de Estudo realiza-se uma pesquisa quando o/a estudante está em sua família e comunidade. Na EFA, os estudantes são motivados a fazer a pesquisa. Com a ajuda dos monitores elaboram o roteiro com perguntas para observar ou para entrevistar pessoas da família e/ou da comunidade.

Davi: Olha que os dados colhidos nesta pesquisa do Plano de Estudo servem como ponto de partida para o aprofundamento nas aulas. Ou seja, o Plano de Estudo ajuda ainda na relação dos/as filhos/as com a família e a comunidade, valorizando os saberes da cultura camponesa. Por isso, a família deve ajudar a responder o Plano de Estudo ou apoiar na busca por respostas com outras pessoas da comunidade.

Mariana: Não vamos aprofundar desta vez sobre o Projeto de Vida e Profissional do Jovem (PPJ), mas é bom lembrar que os Plano de Estudo são fontes importantes para a elaboração da sua escrita final para ser apresentada no final do curso.

Davi: Cabe lembrar que ainda na Estadia em casa, cada jovem deverá redigir a sua síntese pessoal, ou seja, um texto, tipo um relatório, informando os resultados da pesquisa do Plano de Estudo. Não se trata de levar somente perguntas e respostas.



Cida: Entra em cena a **Tutoria**. De volta à EFA, na Sessão seguinte, o/a estudante deverá ser recebido/a, de forma calorosa, pela equipe de Monitores/as e logo após essa acolhida, inicia-se o acompanhamento personalizado, por meio da Tutoria. Esta mediação didática consiste na divisão dos estudantes, proporcionalmente, pelo número de educadores/as, ou seja, cada monitor/a se responsabiliza por acompanhar, durante o período na EFA, aquele número de estudantes designado pela equipe.



Luana: Cabe dizer que durante a Sessão Escolar, cada estudante receberá a sua tutoria. Ela consiste, entre outras coisas, em apreciação da pesquisa do Plano de Estudo, das atividades previstas para a Estadia socioprofissional, bem como para tratar de assuntos pessoais, vivenciais na família, comunidade ou na EFA.

Jonas: A **Colocação em Comum** vem em seguida. Trata-se da socialização da pesquisa do Plano de Estudo. É um momento que gera debate, levantamento de pontos de aprofundamento e elaboração da síntese coletiva do tema do Plano Estudo. Esta síntese é socializada com todos os estudantes e monitores.

Divina: E esta síntese coletiva, com os pontos de aprofundamento sobre determinado dado da realidade dos estudantes, deve servir de base para as aulas. Os pontos de aprofundamento devem ser estudados, na medida do possível, nas aulas que vão transcorrer durante a Sessão Escolar.

Tomé: A **Visita/viagem de Estudo** é realizada em um tempo logo após a Colocação em Comum do Plano de Estudo, com o objetivo de permitir ao estudante o confronto da sua realidade pesquisada com outra e daí possa tirar suas conclusões e descrevê-las em relatório que vão ampliando sua compreensão da realidade.

Cida: A **Intervenção Externa** é outra mediação didática que se soma ao tema do Plano de Estudo para alargar a visão dos/as estudantes sobre aquele assunto, sobretudo, do ponto de vista prático, da experiência, da vivência. Geralmente é feita

por um familiar, um técnico, preferencialmente alguém que fala da experiência própria. Os/as estudantes são motivados a fazer relatório dessa atividade.



Davi: Ao aproximar do final da Sessão Escolar na EFA, é momento de planejar a **Atividade de Retorno**. Esta mediação didática, como o próprio nome diz, é uma ação planejada para permitir que os/as estudantes possam dar um retorno a sua família, sua comunidade, seu território, sobre o tema do Plano e Estudo daquela sessão, ou daquele período. Este retorno pode se dar de diversas formas, que vai desde a socialização que foi estudada na EFA, junto à família, para os casos dos estudantes mais novos, até uma intervenção prática na realidade da comunidade para aqueles com idade mais avançada. A Atividade de Retorno pode ser uma EXPERIÊNCIA, interdisciplinar, na EFA e na família, devidamente planejada, acompanhada e avaliada por meio de relatório final e a socialização entre os/as estudantes.



Mariana: Para ajudar tanto os monitores, quanto estudantes e familiares a acompanharem tudo isso, existe o **Caderno de Acompanhamento da Alternância**. Ele é um instrumento de comunicação entre a família e a escola e a escola e a família. Ele permite fazer, de fato, um relato breve tanto da vida na EFA para com a família, quanto vice-versa. Desta forma, ambas recebem informações sobre o andamento do/a estudante, nos dois momentos, além do que se constitui num elemento importante de AVALIAÇÃO.

Luana: O **Caderno da Realidade** é outro instrumento importante na EFA. É como se fosse um diário. O livro da vida do/a estudante. Nele são colocados: a) o roteiro da pesquisa do Plano de Estudo; b) o texto síntese pessoal do Plano de Estudo; c) o texto síntese coletiva da Colocação em Comum; d) relatórios das Visitas/Viagens de Estudo; e) relatórios das Intervenções externas; f) relatórios das Atividades de Retorno e Experiências etc.

Divina: Com todo esse repertório, o Caderno da Realidade se torna um importante recurso de aprendizagem da escrita, da organização, da ilustração, da observação, da sistematização, da análise dos dados, das reflexões e conclusões pessoais.



Jonas: Importante destacar que a **Visita às Famílias** é uma atividade pedagógica da EFA que reforça todas as outras mediações. Estas visitas devem ocorrer pelo menos uma a duas vezes ao ano para cada família. Elas devem acontecer para que os monitores/professores conheçam bem as famílias e a realidade existencial de cada estudante. Mas também objetivam a acompanhar os estudantes em suas atividades. Serve para incentivar as famílias sobre seus papéis no acompanhamento dos estudos dos filhos durante a estadia e sobre sua participação na vida associativa da EFA. Neste sentido, é fundamental que a família compreenda seu papel no apoio ao projeto do jovem.



Luana: O **Projeto de Vida e Profissional do Jovem** (PPJ) é a culminância da trajetória do jovem na EFA quando se trata do Ensino Médio e técnico. No ensino Fundamental o nono ano é dedicado à elaboração do Projeto de Orientação Profissional (POP). No caso do PPJ ele começa a ser orientado desde o primeiro ano. No tema que tratará do Aprofundamento sobre as Mediações Didáticas da Pedagogia da Alternância e Orientação Vocacional e escolha profissional tem mais detalhes sobre o PPJ, assim como o POP.

ATIVIDADE

1º - Mostrar para as famílias presentes na formação, exemplares do **Caderno de Acompanhamento da Alternância**. Folear o Caderno, falar da sua importância e funcionalidade para o acompanhamento das atividades na Sessão Escolar e na Estadia Socioprofissional. Os familiares precisam compreender a sua estrutura e quais seus papéis em relação a esta mediação didática.

2º - Apresentar um **Caderno da Realidade**, se possível um exemplar de uma/a estudante do ano anterior para que compreendam sobre o que é esta mediação didática e o que eles podem fazer para que seus filhos e filhas caprichem na elaboração deste caderno como ferramenta de pesquisa e aprendizagens da escrita e da sua realidade.

3º - Levar os familiares para verem o **Plano de Formação** exposto em painel na sala dos monitores e apresentar os temas de Planos de Estudo, as visitas, intervenções, atividades de retorno etc.

Texto-base III - HISTÓRIA E VALORES ATUAIS DA FAMÍLIA E O SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DOS/AS FILHOS/AS⁴

*“Vejo a vida passar num instante
Será tempo o bastante que tenho pra viver?
Não sei, não posso saber
Quem segura o dia de amanhã na mão? /.../
O amor cuida com carinho, respira o outro, cria o elo /.../”
(Pastor Henrique Vieira)*

O que é uma família? É comum a gente ouvir nos ambientes escolares, que a família não é mais como as de antigamente. O jovem é assim porque a família é desestruturada. De fato, hoje existe uma diversidade de tipos de famílias. Mas, um conceito que não pode escapar é o de que “família é um núcleo de afeto”. Pai ou mãe é quem cuida!

Então, o que podemos entender como família é aquele ambiente que exala afeto, amor, carinho, atenção, cuidado, responsabilidade, fraternidade, respeito. Quando uma criança, um adolescente ou um jovem chega ao ambiente escolar, o pressuposto é de que os aprendizados dos valores básicos: respeito, cuidado, atenção, reponsabilidade, caráter etc. já tenham se formado na escola da vida, em família e comunidade. Além desses aprendizados da vida, a família tem um papel importante na educação escolar dos/as filhos/as.

O papel da família na educação escolar

Na vida da criança, do adolescente e do jovem, a família tem um papel indispensável, sobretudo na formação de 0 a 16 anos. Para que o jovem possa crescer e se desenvolver com equilíbrio em cada fase de sua vida, precisa de um ambiente humano, de afetos, que atenda suas necessidades – físicas, afetivas, intelectuais e sociais.

As necessidades físicas devem ser atendidas e satisfeitas para permitir a criança se desenvolver e tomar contato com o mundo. Ela passa da proteção da mãe para a autonomia do adulto – aprender a andar, comer, falar, divertir-se e trabalhar...

As necessidades afetivas são atendidas num grupo pequeno, unido e atento, pois um grupo grande não permite a intimidade, relações mais próximas e de confiança.

As necessidades intelectuais, de aprender como as coisas são e para que servem, são atendidas através de uma atenção pessoal a criança, para que ela desperte cada vez mais o seu aprender.

As necessidades sociais da criança são atendidas num ambiente familiar seguro – de uma relação profunda de maneira que ela possa enfrentar a vida social com segurança. A família por mais que tenha perdido sua função educadora no processo do mundo moderno, continua representando este ambiente.

⁴ Adaptado. Referência Plano de Formação das Famílias da RACEFFAES.

Mesmo com pouca preparação, a família educa melhor que as instituições sociais.

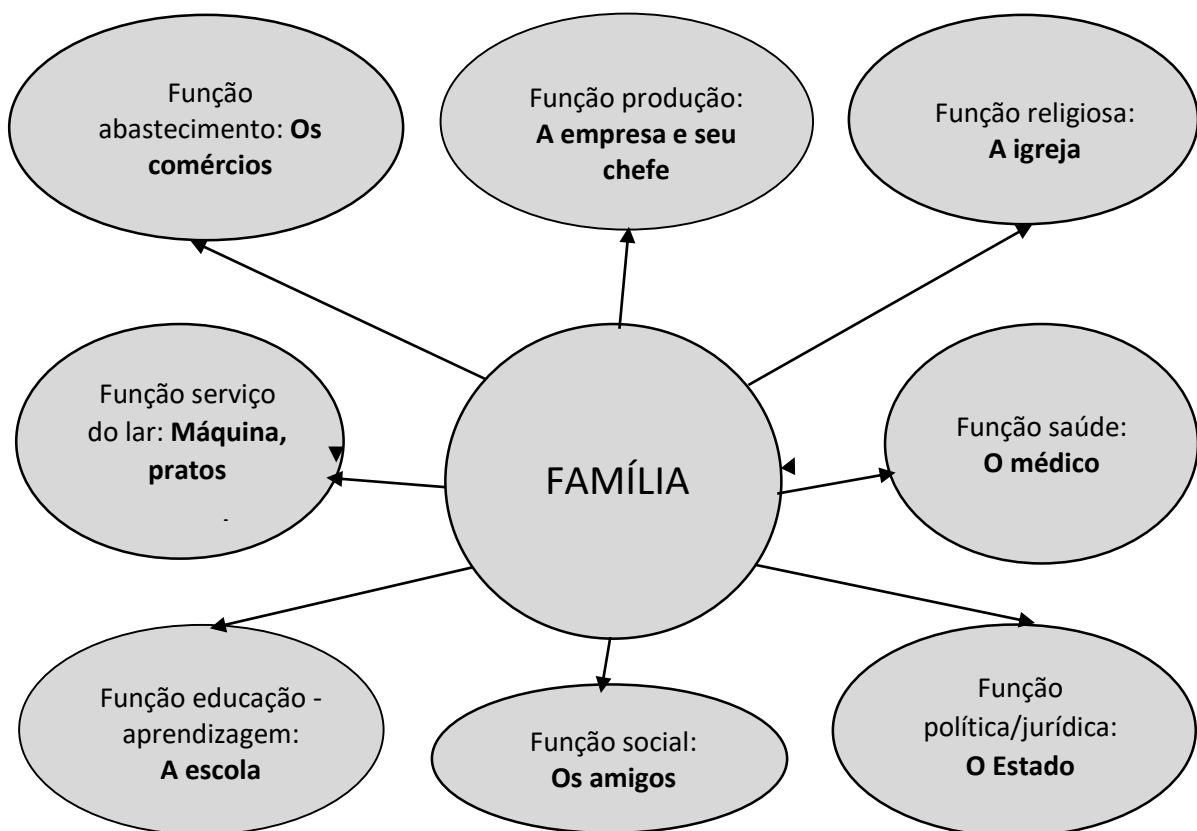
Por que hoje a família não tem a preparação suficiente para educar?

1º - Nenhum grupo é perfeito, porém, fazendo um esforço pode melhorar.

2º - Os tempos vão mudando, precisa adaptar-se as novas realidades;

3º - O saber foi sendo entendido como coisa exclusiva da escola e a família foi se sentindo incapaz e foi perdendo o costume e a função de educar, porém em parceria – família - comunidade – escola a função de educar da família pode ser recuperada.

Funções que a família perdeu



Fonte: RACEFFAES.

ATIVIDADE

Fazer um mapa dos tipos de famílias existentes em nossa EFA.

Texto-base IV - HISTÓRIA DA NOSSA EFA⁵

*“Dessa história nós somos os sujeitos
Lutamos pela vida, pelo que é de direito.
As nossas marcas se espalham pelo chão.
A nossa escola, ela vem do coração.”
(Gilvan Santos)*

A implantação da EFA.....

Um roteiro para contribuir com a narrativa da história da nossa EFA.

1. A origem da ideia: quando e como surgiu?

- Por que surgiu essa ideia?

- Como se organizou para levar essa ideia adiante?

2. Como foi a escolha do local, os projetos, campanhas para a construção, ou adaptação dos prédios, aquisição de equipamentos?

3. Como foi a articulação de lideranças, parceiros e a AMEFA?

4. Como se deu a mobilização e envolvimento das famílias?

5. Como foi a criação da Associação? Quem foram os primeiros sócios?

6. Como foi a elaboração do Projeto para o pedido de credenciamento da Associação e autorização do Curso junto ao Conselho Estadual de Educação e a Secretaria de Estado da Educação?

7. Quais são as parcerias financeiras da EFA?

8. Primeira turma – número de egressos e estudantes em curso – cursos autorizados.

9. Como a Associação define a cota social, para que finalidade e qual o valor atual?

Linha do tempo da Escola Família Agrícola e da Pedagogia da Alternância

1935 – Surge a Casa Familiar Rural na França em um contexto de ausência de educação apropriada para o campo. Ela nasce por iniciativa de movimentos camponeses, com a Pedagogia da Alternância, uma proposta educativa diferenciada, contextualizada à realidade do campo, da produção da existência, do modo de vida, do trabalho e da cultura camponesa.

Alguns diferenciais desta proposta:

⁵ Adaptado. Referência Plano de Formação das Famílias da RACEFFAES.

- ✓ os/as jovens estudantes não precisavam sair do campo para estudar na cidade, numa escola alheia à sua realidade, por isso, mantêm-se vinculados às suas famílias e comunidades;
- ✓ o currículo articula a ciência com a experiência, valorizando a cultura, os saberes locais;
- ✓ os/as estudantes ficam internos por um período na escola alternando por um período em casa, articulando a vida com a escola;
- ✓ as famílias participam da gestão da escola como protagonistas do projeto educativo e os educadores davam aulas e acompanhavam os processos da Alternância.

1968 – Surge a Escola Família Agrícola (EFA) no Espírito por meio do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES). Uma iniciativa inspirada nas Casas Familiares Rurais Francesas, via experiência Italiana.

1975 – Criação da Associação Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural – AIMFR.

1983 – Surge a primeira EFA em Minas Gerais, na cidade de Muriaé, Zona da Mata Mineira.

1982 – Criação da União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil - UNEFAB

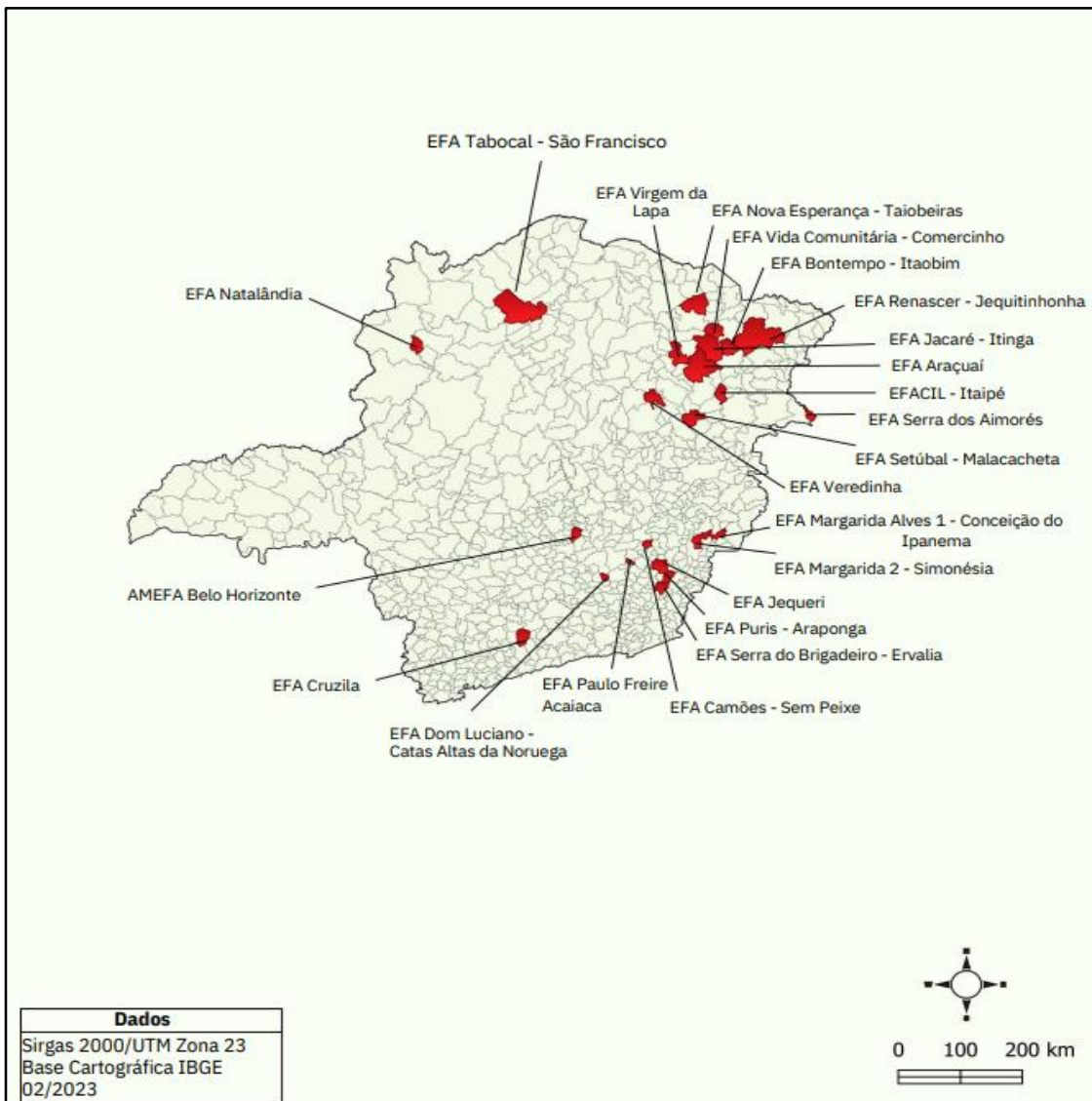
1993 – As EFAs existentes em Minas se articulam e criam a Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícolas – AMEFA. A AMEFA associa as Associações EFAs e tem por finalidade assessorar as EFAs no Estado.



Foto: Amefa, 2018.

Atualmente, são mais de 150 EFAs no Brasil, articuladas em Associações Estaduais, como a AMEFA.

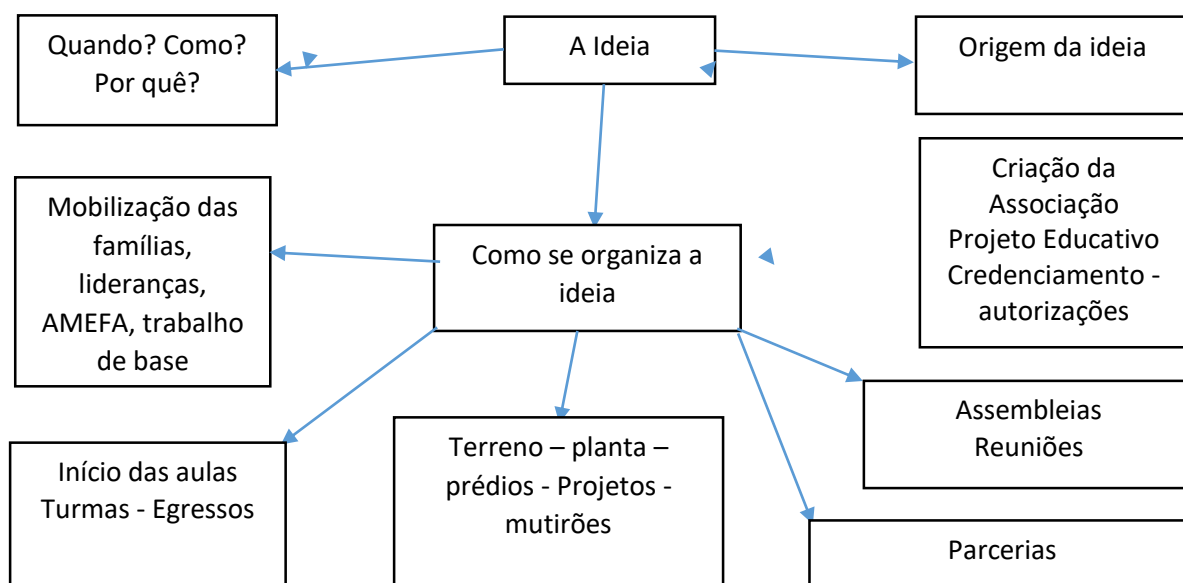
Mapa das EFAs em Minas Gerais.



Fonte: Samuel Santos Pinheiro, 2023.

PRODUÇÃO DE UM PAINEL

Relato histórico da EFA baseado em fotos, conforme roteiro abaixo:



ATIVIDADE PROPOSTA PARA SER DESENVOLVIDA DURANTE O 1º ANO DESTA FORMAÇÃO

- ✓ Elaborar um memorial da história da nossa EFA.
- ✓ Este memorial com uma linha do tempo poderá ser elaborado no formato de uma cartilha, se possível ilustrada.
- ✓ Uma cartilha ilustrada dará mais visibilidade para a EFA. Poderá servir para divulgar junto aos futuros candidatos e candidatas ao curso na EFA, para parceiros, visitantes etc.
- ✓ O painel com o relato histórico por meio das fotos poderia entrar nesta cartilha.
- ✓ Incluir um mapa com os municípios abrangidos pela EFA.
- ✓ Vamos pensar nesta ideia e colocá-la em prática?

Vamos formar um grupo de trabalho envolvendo monitores/professores, familiares e parceiros?

Texto-base V - O TRABALHO E O SEU PAPEL NA FORMAÇÃO HUMANA⁶

“É pelo trabalho que a mulher vem diminuindo a distância que a separava do homem, somente o trabalho poderá garantir-lhe uma independência concreta.” (Simone de Beauvoir)

Tomé: O que entendemos mesmo por trabalho? É o que a gente faz com as mãos, colocando força física do nosso corpo?



Divina: Penso que o trabalho é todo movimento que acontece na natureza mudando as coisas de lugar ou transformando as coisas. Ou seja, é toda ação feita pelos seres da natureza inclusive o ser humano que por ter alcançado uma evolução maior, transforma e pensa – pensa e transforma as coisas da natureza e a si mesmo.

Davi: Então, se o trabalho envolve o pensar e o fazer ao mesmo tempo, não podemos separar o trabalho intelectual do trabalho manual. O ato de estudar, pesquisar assim como o ato de capinar, plantar, colher, lavar, passar, varrer, todos são formas de trabalho.



Luana: Mas, o sistema capitalista produziu historicamente uma divisão social do trabalho, promovendo uma separação e hierarquização entre trabalho intelectual e manual, dando mais importância e valor ao trabalho intelectual.

Luana: Mas, o sistema capitalista produziu historicamente uma divisão social do trabalho, promovendo uma separação e hierarquização entre trabalho intelectual e manual, dando mais importância e valor ao trabalho intelectual.

Mariana: Por isso, na história, da educação, por exemplo, sempre houve a tendência de separar uma escola clássica para formar bem intelectualmente os filhos das elites

⁶ Adaptado. Referência Plano de Formação das Famílias da RACEFFAES.

e outra, voltada para a instrução técnica, com pouca formação clássica, voltada para os filhos dos trabalhadores.



Cida: Esta divisão social do trabalho teve repercussão na divisão sexual do trabalho também, onde por muitos séculos, criou-se uma representação social do que seria o trabalho da mulher e o que seria o trabalho do homem. Inclusive alegando que a mulher é sexo frágil e que não poderia fazer certos trabalhos que o homem faz.

Divina: A frase da Simone de Beauvoir, uma filósofa e feminista francesa, que está na epígrafe deste texto diz: “É pelo trabalho que a mulher vem diminuindo a distância que a separava do homem, somente o trabalho poderá garantir-lhe uma independência concreta.”



Jonas: Interessante, observarmos esse valor do trabalho do ponto de vista das mulheres. Concordo que é pelo trabalho que as mulheres ganham mais autonomia e possa de fato, fazer o que ela quiser em nossa sociedade.

Tomé: Mas, quando a mulher entra no mundo do trabalho da mesma forma que os homens elas passam a ter dupla, tripla jornada de trabalho e isso não é justo.

Jonas: Aí que entra a solidariedade masculina em relação à luta das mulheres por autonomia, podendo elas também sair de casa para trabalhar fora. Significa que os homens precisam assumir junto os trabalhos da casa, dos cuidados com os filhos etc.

Luana: A gente pode levar essa prosa para vários lugares, falamos do trabalho das mulheres. Temos o problema do trabalho infantil, o trabalho escravo que ainda acontece hoje em grandes fazendas latifundiárias do agronegócio. Temos o trabalho explorado mal pago e ainda prevalece, em muitos lugares onde a mulher trabalha mais, produz até mais e ganha menos que os homens.



Mariana: O Presidente Lula sancionou a Lei Nº 14.611 de 3 de julho de 2023 que dispõe sobre a igualdade salarial e de critérios remuneratórios, nos termos da regulamentação, entre mulheres e homens para a realização de trabalho de igual valor ou no exercício da mesma função. Cabe a nós, mulheres, lutar para que esta lei saia do papel.

Davi: São conquistas das lutas das mulheres que devemos reconhecer. Até porque, na história do capitalismo, numa economia de mercado que explora o trabalho humano, todos os trabalhadores são explorados, homens e mulheres, mas as mulheres sempre foram as mais exploradas e, principalmente, as mulheres negras.



Tomé: Mesmo que o trabalho na economia de mercado se baseia na exploração do homem pelo homem e dos homens sobre as mulheres, provocando degradação e depreciação do valor do trabalho humano, continua sendo o trabalho, o único meio pelo qual podemos exercitar a nossa energia física e mental: fazer-pensar, pensar-fazer ou o binômio: ação-reflexão e reflexão-ação.

Papel do ser humano no desenvolvimento do trabalho e do trabalho no desenvolvimento humano

Cida: O ser humano é o único ser dotado de habilidades de fazer muitas coisas com as mãos. Diferentes tipos e novas formas de trabalho. Qual outro ser poderia fazer um arado, um anzol, um machado, um aparelho de uma máquina, um chip, um celular, um computador? No começo, por muito tempo o trabalho era muito simples, comparado aos nossos dias (colher o que a natureza oferecia). Porém, exigia muito esforço, porque os instrumentos de trabalho eram bastante precários.

Divina: Os dons de observar, memorizar e refletir, ligando as habilidades das mãos com as da mente, nos possibilitaram usar o fogo, fabricar instrumentos, cultivar as plantas, domesticar os animais, construir moradias, fazer barcos etc. De maneira que nessa constante evolução através das descobertas – criatividade – e transmissão dos conhecimentos de geração em geração, pela tradição de cada povo, o trabalho se tornou cada vez mais diversificado, diferenciado e complexo.

Mariana: A complexidade do mundo do trabalho forçou de certa forma o que estamos chamando de divisão social do trabalho, pois foi necessário que alguns se dedicassem a um tipo de trabalho e outros a outro tipo. Surge a chamada especialização sobre o trabalho, uns vão estudar para produzir as máquinas, os engenheiros, outros vão estudar para ensinar como operar as máquinas, os técnicos e outros vão aprender a operar as máquinas, os operários. Essa divisão do trabalho

cria a divisão do ensino na escola. Se a maioria vai apenas operar máquinas para que estudar tanto?



Luana: Daí vem aquele ditado: - “Filho de peixe, peixinho é”. A vida nas comunidades primitivas, na aldeia, por exemplo, praticamente toda educação era feita através do trabalho. Os mais velhos educavam os mais novos pelas coisas que faziam. Tomemos alguns exemplos: na aldeia de Abraão, lá no livro de Gênesis, os mais velhos ensinavam como cuidar dos camelos, fazer roupa, trocar mercadorias, construir as tendas, ser

Tomé: Já os povos indígenas ensinam através da caça, pesca, dos cultivos, fazendo arco e flecha, realizando a festa da colheita, observando os fenômenos do clima e da natureza. O surgimento da escola veio para tentar atender a esta evolução e diversificação constante do trabalho. Isto acontece primeiro nas cidades devido às atividades industriais e dos serviços de transporte, comércio, lazer etc. Escola como instituição oficial é uma ferramenta urbana que serve, sobretudo, para instrumentalizar as pessoas para o trabalho industrial, pois para operar uma máquina todos precisam, minimamente, saber ler e contar.



Davi: Este mesmo modelo de escola da cidade foi levado para as comunidades rurais. Um modelo de educação que procura separar no aprendizado os conhecimentos das ideias dos conhecimentos e habilidades manuais, trabalhando um desligado do outro. Porém, vimos pela história que o desenvolvimento e a formação humana, para ser natural e completa é feita através da combinação de trabalho manual e trabalho mental, um agindo sobre o outro, estimulando os dons e as potencialidades das pessoas.



Jonas: Saber usar a cabeça e não saber usar as mãos, ou saber usar as mãos e não saber usar a cabeça é como se na pessoa faltasse uma parte, como se o corpo estivesse pela metade. Por isso a Pedagogia da Alternância busca juntar o trabalho manual com o trabalho mental em busca de um equilíbrio completo e natural entre corpo e mente, valorizando, integrando ambos. Teoria e prática andam de mãos dadas. Escola e vida se unem.

Luana: A Escola Família Agrícola, ao adotar a Pedagogia da Alternância que busca fundir teoria e prática aproxima da ideia revolucionária de um filósofo e político Italiano, chamado Antônio Gramsci, preso e morto pela ditadura fascista de Mussolini na Itália, nos anos de 1930. Este autor defendia a escola unitária, ou seja, uma escola

única que ensinasse a todos e todas, inclusive trabalhadores e trabalhadoras, tanto os conhecimentos teóricos, clássicos da base curricular comum, quanto os ensinamentos da educação profissional. Com essas ideias, ele sonhava com a possibilidade dos trabalhadores tivessem a capacidade de também exercer a política.



Mariana: Afinal, precisamos falar ainda do **trabalho emancipado** e o **trabalho associado**. O trabalho emancipado é o trabalho livre, em que a pessoa o exerce sem sofrer qualquer tipo de exploração de terceiros. E o trabalho associado é aquele em que as pessoas exercem de forma organizada, em cooperativas, associações de produtores. Nestes espaços os associados adquirem insumos e vendem de forma coletiva, aproveitando de preços mais em conta para aquisições e com maiores vantagens para vendas.



Texto-base VI – AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA⁷

“Sem a natureza não existimos mais, ela é a base da nossa vida. Lutar pela terra, lutar pelas plantas, lutar pela agricultura, porque se não vivermos dentro da agricultura, vamos acabar. Não tem vida que continue sem-terra, sem agricultura.”

(Ana Primavesi)



Cida: A origem da agricultura no mundo se deu há milhares de anos, quando os seres humanos eram nômades e viviam nas cavernas. Nesta época, eram caracterizados como coletores. Hoje ainda existem os povos extrativistas que em algum momento do ano colhem diretamente da natureza o que ela oferece em termos de frutas, folhas, flores, raízes, peixes etc. Porém, quando os alimentos em algumas regiões já estavam escassos as tribos retornavam para algum lugar que havia habitado antes e percebiam que após consumir alguns frutos e jogar a semente no chão estas germinavam, cresciam e produziam frutos novamente, a partir daí predomina o ofício de agricultor/a. Aliás, as mulheres são as primeiras agricultoras na história da agricultura.



Davi: Um dos modelos de agricultores mais antigos é o primitivo, nesse modelo o ser humano não se preocupa em cuidar da terra só em produzir, estão nas comunidades Africanas, onde concentram o maior número de pessoas no campo até hoje, onde a produção se limita à segurança alimentar, o sustento da comunidade.

Divina: Outros modelos de agricultura também se desenvolveram no mundo, na Ásia cultivava um modelo de agricultura, onde trabalhava com a família, e mecanização animal, mas se tinha todo um cuidado em não degradar a terra. Produzindo para o sustento da família e para o mercado. Esse modelo é de pequenas propriedades.

⁷ Adaptado. Referência Plano de Formação das Famílias da RACEFFAES



Tomé: Já na Europa se iniciou o modelo de produção só para o mercado baseado na monocultura e no latifúndio, esse modelo mais tarde sofreu influência americana, o qual agora além das características do latifúndio, monocultura e produção para exportação, também é altamente mecanizado com máquinas pesadas, agroquímicos, agrotóxicos e sementes modificadas. Esse modelo vem dominando o mundo, já está presente em muitas pequenas propriedades, tornando os camponeses dependentes do mercado e sem soberania alimentar e nutricional.

A AGRICULTURA CAMPONESA

Jonas: A agricultura camponesa em seu processo histórico teve uma origem nas tribos africanas, o qual acumula milhares de anos de experiência. Na Europa a origem da agricultura camponesa se deu após a queda do feudalismo, quando os colonos que serviam aos seus senhores, após a queda desse sistema eles se organizaram e passaram a cultivar a terra sem ser servo de ninguém.



Luana: Já no Brasil a agricultura camponesa se originou, com suas primeiras experiências a partir dos negros escravizados que fugiram e se organizaram em quilombos. Ali eles começaram um modelo de agricultura próprio como forma de produção de sua existência social, cultural e econômica. Porém ele não foi muito significativo ao longo da história. Se desenvolveu a partir da libertação dos negros escravizados e a vinda das famílias da Europa para substituir os escravos no trabalho agrícola. Muitas dessas famílias que vinham substituir a mão de obra escrava pela assalariada, com experiência trazidas da Europa, depois de alguns anos essas famílias, nem todas, conquistaram um pedaço de terra e passou a cultivar a agricultura camponesa.

Mariana: Ao longo dos 500 anos, os camponeses descendentes da Europa, descendentes dos escravizados, os caboclos e outros nunca tiveram nem incentivo nem apoio dos governos. É cultural no Brasil a agricultora latifundiária e de exportação sempre estar em primeiro lugar como instrumento fundamental para o país. Enquanto a agricultura camponesa, nunca foi considerada importante para o desenvolvimento social e econômico para o povo brasileiro.

Davi: A agricultura camponesa só sobreviveu graças a união, o companheirismo e a solidariedade dos camponeses manifestado em forma de mutirões para construir casas, roças, fontes, estradas e em caso de doenças e aos longos anos de experiências. A marca na agricultura camponesa no Brasil é um povo solidário, lutador, resistente, que cultiva um jeito simples de viver e se organizar.



Atividade

Observando as imagens, e o texto acima, qual o tipo de agricultura predominante em nossa comunidade?

Texto-base VII - AS PARCERIAS EM NOSSA EFA⁸

“Eu quero uma escola do campo, que não tenha cercas, que não tenha muros, onde iremos aprender, a sermos construtores do futuro.”

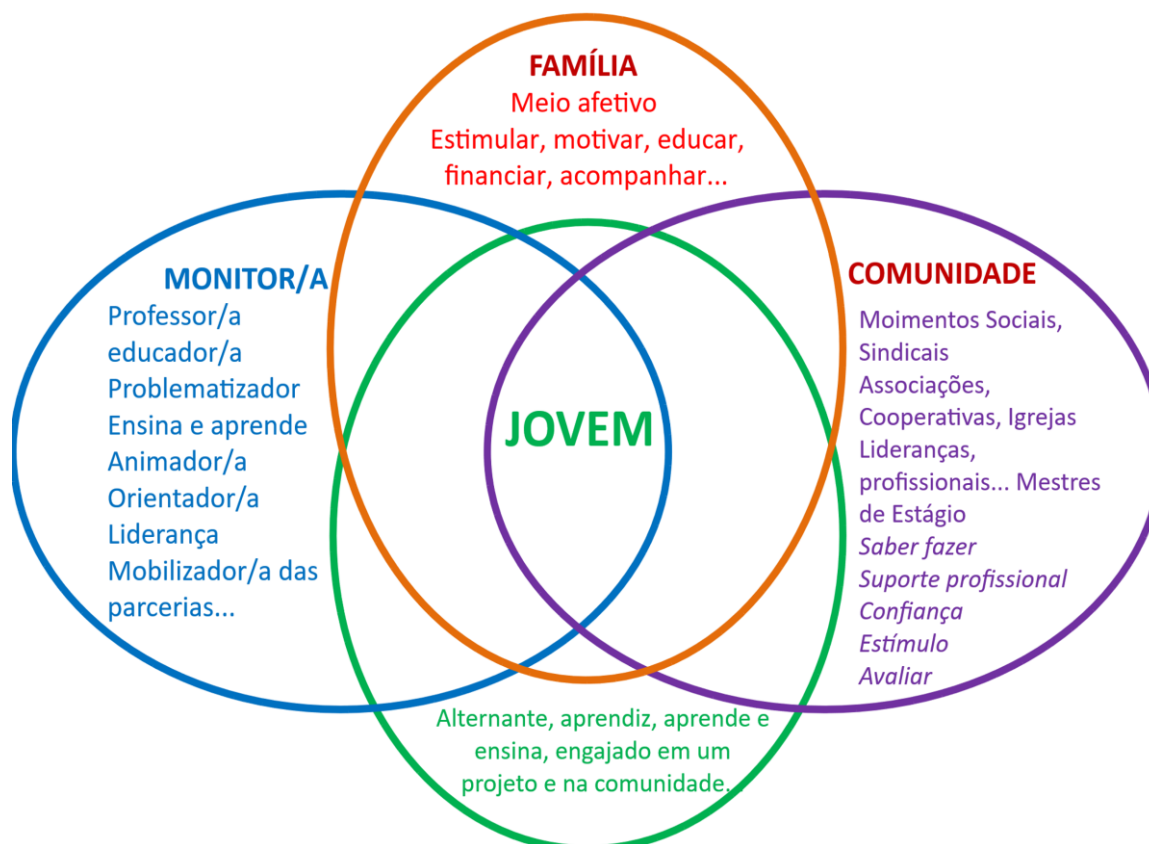
(Gilvan Santos)

Na EFA, existem duas formas de parcerias

- Uma parceria na formação – educativa
- Uma parceria econômico-financeira

a) A Parceria educativa ou os parceiros na formação por alternância

PARCERIOS NA FORMAÇÃO POR ALTERNÂNCIA



Fonte: elaboração própria.

Pelo desenho acima, a parceria educativa compreende os seguintes sujeitos:

- O/a estudante, considerado o primeiro sujeito interessado em sua Formação.
- A família, apoio afetivo, que deve acompanhar, motivar e incentivar o processo.
- O/a monitor/professor/educador que ensina, acompanha, estimula, facilita, articula os processos formativos e os parceiros na formação.
- Comunidades: grupos, lideranças, profissionais, mestres de estágio...

⁸ Adaptado. UNEFAB, 1997.

Pelo visto no Contrato de formação e no diagrama acima, cada sujeito tem seu papel no processo formativo dos estudantes na EFA.

Uma das tarefas dos/as monitores/professores, educadores da alternância, é articular os parceiros educativos para que cada um cumpra o seu papel.

b) Parcerias econômico-financeiras

A Associação EFA é de natureza jurídica comunitária, sem fins lucrativos. Presta serviço direto para seus associados e indiretamente para toda a comunidade e o território ao qual pertence. Para cumprir com seus objetivos depende de parcerias.

CNAE - Significa Classificação Nacional de Atividades Econômicas. É utilizada para determinar quais atividades são exercidas por uma empresa. Obrigatória a todas as pessoas jurídicas, inclusive autônomos e organizações sem fins lucrativos, a CNAE é essencial para obtenção do CNPJ. Essa classificação garante que a Associação seja isenta de alguns impostos exigidos para empresas privadas, com fins lucrativos.

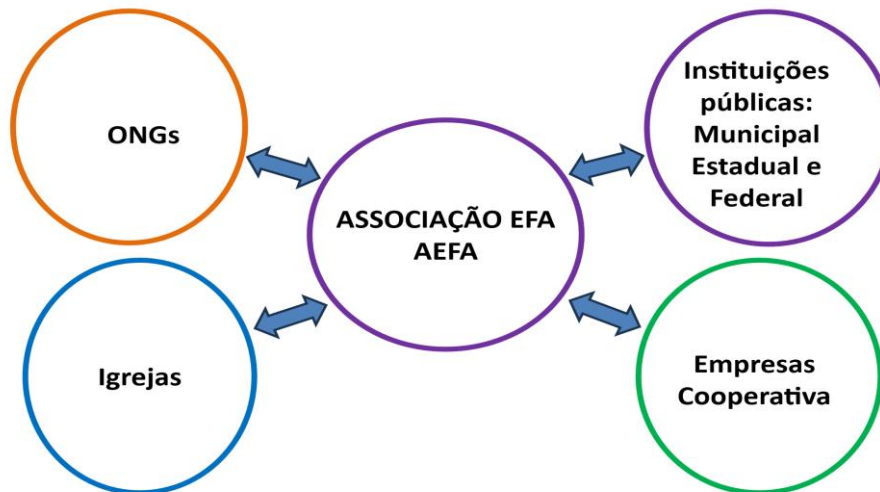
[Capture a atenção do leitor com uma ótima citação do documento ou use este espaço para enfatizar um ponto-chave. Para colocar essa caixa de texto em qualquer lugar na página, basta arrastá-la.]

Como entidade comunitária, tem direito a acessar recursos públicos, além de outros recursos oriundos de Organizações Sociais e empresas privadas nacionais e internacionais.

A parceria que a AEFA estabelecer, deverá garantir a preservação dos princípios da Escola Família, a saber:

- a) a autonomia administrativa - autogestão da EFA pelas famílias, por meio da associação;
- b) a autonomia pedagógica – funcionamento da Pedagogia da Alternância com suas mediações didáticas específicas.

PARCERIAS ECONÔMICO-FINANCEIRAS NA ASSOCIAÇÃO EFA



Fonte: AMEFA, 2023.

Cada parceiro econômico colabora de uma forma diferente.

A Associação EFA colabora com quotas sociais definidas com um determinado valor e finalidade pela Assembleia Geral; Contribuições com trabalhos de mutirões; produção na propriedade; promoções diversas (festas, bingos...), entre outros.

Instituições públicas repassam recursos por meio de: Convênios, Termos de Parceria etc. baseados no direito, conquistado por meio de Leis próprias conseguidas pela luta do movimento EFA no Estado e no país ou por meio de seleção, mediante apresentação de projetos pontuais em editais públicos.

Instituições privadas (ONGs, Igrejas, Empresas, Cooperativas etc.): Por meio de projetos pontuais apresentados por meio de editais ou outra forma de cooperação.

ATIVIDADE

Reproduzir o diagrama abaixo em formato de paisagem no papel A4 e pedir para os participantes preencherem os espaços em branco. Pode ser um trabalho em grupo. Por exemplo: O que o/a jovem estudante espera da família, dos monitores, dos mestres de estágios, lideranças, das Comunidade e Movimentos Sociais. O que a família espera do dos jovens, dos monitores, mestres de estágio, da comunidade e movimentos sociais e assim por diante.

Diagrama das responsabilidades de cada parceiro na formação por alternância

	Jovens Estudantes	Famílias	Monitores/as	Mestre de Estágio, lideranças	Comunidade Movimentos Sociais
Jovens estudantes					
Famílias					
Monitores/as					
Mestres de Estágios, lideranças					
Comunidade Movimentos Sociais					

Após a socialização dos grupos sintetizar as respostas em uma folha, concluindo o trabalho, com a visão do coletivo.

Texto-base VIII – RELAÇÃO PAIS E FILHOS⁹

*“Amor é decisão, atitude
Muito mais que sentimento
Alento, fogueira, amanhecer
O amor perdoa o imperdoável
Resgata dignidade do ser
Pai, perdoe seu filho
Pais é reparação, fruto de paz...”
(Pastor Henrique Vieira)*

*“Minha dor é perceber
Que apesar de termos feito tudo o que fizemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Como os nossos pais.”
(Belchior)*



Divina: Os meios de comunicação e outros meios da sociedade moderna, vem influenciando no relacionamento entre as pessoas, inclusive nas relações internas das famílias, diminuindo assim, a afetividade e automaticamente criando distância entre os pais e os filhos, dificultando o autoconhecimento e o conhecimento das pessoas entre si. É comum perceber adolescentes e jovens, mas até adultos, sentados juntos a uma mesa ou na sala, mas todos ligados na telinha do celular. Antes, era a TV, agora são as chamadas redes sociais que mais ocupam o tempo e tiram a nossa atenção.

Davi: O que marca mais a adolescência é a transformação na identidade. Tomando como exemplo, o armário no qual colocamos vários objetos colecionados durante toda a infância. Estes objetos representam as crenças, os valores, as ideias, os comportamentos que os pais procuram passar aos filhos. Na adolescência este armário perde o sentido. O adolescente sente necessidade de esvaziá-lo. É uma necessidade própria da natureza humana, na busca da identidade própria, da autonomia no pensar, em emitir ideias, acreditar em novos valores etc. Nesta fase, o adolescente examina tudo o que apreendeu com os olhos críticos, escolhendo o que lhe é adequado e descartando o que não é.

⁹ Adaptado. Referência Plano de Formação das Famílias da RACEFFAES.



Tomé: O movimento do esvaziamento do armário tem influências próprias da idade e do entorno social, seja dos relacionamentos com amigos, seja a escola, as vivências na comunidade e os contatos com as redes sociais. A identidade é intensamente marcada pelas identificações oriundas dos relacionamentos com pessoas significativas importantes.

Cida: É por isso que o relacionamento familiar é tão importante. Ser adolescente é estar em transição. Não é ser nem adulto nem criança, e o que parece ser rebeldia, nada mais é do que a confusão que o adolescente vive, de se identificar entre os mundos (o infantil e adultos). Vive-se uma experiência do não ser, nem criança, nem jovem ou adulto.



Jonas: Nos dias de hoje ocorre, muitas vezes, a falta de tempo e de orientação dos pais. O exemplo de repressão ou de permissão, pode gerar ansiedade e insegurança nos filhos.

Luana: Repressão é fruto de tendências autoritárias da nossa sociedade que ainda persistem em muitos pais. Pensam que educar é impor pela força. Enquanto o mais aconselhável seria criar um espaço de diálogo para a aprendizagem da responsabilidade, onde o adolescente e o jovem possam assumir fazer coisas não pelo medo, mas pela vontade própria, pela convicção.

Mariana: Porém, evitando ser autoritário, muitos pais que sofreram na pele a repressão de seus pais, acabam caindo na permissividade. A atitude permissiva é tão nefasta quanto a atitude autoritária, repressora. A permissividade é um tipo de liberdade exagerada, sem limites, sem responsabilidade. Os adolescentes necessitam de referência, de liberdade com responsabilidade para aos poucos irem se firmando e se identificando com o mundo adulto e suas escolhas pessoais. Autoridade sim, mas sem autoritarismo. “Ai que ser duro, perder a ternura, jamais”.

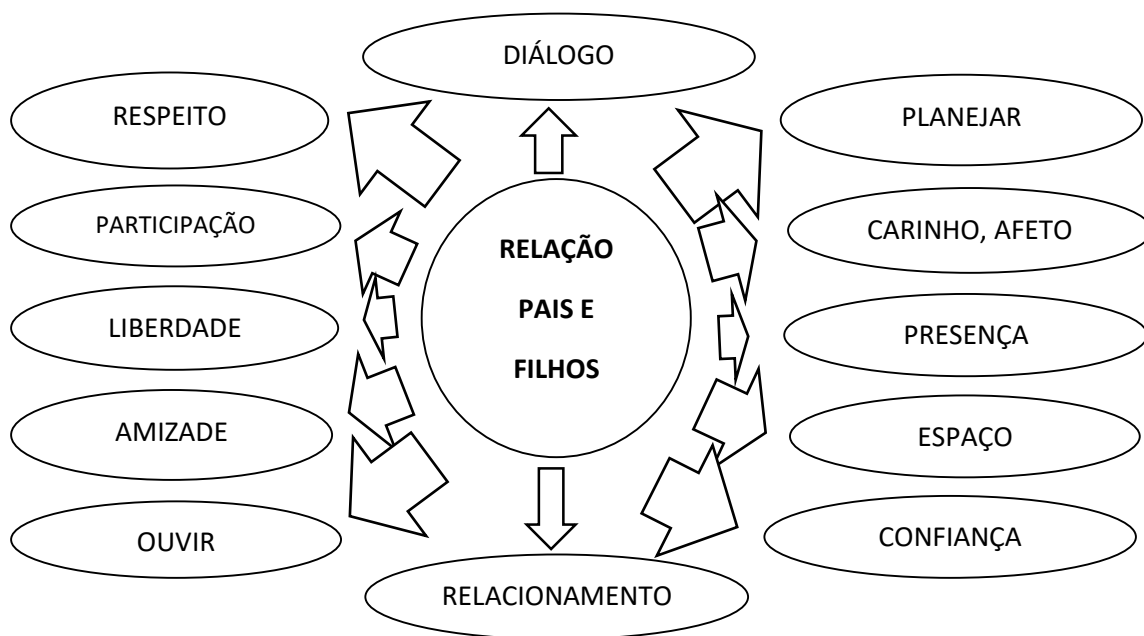


Luana: Em muitos casos, os pais falam de missão impossível. Ser pai, mãe, monitor de adolescente, é estar disponível para eles e ao mesmo tempo dispensável naquilo que já é seguro para o adolescente. O diálogo com a família é uma tentativa para ajudar nesta fase da dúvida do adolescente, para ser um adulto equilibrado.



Mariana: Para isso é preciso: orientar sem reprimir, indicar limite ao invés de impor e estimular os adolescentes a refletirem. É muito mais do que “não deixar faltar nada”, é estar juntos, ao lado deles, quando precisarem. Só através desta confiança é que os adolescentes irão se aproximar e aos poucos expor suas ideias, pensamentos, intenções e sentimentos.

O que ajuda na relação entre pais e filhos?



Texto-base IX – AGROECOLOGIA E ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

*“Amar o campo, ao fazer a plantação,
Não envenenar o campo é purificar o pão.
Amar a terra, e nela plantar semente,
A gente cultiva ela, e ela cultiva a gente.
A gente cultiva ela, e ela cultiva a gente.”*
(Zé Pinto)

O texto-base pode ser um pequeno escrito, uma apresentação em multimídia, um vídeo documentário, uma palestra, um testemunho ou até um momento de campo, uma prática agroecológica previamente preparada a ser desenvolvida na propriedade da EFA.

Sugestão de um vídeo sobre agroecologia:

Acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=3LXA8rzP61w>

Sugestão de um vídeo sobre segurança e soberania alimentar

Sugestão de práticas na propriedade:

- 1º - Preparar uma calda bordalesa ou outro tipo de alternativa para controle de pragas e doenças; ou
- 2º - Montar um Sistema Agroflorestal (SAF) como unidade didática na EFA ou
- 3º - Falar do SAF visitando ou dando uma manutenção no SAF da EFA; ou
- 4º - Fazer um composto orgânico; ou outra sugestão criativa da EFA.

Uma sugestão de prática de alimentação saudável:

O almoço na EFA a ser servido no dia deste encontro poderá ser um momento para exemplificar o que é alimentação saudável, segura, nutritiva, balanceada.

Revista de Agroecologia SASP Acesso:

<https://sasop.org.br/2022/07/revista-agroecologia-pratica-ciencia-e-movimento/>

Cartilha Inovando em Agroecologia

https://issuu.com/semearinternacional/docs/inovando-em-agroecologia-cartilha-a#google_vignette

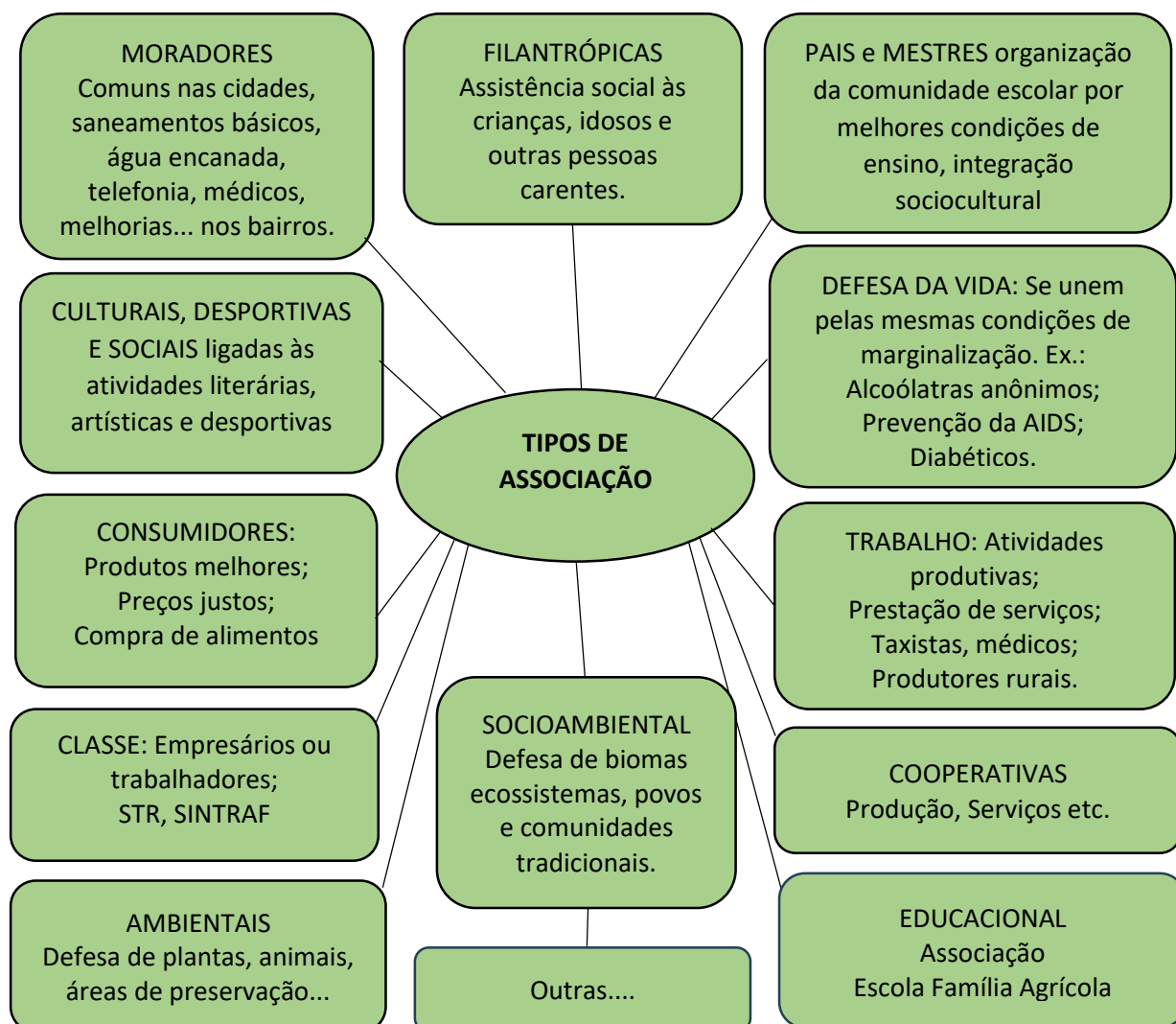
Texto-base X - FUNCIONAMENTO DA NOSSA ASSOCIAÇÃO EFA¹⁰

*“Eu quero uma escola do campo
Que tenha a ver com a vida, com a gente
Gerida e organizada
E conduzida coletivamente.”
(Gilvan Santos)*

Quais são os tipos de associação que conhecemos? Você sabia que existe uma infinidade de formas associativas?

Montar um mapa conceitual para facilitar a visualização dos/as participantes.

MAPA CONCEITUAL DOS TIPOS DE ASSOCIAÇÃO



¹⁰ Adaptado. Referência Plano de Formação das Famílias da RACEFFAES.

Refletindo sobre a diversidade de associações

Divina: Vimos que existem várias formas de organização social em nossa sociedade. Conhecemos outras formas associativas em nossa região? Por que elas surgem? No mundo capitalista só os mais fortes, com força econômica e política são os que sobrevivem. Neste sistema mundo onde reina o capital e as forças neoliberais e até fascistas dos últimos tempos, o que deve prevalecer é a competição, o individualismo, o consumismo.



Cida: As pessoas são vistas como consumidoras e não como seres humanos. Por isso, a classe trabalhadora, quando consegue se perceber como classe social subalterna, oprimida e explorada, ao se conscientizar enquanto classe, consegue se organizar, lutar e conquistar direitos. Todos os direitos individuais e sociais que hoje estão em nossa constituição foram conquistados por meio de muita luta e até sangue.

Davi: O associativismo e o cooperativismo surgem em nossa história como forma de insurgir contra a falta de direitos. É uma das formas de resistência da classe trabalhadora.

Luana: Contudo, existem dois tipos de organizações sociais em nossa sociedade, umas que operam “**para**”, numa perspectiva da caridade e outras que são próprias dos trabalhadores e trabalhadoras e que trabalham “**com**” os sujeitos de direitos envolvidos. As associações caritativas são muitas vezes assistencialistas. paternalizam a ação.



Mariana: As associações autônomas, dirigidas pelos próprios trabalhadores e trabalhadoras que lutam por acesso aos direitos e as políticas públicas, fortalecem a participação social, os processos de democratização da sociedade, a construção da cidadania e a real soberania popular, o poder popular. Neste sentido, vamos ver onde situa a nossa Associação EFA.

A NOSSA ASSOCIAÇÃO EFA

Cida: Conceitualmente a Escola Famílias Agrícola é uma **Associação** de Famílias, Comunidades, Movimentos Sociais e Sindicais do campo, que funciona por meio da **Pedagogia da Alternância**, promove uma **formação integral e emancipatória**, articulada à **produção sustentável da vida**, com finalidades educativas comprometidas com um **novo projeto de campo e sociedade**, baseado em princípios da **Agroecologia**.



Divina: Seguindo nesta ideia, vimos que a associação EFA tem por finalidade gerir e administrar a EFA e ainda garantir o seu funcionamento pela Pedagogia da Alternância visando uma formação integral da pessoa humana. Isso significa a formação emancipatória, libertadora, transformadora das pessoas e do seu meio e da sociedade. Ainda reforça o vínculo do projeto educativo com o projeto novo de campo, de escola e sociedade, focando o modelo de desenvolvimento na sustentabilidade baseada na agroecologia.

Luana: Então, a Associação EFA é uma auto-organização que representa a união de famílias, pessoas, movimentos sociais e sindicais que querem resolver o problema comum da educação de qualidade e contextualizada de seus filhos e filhas no território camponês. Assim, a associação EFA caracteriza a EFA como escola comunitária, conforme a LDB, no seu artigo 19. (BRASIL, 1996). A Associação é um instrumento de participação social, de autogestão e determinação das famílias. A autogestão da EFA pelas famílias associadas é uma característica própria da EFA. Garantir essa participação ativa de todas as famílias é uma questão de formação permanente, pois a participação não é dada, precisa ser mobilizada continuamente.



Mariana: Neste momento da nossa formação sugerimos pegar o Estatuto Social e verificar alguns pontos importantes para leitura e aprofundamento sobre as questões para proposta para debate. A equipe de animação poderá organizar quatro grupos, sendo que cada grupo discute uma questão.

ATIVIDADE 1: Leitura e reflexão sobre o estatuto da Associação EFA

A natureza da nossa Associação EFA

Toda Associação EFA é uma sociedade civil, de direito privado, sem fins lucrativos, criada por iniciativas dos agricultores/as beneficiários/as das EFAs, regido pelo estatuto, código civil e constituição brasileira, para promover a educação, associada ao desenvolvimento sustentável, na perspectiva da Agricultura Familiar Camponesa.

Perguntas para refletir

1º - **Quais as finalidades e objetivos da nossa Associação EFA?**

- A nossa Associação está cumprindo com seus objetivos, conforme previsto no Estatuto? O que precisa melhorar?

2º - **Quais os tipos de sócios existentes em nossa Associação EFA?**

- Como é que se torna sócio?

- Quantos sócios existem?

- Qual é a contribuição social?

3º - **Quais são os Órgãos de Administração e Gestão da nossa Associação?**

4º - **Que tipo de poder é o da EFA e que tipo de poder é o da Associação?**

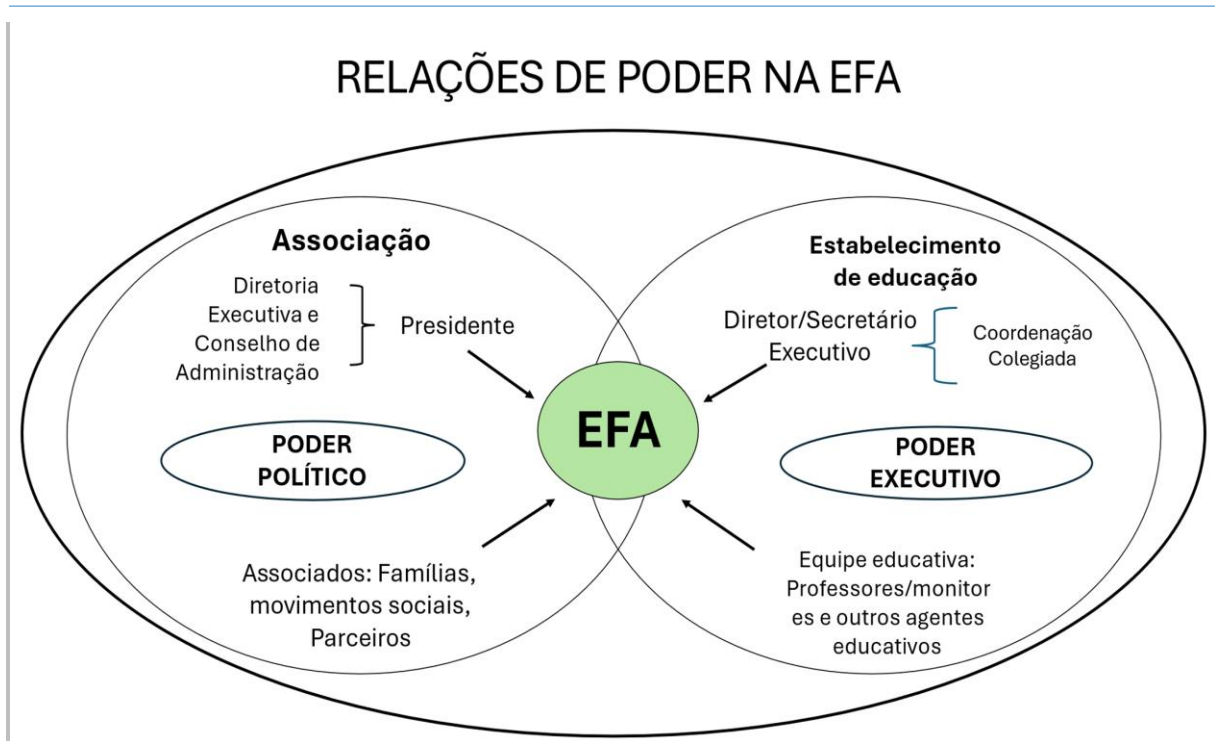
- Como deve ser a relação da EFA (monitores e coordenadores com a Associação e vice-versa)?

- Tem um planejamento das Assembleias, reuniões da Diretoria Executiva, Conselho de Administração e Conselho Fiscal?

- Tem uma prestação de contas? Quando?

- Tem previsão de avaliação e planejamento? Quando? Como?

- Existem comissões ou grupos de trabalho? Como podemos integrar e participar?



Fonte: Adaptação de Gimonet, 2006.

ATIVIDADE 2: Leitura e reflexão sobre o diagrama abaixo: **RELAÇÕES DE PODER NA EFA.**

1º - Como é a relação de poder em nossa associação EFA, levando-se em conta, associados, diretoria e conselho de administração?

2º - Como é a relação de poder em nossa EFA, levando-se em conta os membros que ocupam cargo de coordenação e docência?

3º - Como é a relação de poder entre a nossa Associação e a nossa EFA?

Texto-base XI - PROJETO DE VIDA E PROFISSIONAL DO JOVEM E O PROJETO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

*“Não somos pescadores domingueiros, esperando o peixe. Somos agricultores, esperando a colheita, porque a queremos muito, porque conhecemos as sementes, a terra, os ventos e a chuva, porque projetamos, avaliamos as circunstâncias e porque trabalhamos seriamente.”
(Danilo Gandin)*

A EFA fica livre para fazer sua escolha, seja de um texto relevante sobre o PPJ e/ou POP, uma palestra dada pelos monitores ou testemunhos dados pelos próprios jovens estudantes que estejam elaborando seu PPJ ou POP ou jovens egressos que implantaram seus projetos.

Uma sugestão é informar às famílias sobre a coleção Mediações Didáticas da Pedagogia da Alternância publicada em três volumes, onde cada mediação recebe um tratamento mais detalhado a partir de vivências dos seus autores e incentivá-las a ler, principalmente o capítulo sobre o PPJ que se encontra no volume 3.

ATIVIDADE A SER LEVADA PARA CASA

Plano Pedagógico da EFA que orienta metodologicamente o processo de elaboração do PPJ e/ou POP.

Texto-base XII - RELAÇÕES DE GÊNERO NO CAMPO

*“... Mulher faz de tudo um pouco
Gosta de ser valorizada
Seja ela agricultora simples
Ou mulher formada
Cada uma exerce um dom
Como por Deus foi enviada,
Onde sempre faltou espaço
Pra se tornar libertada.”*
(Faustina Lopes da Silva – Turmalina MG)

Tomé: O que vem a ser gênero e relações de gênero?



Mariana: Essa é uma boa pergunta. Utilizamos o conceito de gênero para explicar as diferenças de comportamento de homens e mulheres e as desigualdades que afetam as mulheres nos diversos espaços: na casa, na política, no trabalho, nos movimentos sociais, na vivência da sua sexualidade, entre outros.

Jonas: E como é que o conceito de gênero nos ajuda a compreender isso tudo e como ele pode ajudar a construirmos relações mais justas entre homens e mulheres?



Davi: Eu posso ajudar um pouco nessa resposta. Primeiro, precisamos entender que Gênero é uma coisa e Sexo é outra coisa, não podemos confundir. Quando falamos em sexo, estamos nos referindo às diferenças biológicas, físicas e fisiológicas que diferenciam homens e mulheres, no nascimento. Já quando falamos em gênero, nos referimos aos papéis sociais, às representações e às identidades que são construídas pelos seres humanos a partir das ideias do que seja o homem e a mulher, o masculino e o feminino. Sendo assim, as identidades de gênero, ou seja, as formas como os indivíduos se identificam, são múltiplas: as pessoas cisgênero, por exemplo, são aquelas que se identificam com o sexo que lhes foi atribuído ao nascer, já as pessoas transgênero, não se identificam, ou seja, mesmo tendo características biológicas de um determinado sexo, não se identifica com ele. Por isso temos pessoas em nossa sociedade que passam pela transição de gênero.

Mariana: Isso mesmo, Davi. Nessa conversa nós vamos focar mais especificamente nas relações sociais

entre homens e mulheres, entre homens e homens e entre mulheres e mulheres, refletindo sobre as desigualdades e como as mulheres são afetadas por elas.

Divina: Se a gente pensar bem, é isso mesmo. O masculino e o feminino têm valores diferentes em nossa sociedade, e o que está ligado ao feminino sempre tem menor valor, já observaram?

Mariana: Sim, justamente por isso, eu disse lá no começo que o conceito de gênero nos ajuda a compreender como as diferenças entre homens e mulheres se tornaram desigualdades, ou seja, como a distribuição de poder, de autoridade, a liberdade e o prestígio estão organizados de acordo com o sexo da pessoa. Historicamente, o prejuízo em termos de cidadania, construção de identidade, reconhecimento do trabalho etc., recai sobre as mulheres.



Davi: É exatamente isso, Mariana. E é bom lembrar que essas relações desiguais são constituídas através de símbolos culturais que representam como deveriam ser homens e mulheres e que a sociedade vai reproduzindo ao longo do tempo. Além disso, a forma como homens e mulheres são educados, também está ligada às relações de gênero. Vocês já observaram que existem brinquedos de meninas e brinquedos de meninos, trabalho de homem e trabalho de mulher?

Luana: É verdade, Davi. Se acontece de um menino querer brincar de boneca, os pais o repreendem, pois não é brinquedo de menino, os meninos não podem chorar e as meninas têm que ser comportadas. Além disso, são as mulheres que cuidam de todo o trabalho doméstico, pois não é visto como coisa de homem. Quando os homens fazem alguma coisa em casa dizem que estão “ajudando”, reforçando a ideia de que a obrigação é da mulher.



Divina: Pois é, na roça mesmo a gente vê muitos exemplos disso. Às vezes, a mulher trabalha, contribui na produção, mas na hora que comercializa os produtos é o homem que cuida do dinheiro. Tem também os casos das mulheres que cuidam de tudo na casa, cuidam do quintal, da horta, das galinhas, mas como o trabalho delas não é remunerado, ele não é visto, não é considerado trabalho. E olha a economia que a gente faz, não é mesmo?



Luana: E quando as crianças observam essas formas de comportamento, elas acham que é assim que tem que ser e quando tiverem suas famílias, provavelmente, irão se comportar da mesma forma. Por isso, as relações de gênero não são naturais, elas são construídas socialmente ao longo da nossa história.

Mariana: É isso mesmo, Luana, tudo que vai sendo repetido e reproduzido ao longo do tempo, se torna algo naturalizado e a gente segue fazendo como se tivesse que ser assim. A identidade das mulheres historicamente foi construída a partir de restrições, proibições e repressões e isso implica no modelo de sociedade que temos hoje, com poucas mulheres na política, nos espaços de poder, nos movimentos, nas profissões tidas como “mais importantes”. As relações desiguais causam sofrimento e impedem a realização de projetos e sonhos e, por isso, é tão importante que nós, mulheres e homens, tenhamos consciência das relações de gênero, como elas nos afetam e como podemos mudá-la. E a educação tem um papel fundamental nesse processo de mudança.



Tomé: Eu aprendi muita coisa nova nessa conversa e percebi que preciso mudar meu comportamento enquanto homem, pois às vezes, mesmo sem perceber estamos reproduzindo atitudes que oprimem as mulheres à nossa volta. Precisamos lutar contra toda forma de machismo, reforçar a luta por direitos iguais, tanto homens, quanto mulheres. Essa luta é uma questão de justiça e precisa do engajamento de todos e todas.

REFLEXÃO - DINÂMICA DO BALAIO

Objetivo: Trabalhar o que é gênero, suas representações sociais, estereótipos e preconceitos.

Material: Três balaio, ou recipientes, caixas grandes. Em um balaio deve estar escrito: Coisa de homem; no segundo: Coisa de Mulher e no terceiro: Coisa de homem e de mulher.

Escrever em faixas de papel ou tarjetas frases que representam estereótipos e preconceitos de gênero, fazeres os mais diversos do nosso cotidiano. Cada frase, palavra ou expressão deve ser escrita numa faixa ou tarjeta.

Traga também objetos diversos que representam coisas de mulheres, de homens e de mulheres e homens.

Orientações:

1. Peça para todos os/as participantes, levantar-se de seu lugar, escolher um objeto ou frase, ou palavra, e em seguida apresentar ao grupo definindo se aquele objeto ou frase é de homem ou de mulher. Depois coloca no balaio escolhido.
2. Depois que todos os objetos, frases e palavras forem classificados e colocados nos balaios, retome alguns objetos, frases questionando por que eles foram colocados como sendo de homens ou de mulheres. Aproveitar esse momento para discutir quais as desigualdades que estão embutidas nessas diferenças.
3. Construa com o grupo uma terceira possibilidade, um balaio onde podem ficar objetos e frases que são de homens e de mulheres.

Reflexão:

Faça uma exposição sobre as diferenças entre sexo e gênero, estereótipos e a naturalização de alguns papéis e representações para mulheres e para homens.

- Previsão de tempo: 1 hora



Texto-base XIII - RELAÇÕES DA NOSSA ASSOCIAÇÃO EFA COM A CULTURA CAMPONESA

“A cultura é a alma de um povo.”

Luana: O que é mesmo cultura?

Mariana: Cultura é o modo de vida de um povo, seus costumes, tradições, jeito de vestir, se organizar, preparar a terra, plantar, colher, fazer a comida, fazer festas, cantar, dançar, rezar...



Jonas: Então, tudo o que diz respeito aos modos de pensar, de ser, sentir e fazer pode ser considerado cultura?

Davi: Eu penso que sim. Cultura nasce com o povo, faz parte da sua história.

Divina: Penso que a cultura é um aprendizado que cada um de nós temos ao pertencermos a um grupo humano, uma comunidade, um povo indígena, uma comunidade Quilombola, uma comunidade camponesa, uma comunidade Cigana, ou uma nação qualquer que seja.

Tomé: Parece que há duas culturas, a dos pobres e as dos ricos. A cultura dos europeus, americanos, dos países ricos e a dos países pobres; a do campo e a da cidade, do centro e da periferia... E sempre a cultura de fora, do outro é a melhor, a mais válida que a nossa. Há um pensamento que predomina na sociedade em que parece impor uma cultura, a dita superior, sobre outra, considerada cultura inferior ou até não-cultura.



Cida: Penso como a Divina, a cultura é um aprendizado e faz parte da história de cada povo, por isso, dentro do princípio da diversidade e do respeito humano, a gente deveria falar em culturas diferentes e não cultura superior ou inferior.

Luana: Existe a chamada “indústria cultural de massa”. O que é isso indústria cultural?

Mariana: A gente estudou isso na escola. A indústria cultural de massa é a cultura tomada como mercadoria pelo sistema capitalista. No capitalismo tudo vira mercadoria. Até o trabalhador, a trabalhadora vira mercadoria quando vende sua força de trabalho por um salário que nunca paga o valor da riqueza que o trabalho produz. A música, é o grande exemplo. Quem dita o gosto musical? Não é a mídia? Quem faz mais sucesso no momento? Quais as músicas mais tocadas, os cantores mais ouvidos? Esses gostos não estão dentro da gente, mas são induzidos pelas mídias sociais em nós e passamos a consumir somente um estilo, como se fosse o melhor. Neste sentido, passamos a desvalorizar e desconsiderar outros gostos, estilos e artistas. Passamos a distanciar da nossa cultura local, das nossas raízes camponesas...



Divina: Em nossas comunidades percebemos uma diversidade de pessoas, homens, mulheres, jovens, idosos, pretos, brancos, pardos. Tem até aqueles e aquelas que começam a se declarar como indígena, assumindo sua ancestralidade. Percebemos que há uma resistência em aceitar somente essa tal cultura de massa ou cultura enlatada que vem de fora.

Jonas: Pois é, e essas diferenças em termos de culturas por causa da diversidade de origens sociais e raciais que compõem a nossa gente, não dificulta as nossas lutas comuns.

Davi: Por isso, há o ressurgimento de uma diversidade de organizações e movimentos sociais culturais de resistência. Pois entendem que a cultura é um elemento fundamental para preservar e construir identidades.



Mariana: Esse ressurgimento na sua diversidade tem se manifestado nas periferias urbanas, principalmente nas favelas, comunidades quilombolas urbanas e rurais, comunidades indígenas e em muitas comunidades camponesas.

Cida: Interessante observar que a cultura, em todas as suas manifestações é o que mais une todas as lutas, sejam elas comuns ou específicas. Dizem que a cultura é a alma de um povo. Se tira a cultura, tira-se o sentido de viver, pois ofusca-se a esperança, os sonhos, o propósito de vida, mata-se a utopia, aquilo que nos faz caminhar, que nos move para irmos sempre adiante. Valeria a pena terminarmos esta conversa ouvindo a música “Comida” dos Titãs, lançada em 1987. Ela reforça essa ideia da cultura como alimento da nossa alma.

Atividade

1. No diálogo do texto, qual deles lhe chamou mais atenção e que gostaria de comentar?
2. Temos percebido em nossa EFA uma cultura de respeito às diferenças e apoio à diversidade cultural em todas as suas manifestações?
3. Como que a cultura pode nos unir e fortalecer em lutas comuns por direitos?

Texto-base XIV – ORIENTAÇÃO VOCACIONAL E ESCOLHA PROFISSIONAL DO/A JOVEM.¹¹

“Conhece-te a ti mesmo.”



Mariana: Este texto volta seu olhar para o tema do projeto do jovem: o Projeto de Vida e Profissional do Jovem (PPJ), uma mediação didática utilizada no Ensino Médio e Técnico Profissional e o Projeto de Orientação Profissional (POP) no Ensino Fundamental II. A abordagem dessas duas mediações didático-pedagógicas na EFA exige uma introdução sobre a orientação vocacional. As perguntas necessárias para o desenvolvimento desses projetos nem sempre encontram respostas seguras, pois os adolescentes e jovens estão numa fase de escolhas em meio a muitas dúvidas pela imaturidade ainda presente nesta fase da vida.

Luana: Pois é, ao final do 9º ano, os adolescentes já são cobrados sobre o que fazer no ensino médio. No caso da EFA de Ensino Médio há o curso técnico. O pressuposto é seguir na profissão prevista no curso técnico, por exemplo, Técnico Agropecuário, Técnico em Administração, Técnico em Energias Renováveis etc. Contudo, ao final do Ensino Médio, ainda para uma maioria, ocorre uma dúvida sobre o que fazer. O seguir no curso superior.



Davi: Acontece que, mesmo tendo escolhido ser Técnico em Agropecuária, por exemplo, ao vir estudar na EFA, surge a dúvida sobre o que fazer em nível superior. Observamos que nem todos seguem cursos da área de agrária e alguns param de estudar. O fato é que ainda existe uma dúvida e muito desconhecimento sobre si mesmo. O que é algo normal nesta fase da vida. E a dificuldade para escolher sobre o que estudar na faculdade e como fazer um curso superior é ainda mais difícil para os filhos da classe trabalhadora.

¹¹ Adaptado. Referência Plano de Formação das Famílias da RACEFFAES.



Luana: O filósofo Antônio Gramsci faz uma reflexão, sobre uma frase muito conhecida, ele diz:

*“Gosto de lembrar da origem da expressão ‘**Conhece-te a ti mesmo**’. Vico sustenta que Sólon, com aquela máxima, quis repreender os plebeus que acreditavam ser de origem animal, enquanto os nobres seriam de origem divina, levando-os a refletir sobre si próprios, para se reconhecerem de igual natureza humana dos nobres e, por consequência, pretenderem ser-lhes igualados no direito civil. Em seguida, [Sólon] põe a consciência da igualdade humana entre plebeus e nobres como base e razão histórica do aparecimento das repúblicas democráticas na antiguidade”. (Gramsci, 2004, 57)*

Mariana: Um estudioso do ensino médio, além da Pedagogia da Alternância, Paolo Nosella, diz o seguinte:

“É humanamente impossível, salvo raros casos, para um adolescente definir, precocemente e com data marcada, o percurso escolar do Ensino Médio adequado às suas profundas tendências pessoais. É fonte de mal-entendido pensar prioritariamente nas necessidades do mercado ou nas possibilidades materiais da família. A psicologia ensina que essa decisão, ocorre, na grande maioria dos casos, naturalmente, num processo complexo e ao longo de vários anos. Educadores, famílias e o Estado precisam acompanhar o jovem, observá-lo com sensibilidade e paciência, ministrando-lhe, todavia, de forma determinada e didaticamente rica, a indispensável cultura geral, ampla e atualizada, profissionalmente indiferenciada”. (NESELLA, 2023).



Davi: No dizer de Paolo Nosella, uma/a adolescente ao final do 9º ano do ensino fundamental não está totalmente seguro/a e determinado ao decidir ir para o ensino médio integrado ao ensino técnico em agropecuária ou qualquer que seja outra área profissional. Por isso, nem todos, ao terminar o curso vão seguir carreira como técnico agrícola ou seguir estudos na área das ciências agrárias, agronomia, zootecnia, veterinária etc.

Cida: Neste sentido, o Projeto Profissional do Jovem, PPJ, no ensino médio deve ser visto como uma continuidade da orientação profissional que começa lá no 8º e 9º ano do Fundamental II.



Tomé: Vimos que na adolescência, geralmente a partir dos 12/13 anos, a pessoa se depara diante de uma situação de fazer escolhas, planos quanto ao futuro, de acordo com a sua vontade, seu querer e suas ideias, ou seja, buscar no mundo do trabalho a profissão desejada.

Tomé: Vimos que na adolescência, geralmente a partir dos 12/13 anos, a pessoa se depara diante de uma situação de fazer escolhas, planos quanto ao futuro, de acordo com a sua vontade, seu querer e suas ideias, ou seja, buscar no mundo do trabalho a profissão desejada.

Davi: A sociedade, da forma como se desenvolveu hoje nos traz incertezas e de fato aproximadamente quase 90% dos estudantes brasileiros não tem certeza do que querem ser ou fazer.

Jonas: Como estas coisas se manifestam? De um lado se defronta as coisas práticas da vida, habilidade para fazer as coisas, de outro lado a influência da família, dos amigos, da moda, seus sonhos de vida, suas esperanças e fantasias. A escolha de um plano de vida começa desde o tempo de criança. Nessa fase os filhos manifestam as suas vontades, geralmente imitando os pais em suas atividades. Exemplo: querer capinar, dirigir, andar de cavalo, carrinho, boneca e outros. Isso tudo está próximo do seu dia a dia.



Divina: Quando cresce um pouco mais, se espelha em outros meios como a vida social, a televisão, a sua escola, as profissões do meio em que vive, do seu futuro. Muitas vezes imitando outros personagens e profissionais, diferentes do seu meio cotidiano, como por exemplo, um ator, um cantor, um jogador, uma modelo, um médico, um advogado, um horticultor, um produtor satisfeito com sua produção... As chances e as possibilidades de escolha dependem da classe social, do lugar onde mora, da família e da força de vontade. É um diálogo entre o que quero ser e o que posso ser. O poder ser, tem relações com as condicionantes históricas que inviabilizam o sonhar alto, com carreiras que exigem mais estudo, pela concorrência nos processos seletivos.

Cida: Nesse momento a família ainda pode ajudar muito nas escolhas profissionais tanto dos que já estão diante da escolha como daqueles que ainda não despertaram para a escolha vocacional ou profissional. Pois os que já estão diante da escolha necessitam de apoio como reflexões e orientações. Os que ainda não chegaram ao ponto de escolher precisam ser estimulados. As orientações que eles precisam são no sentido de buscar um equilíbrio entre as vontades e o querer e as possibilidades que as condições de vida oferecem, para que a escolha profissional hoje ajude o

futuro ou atrapalhe o menos possível. Neste sentido, os familiares e educadores são os responsáveis direto em promover esse diálogo e essas orientações.



Divina: Na EFA, a Pedagogia da Alternância, através da formação em ciclos proporciona ao estudante, família e monitores estas condições, porque estão próximos, interagindo na vida. A formação em ciclo permite ao jovem a integração com o seu meio profissional. No 6º e 7º ano (1º ciclo) os estudos e orientações buscam desenvolver o senso de responsabilidade e iniciação ao trabalho. Os planos de estudo abordam temas como família, trabalho, clima, alimentação. No 8º e 9º ano (2º ciclo) os estudos e orientações são voltadas para a integração no mundo do trabalho, da produção, abordando temas como as culturas, as criações, a reprodução, a indústria e o comércio, no sentido de auxiliar na escolha vocacional profissional.

Mariana: Tanto os/as estudantes, quanto a família e os/as monitores/as precisam estar conscientes que as escolhas nem sempre são permanentes, podem mudar de acordo com as circunstâncias da vida. Ainda mais nas condições da sociedade de hoje que tem mudanças como velocidade cada vez maior. O importante é compreender que as escolhas devem estar em torno do ideal de vida que se baseia nas relações pessoais humanas no projeto de vida comunitária e solidária com os outros. Evitar falsas ilusões.



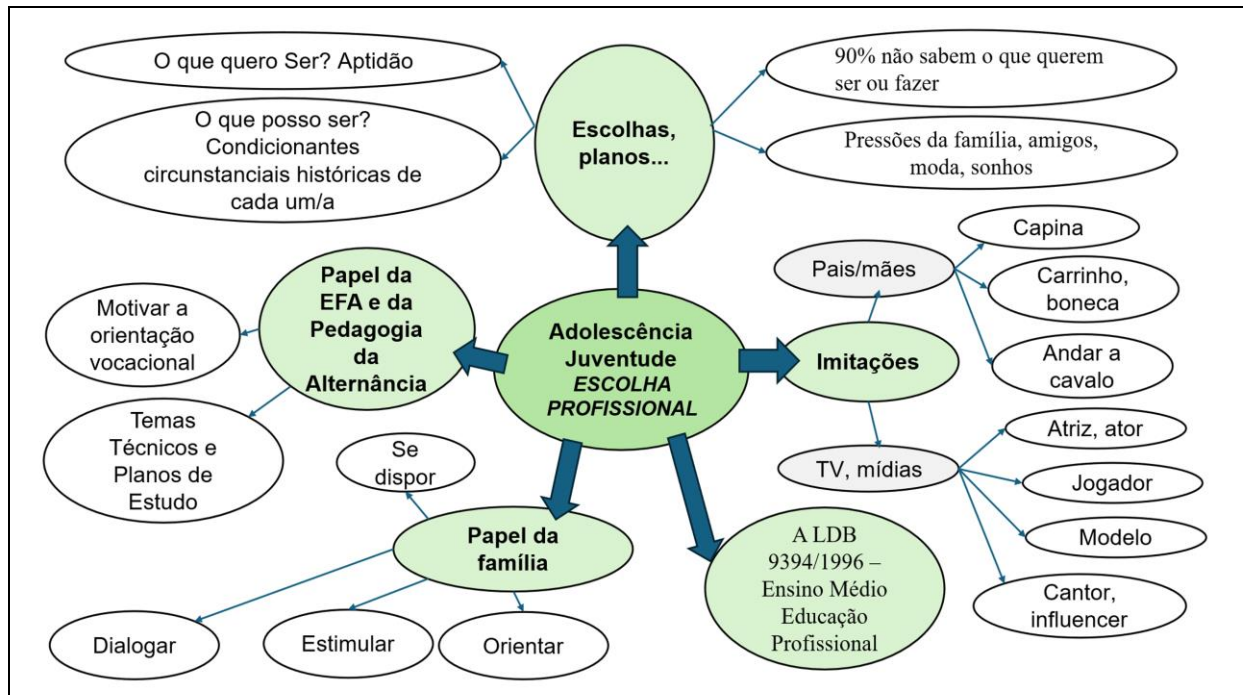
Luana: Na EFA de ensino fundamental II, ao final do 9º ano, os/as jovens são orientados a escreverem um texto onde expressam sua vontade sobre o que fazer no ensino médio e o que gostariam de seguir em termos de orientação vocacional. Podemos falar em uma Carta de Intensões. Esta carta de intensões é chamada de POP – Projeto de Orientação Profissional. É importante que se entenda que não se trata de um projeto técnico de implantação de uma cultura, de uma criação etc. Mas um projeto no sentido de uma orientação para o projeto de vida. **Nesta fase é fundamental que a família motive, oriente e estimule os/as filhos/as a continuarem seus estudos no ensino médio.**

Tomé: O ensino médio e técnico, no caso da EFA, orienta o jovem desde o primeiro ano a elaborar o seu Projeto Profissional.

ATIVIDADE I

Vamos observar e analisar o esquema abaixo?

Adolescência e juventude e os dilemas da escolha profissional



Fonte: Plano de Formação das Famílias. RACEFFAES.

O que nos chama atenção neste esquema acima?

Atividade 2

Apresentar para as famílias as orientações da EFA para a construção do PPJ ou do POP, conforme seu Projeto Político Pedagógico.

- ✓ Quando ele começa?
- ✓ Como ele é orientado?
- ✓ Quem orienta?
- ✓ Quais os passos para a elaboração escrita do PPJ ou POP
- ✓ O que compete ao jovem, aos monitores e à família?
- ✓ Como os Planos de Estudo, as visitas, intervenções externas, estágios, o Caderno da Realidade e as Atividades de Retorno podem contribuir para a escolha do tema e a elaboração do Projeto?
- ✓ Como é feita a avaliação?
- ✓ O que existe em termos de resultados de PPJ implementados?
- ✓ O que se espera do PPJ dos jovens?

✓ Quais os principais desafios e perspectivas do PPJ na EFA?

✓ ...

Texto-base XV - POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A AGRICULTURA FAMILIAR

O texto-base fica livre para a EFA buscar na própria região alguém que possa vir falar sobre políticas públicas para a agricultura familiar. Alguém da Federação dos Trabalhadores na Agricultura – FETAEMG ou alguém da EMATER, ou alguém da Secretaria Municipal de Agricultura.

O que seria importante abordar seja em palestras, textos, vídeos etc.?

- CAR e PRA

CAR - Cadastro Ambiental Rural, instituído pelo Novo Código Florestal, Lei 12.651/2012, consiste no registro público eletrônico das informações ambientais do imóvel rural.

PRA – Plano de Regularização Ambiental – quando a propriedade não atende aos requisitos mínimos previstos na ambiental, ela precisa regularizar. Implantar matas ciliares, plantar árvores para formar a floresta na área da reserva, caso essa área não tenha mata.

CAF (Antiga DAP)

PAA – Programa de Aquisição de Alimentos

PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar

PRONAF – Crédito para a Agricultura Familiar

ATER – Assistência Técnica e Extensão Rural

Sugestão de um vídeo documentário para o grupo assistir e debater.

Texto-base XVI - **ORGANIZAÇÃO PRODUTIVA SOLIDÁRIA NA AGRICULTURA FAMILIAR E ACESSO A MERCADOS**

O texto-base para este tema fica livre.

Ver a um Vídeo documentário sobre economia popular solidária ou organização produtiva, que mostra iniciativas de trabalho associado em cooperativas etc.

Sugestão de vídeo:

“Fazer solidário: a economia solidária”

<https://br.video.search.yahoo.com/search/video?fr=mcafee&ei=UTF-8&p=video+document%C3%A1rio+sobe+economia+popular+solid%C3%A1ria&type=E210BR826G0#id=9&vid=864418c4319ddb585266264372b9e19&action=view>

Convidado externo, preferencialmente membro de uma associação ou cooperativa de agricultores familiares para dar um testemunho de experiência concreta sobre organização produtiva e acesso a mercados públicos institucionais e privado.

REFERÊNCIAS

AMEFA. **Economia Lilás**: Organização produtiva de mulheres rurais. BH: Amefa, 2015.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Vol 2: A Experiência Vivida, Difusão Européia do Livro, 1967.

ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA: Prazer em Conhecer, alegria em conviver. Belo Horizonte: AMEFA, Viçosa: CTA, Anchieta: UNEFAB, 2002.

DE BURGHGRAVE, Thierry. Pedagogia da Participação Social. In **Revista da Formação por Alternância**. N. 3. V.2. Brasília: UNEFAB, 2006.

DICKMANN, Ivanio. **Pedagogia da Liderança**. São Paulo: Editora Dialogar, 2016.
FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Caderno de Formação nº 38**: Método de trabalho de base e organização popular. Acesso: <https://mst.org.br/download/caderno-de-formacao-no-38-metodo-de-trabalho-de-base-e-organizacao-popular/>

GRAMSCI, Antonio. *Socialismo e cultura*. In: **Escritos Políticos**. Ed. Carlos Nelson Coutinho. Edf. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2004.

REDE DAS ASSOCIAÇÕES DOS CENTROS FAMILIARES DE FORMAÇÃO POR ALTERNÂNCIA – RACEFFAES. Plano Nacional de Formação das Famílias. São Gabriel da Palha-ES. S/d.

NOSELLA. Paolo. **Ensino médio: pauta para debate** VI Congresso Municipal de Educação São Paulo, 04 de outubro de 2023

NÚCLEO DE GÊNERO DA AMEFA. **E a mulherada falou**. Belo Horizonte, O Lutador, 2009.

UNIÃO NACIONAL DAS ESCOLAS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS DO BRASIL. Plano Nacional de Formação das Famílias. Anchieta/ES. 1997.

CANCIONEIRO

1 - Escola família

Antônio Baiano

Escola Família
A escola que todos deseja
Que a gente almeja pra ser cidadão
Escola Família
Um jeito novo de aprender
De poder viver nova educação

Somos Escola Família
Que sonha prosperidade
Produção na propriedade
Por isso, sua filosofia,
sua pedagogia é interação.
Une teoria e prática
Faz alternância na educação

Quem vive essa pedagogia
Unindo escola e família
Descobre a integração
A teoria se torna prática
Prática é educação
Pai e mãe se tornam mestres
Na EFA faz construção

Essa semente plantada
Na Agricultura Familiar
Faz nascer nova esperança
Escola comunitária
Nova semente a brotar
Educação libertária
O lema é participar.

2 - A nossa terra é nossa escola

Marquinhos Monteiro/Fábio Carvalho

Cantar o campo é cantar a vida na
roça
É cantarolar o povo que tem
Calo na mão
De lidar com a terra que é nossa
Nossa professora, nossa mãe

Pois é a terra que nos ensina
Que sem a água não há vida
É nossa mãe, é quem germina
Quando a nascente é protegida

Pois é a terra, é quem nos diz

Que sem floresta não há nada
E a nossa mãe só é feliz
Se a natureza é bem cuidada

**Pois é a terra a mãe de quem
Cuida das águas e florestas
Tem o indígena que só faz bem
Ao proteger o que ainda resta**

Tem ribeirinho, tem quilombola
Tem caiçara e camponês
A nossa terra é nossa escola
Por isso eu canto mais uma vez

3 - Xote ecológico

(Luiz Gonzaga)

“Não posso respirar
Não posso mais nadar
A terra está morrendo
Não dá mais pra plantar
E se plantar não nasce
Se nascer não dá
Até pinga da boa é difícil de encontrar

Cadê a flor que estava aqui
Poluição comeu
E o peixe que é do mar
Poluição comeu
E o verde onde é que está
Poluição comeu
Nem Chico Mendes sobreviveu”

4 - Sem medo de ser mulher

Autor: Zé Pinto

Ref: Pra mudar a sociedade / do jeito que a gente quer / participando sem medo de ser mulher (bis).
Porque a luta não é só de companheiros /
Participamos sem medo de ser mulher/
Pisando firme sem pedir nenhum segredo /
Participando sem medo de ser mulher

Pois sem mulher a luta vai pela metade /
Participamos sem medo de ser mulher
Fortalecendo os movimentos populares /
Participando sem medo de ser mulher.
Na aliança operária-camponesa/
Participando sem medo de ser mulher
Pois a vitória vai ser nossa com certeza /
Participando sem medo de ser MULHER.

5 - Vejo a vida passar num instante

Pastor Henrique Vieira

Vejo a vida passar num instante
Será tempo o bastante que tenho pra viver?
Não sei, não posso saber
Quem segura o dia de amanhã na mão?
Não há quem possa acrescentar um milímetro a cada estação
Então, será tudo em vão? Banal? Sem razão?
Seria, sim, seria se não fosse o amor
O amor cuida com carinho, respira o outro, cria o elo
No vínculo de todas as cores, dizem que o amor é amarelo
É certo na incerteza
Socorro no meio da correnteza
Tão simples como um grão de areia
Confunde os poderosos a cada momento

Amor é decisão, atitude
Muito mais que sentimento
Alento, fogueira, amanhecer
O amor perdoa o imperdoável
Resgata dignidade do ser
É espiritual
Tão carnal quanto angelical
Não tá no dogma, ou preso numa religião
É tão antigo quanto a eternidade
Amor é espiritualidade
Latente, potente, preto, poesia
Um ombro na noite quieta
Um colo para começar o dia
Filho, abraça sua mãe
Pai, perdoe seu filho
Pais é reparação, fruto de paz
Paz não se constrói com tiro
Mas eu o miro, de frente, na minha fragilidade

Eu não tenho a bolha da proteção
Queria guardar tudo que amo
No castelo da minha imaginação
Mas eu vejo a vida passar num
instante
Será tempo o bastante que tenho para
viver?
Eu não sei, eu não posso saber
Mas enquanto houver amor

6 - Ordem e Progresso (Zé Pinto)

- Esse é o nosso país
Essa é a nossa bandeira
É por amor a essa pátria Brasil
Que a gente segue em fileira
- Queremos que abrace essa terra
Por ela quem sente paixão
Quem põe com carinho a semente
Pra alimentar a nação
Quem põe com carinho a semente
Pra alimentar a nação
Amarelos são os campos floridos
As faces agora rosadas
Se o branco da paz se irradia
Vitória das mãos calejadas

7 - Momento Novo (Zé Vicente)

Deus chama a gente pra um momento
novo
de caminhar junto com o seu povo.
é hora de transformar o que não dá
mais
sozinho, isolado, ninguém é capaz.

**Por isso vem entrar na roda com a
gente também, você é muito
importante.
por isso vem entrar na roda com a
gente também, você é muito**

Eu mudarei o curso da vida
Farei um altar para comunhão
Nele eu serei um com o mundo
Até ver o ubuntu da emancipação
Porque eu descobri o segredo que me
faz humano
Já não está mais perdido o elo
O amor é o segredo de tudo
E eu pinto tudo em amarelo

Se o branco da paz se irradia
Vitória das mãos calejadas
- Queremos mais felicidades
No céu deste olhar cor de anil
No verde esperança sem fogo
Bandeira que o povo assumiu
No verde esperança sem fogo
Bandeira que o povo assumiu
A ordem é ninguém passar fome
Progresso é o povo feliz
A Reforma Agrária é a volta
Do agricultor à raiz
A Reforma Agrária é a volta
Do agricultor à raiz.

importante. vem!!!

Não é possível crer que tudo é fácil
há muita força que produz a morte
gerando dor, tristeza e desolação.
é necessário unir o cordão.

A força que hoje faz brotar a vida
habita em nós pela sua graça.
é ele quem nos convida pra trabalhar,
o amor repartir e as forças juntar.

8 - Não Vou Sair do Campo (Gilvan Santos)

- Não vou sair do campo
Pra poder ir pra escola
Educação do campo
É direito e não esmola
- O povo camponês
O homem e a mulher
O negro quilombola
Com seu canto de afoxé
Ticuna, Caeté
Castanheiros, seringueiros
Pescadores e posseiros
Nesta luta estão de pé
- Cultura e produção
Sujeitos da cultura

A nossa agricultura
Pro bem da população
Construir uma nação
Construir soberania
Pra viver o novo dia
Com mais humanização
- Quem vive da floresta
Dos rios e dos mares
De todos os lugares
Onde o sol faz uma fresta
Quem a sua força empresta
Nos quilombos nas aldeias
E quem na terra semeia
Venha aqui fazer a festa

9 - Educação do Campo (Gilvan Santos)

A educação do campo, do povo agricultor
Precisa de uma enxada, de um lápis e de um trator
Precisa do educador pra trocar conhecimento
O maior ensinamento é a vida e seu valor.

**Dessa história nós somos os sujeitos
Lutamos pela vida, pelo que é de direito.
As nossas marcas se espalham pelo chão
A nossa escola, ela vem do coração.**

Se a humanidade produziu tanto saber
O rádio, a ciência e a cartilha do ABC
Mas falta empreender a solidariedade
Soletrar essa verdade, está faltando acontecer.

